



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

LÍVIA BORGES SOUZA MAGALHÃES

**PAPÉIS QUE NARRAM: UMA HISTÓRIA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA
BAHIA CONTADA PELOS DOCUMENTOS DO ACERVO DA ABADIA BAIANA**

Salvador
2018

LÍVIA BORGES SOUZA MAGALHÃES

**PAPÉIS QUE NARRAM: UMA HISTÓRIA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA
BAHIA CONTADA PELOS DOCUMENTOS DO ACERVO DA ABADIA BAIANA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura
do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos
requisitos para obtenção do título de Doutor.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alícia Duhá Lose

Salvador
2018

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Borges Souza Magalhães, Livia
PAPÉIS QUE NARRAM: UMA HISTÓRIA DO MOSTEIRO DE SÃO
BENTO DA BAHIA CONTADA PELOS DOCUMENTOS DO ACERVO DA
ABADIA BAIANA / Livia Borges Souza Magalhães. --
Salvador, 2018.
128 f. : il

Orientadora: Alicia Duhá Lose.
Tese (Doutorado - Língua e Cultura) -- Universidade
Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2018.

1. Filologia. 2. Edição Digital. 3. Mosteiro de São
Bento da Bahia. I. Duhá Lose, Alicia. II. Título.

Dedico esta tese aos meus pais como um agradecimento especial por todo esforço (que eu sei que não foi pequeno!) e dedicação para que eu tivesse uma educação que me capacitasse a ***ser alguém.***

AGRADECIMENTOS

Agradeço por essa vida maravilhosa, rodeada de pessoas especiais... um presente e tanto que Deus me deu e, por isso, sou eternamente grata a Ele!

Agradeço aos meus pais, Conceição e Luiz, pela educação, formação, criação, investimento e, principalmente, pela paciência, pelo companheirismo e por acreditarem tanto em mim. Amo vocês.

Ao meu irmão, Leandro, pelas dúvidas históricas sanadas, por todas as vezes que você passava pela porta do quarto de madrugada perguntando se eu queria ajuda e... e por você ser MEU irmão.

À minha vó Maria (*in memoriam*), porque eu sei que aquela bênção que eu tomava todos os dias quando falava com a senhora continua sendo enviada a mim e fazendo a diferença mais do que significativa.

À tia Eliene, por todo carinho e preocupação. A senhora me enche de orgulho e eu sou muito grata por poder acompanhar a sua jornada!

À tia Mitilha, porque é a senhora, com toda a sapiência dos seus mais de 100 anos de vida, que me lembra sempre que eu não sei nada. Esse ensinamento fundamental para seguir nessa jornada de aprendizagem que é viver.

À Ângela, por ser o melhor ouvido, o melhor coração e a melhor alma ... SEMPRE!

A Pablo, pela paciência de sanar todas as dúvidas tecnológicas. Eu não teria conseguido sem você, Pablito!

À Tainã, a mais antiga das amigas, por compartilhar a vida e, conseqüentemente, os sofrimentos acadêmicos, mesmo que em áreas tão diferentes.

Aos professores *dos tempos de escola*, Marcos Moisés, Páscasia Coelho, Tânia, Rosana Paim e Márcio Domenico, porque foi com eles que eu aprendi a amar as linguagens.

À minha orientadora, Alícia, porque ela também acreditou em mim quando eu pensei em desistir. Seu apoio incondicional e sua amizade foram fundamentais para conclusão deste trabalho. Tenho muito orgulho de aprender o que aprendi contigo e se algum dia eu for 10% do que você é para a Memória da Bahia, serei o ser humano mais feliz do mundo.

À professora Célia Telles, pelos ensinamentos, pela formação, pelas aulas maravilhosas e pelos mais deliciosos abraços que já recebi na vida.

Aos professores Ari e Rosa, porque vocês também foram fundamentais na minha formação.

Aos monges do Mosteiro de São Bento, pela confiança de entregar esse acervo de valor inestimável para a produção da pesquisa. Deixo um agradecimento especial a Dom Anselmo, pela paciência de sanar todas as dúvidas que apareciam durante o trabalho e abrir as portas do arquivo.

À Letícia, pelas melhores risadas e por cuidar tão bem da Biblioteca do Mosteiro.

Aos amigos que a UFBA me deu, em especial a Aldacelis, Marla, Marília, Edna, Ton, Lisana, Perla, André e Flávia, pela companhia na caminhada acadêmica e pela torcida para que o trabalho se concretizasse.

Aos amigos Tamires e Rafael, porque vocês são essenciais! Agradeço muitíssimo por toda ajuda, parceria e preocupação.

Aos membros da banca pela disponibilidade de ler, avaliar e contribuir para a conclusão da minha pesquisa.

Aos funcionários da pós, em especial a Thiago e Ricardo, pela paciência e auxílio constantes.

Muito obrigada!

RESUMO

Tese de doutorado em um volume. Inicia-se com uma breve explanação sobre a vinda dos monges beneditinos para Salvador, o acervo bibliográfico e documental e o processo desenvolvido para a realização das pesquisas em tal acervo, com um destaque para o *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia*, motivador da produção de uma edição digital. Explicita-se a observação que permitiu. *Tese de doutorado em um volume.* Iniciou-se com uma explanação sobre a vinda dos monges beneditinos para Salvador, pontuando a formação do acervo bibliográfico e documental, bem como o processo para a realização das pesquisas em tal acervo, com um destaque para o *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia*, motivador da produção de uma edição digital. Explicita-se a observação de que os documentos do Arquivo Histórico da abadia beneditina dialogam entre si, permitindo a criação de elos para interligar ligar essa documentação e fazer com que ela, por si, conte a história da abadia baiana. Como recorte, escolheu-se os documentos já trabalhados pelo grupo de pesquisa *Studia Philologica*, da Universidade Federal da Bahia. Escreveu-se uma seção dedicada à análise do cenário de surgimento das edições digitais, destacando o leitor e a leitura, o mercado editorial e a Filologia no mundo tecnológico. Produziu-se, ainda, uma análise das designações utilizadas para tratar de cada uma dessas edições. A última parte do trabalho apresenta um levantamento das edições digitais já produzida por pesquisadores baianos, para, então, apresentar a edição *Papéis que narram*, disponível no site www.papeisquenarram.com.br.

Palavras-chave: Mosteiro de São Bento da Bahia. Edição Digital. Filologia.

ABSTRACT

PhD thesis in one volume. It began with an explanation about the arrival of the Benedictine monks in Salvador, addressing the formation of the bibliographic and documentary archive as well as the process for the realization of the researches in such holdings, highlighting the *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia*, which motivated the production of a digital edition. The observation that the documents of the Historic Archive of the Benedictine abbey dialogue between each other was made explicit, allowing to create strong bonds capable of connecting these documents and make them, by themselves, tell the history of the abbey. As scope, documents already dealt with by the research group *Studia Philologica*, of the Federal University of Bahia, were chosen. A section dedicated to the analysis of the birth scenario of digital editions was written, highlighting the reader and reading, editorial market and Philology in technological world. An analysis of the designations used to treat each one of them was performed. The last part of the work consists of an assessment of the digital editions already made by researchers from Bahia, to introduce, then, the edition *Papéis que narram*, available in the website www.papeisquenarram.com.br.

Keywords: Benedictine Monastery of Bahia. Philology. Digital Edition.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	15
2.1	A ABADIA BAIANA	16
2.2	UMA HISTÓRIA NADA INTERESSANTE	22
2.3	O ENCONTRO COM O LIVRO DE CRÔNICAS DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA: O DIVISOR DE ÁGUAS	25
2.3.1	Conhecendo o objeto: descrição do <i>Livro De Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia</i>	26
2.3.2	Uma nova (não tão nova) pesquisa no acervo do Mosteiro de São Bento da Bahia	44
3	ABRINDO AS PORTAS PARA A EDIÇÃO DIGITAL	48
3.1	O MUNDO EM MUDANÇA	49
3.1.1	O leitor e a leitura no novo mundo	52
3.1.2	O mercado editorial no novo mundo	54
3.2	A FILOLOGIA NO NOVO MUNDO	62
3.2.1	A edição digital	69
3.2.1.1	Entender o texto digital	69
3.2.1.2	Entender a edição digital	72
4	A FILOLOGIA DIGITAL NA BAHIA	83
4.1	LEVANTAMENTO DAS EDIÇÕES DIGITAIS PRODUZIDAS POR PESQUISADORES BAIANOS	86
4.2	DESCRIÇÃO DA EDIÇÃO: UMA NOVA PROPOSTA	100

4.2.1	O site: www.papeisquenarram.com.br	101
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
	REFERÊNCIAS GERAIS	110
	REFERÊNCIAS DAS IMAGENS	115
	APÊNDICE	117



1 INTRODUÇÃO

Um passeio pela cidade de Salvador: descer a Avenida Sete de Setembro, a mais antigas avenidas da cidade, em direção ao Centro Histórico. Lá pelas tantas, próximo ao final do passeio, vislumbra-se uma cúpula azul imponente e, ao chegar mais perto, percebe-se a existência de uma torre de sino, acima dela, uma imagem: São Bento, o patriarca da casa, indicando exatamente o local em questão: o Mosteiro de São Bento da Bahia.

Fig. 1: Cúpula da Igreja de São Bento da Bahia



Fonte: Mosteiro de São Bento da Bahia (Foto BINDILATTI, 2016)

A construção secular, em estilo neoclássico, salvaguarda um patrimônio cultural de valor inestimável, constituído tanto de bens imateriais como, por exemplo, transposição e manutenção de tradições medievais para o solo baiano; bem como de bens materiais, caracterizados pela construção do prédio e tudo o que está diretamente ligado a ele: a igreja, a clausura, o museu, a biblioteca e o colégio.

A história de existência do monastério de Salvador cruza-se com a história da própria cidade, uma vez que ela não tinha nem 100 anos quando ele foi erguido, tornando-se personagem ativo dos fatos ocorridos na Cidade da Baía, como, por exemplo, a invasão

holandesa, ocorrida em 1624, quando o mosteiro foi transformado em um quartel dos invasores; as determinações de Marquês de Pombal de extinguir a existência de ordens religiosas do Brasil, quando o monastério figurou como polo de resistência; ou ainda a resistência pela manutenção da basílica de São Sebastião quando o governador José Joaquim Seabra determinou a sua demolição para dar lugar à modernidade, construindo a Avenida Sete de Setembro.

Essa importância cultural, social e histórica é o que motiva qualquer trabalho de cunho memorialístico no Mosteiro de São Bento da Bahia e pode ser associado ao desejo de preservar e dar a conhecer, exatamente os aspectos motivadores deste trabalho, cuja proposta principal é construir uma edição capaz de colocar em diálogo os documentos do arquivo histórico da instituição que foram editados pelo grupo de pesquisa *Scripta Philologica*, formado por pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

A edição em questão só é possível em função dos avanços da Ciência da Computação, da Engenharia da Computação e dos Sistema de Informação, que, em um processo constante de crescimento, oferecem computadores mais modernos e programas acessíveis que, conseqüentemente, tornam-se elementos cruciais nas práticas científicas não sendo diferentes para as Ciências Humanas. Vale destacar, inclusive, que um reflexo direto desse processo evolutivo das máquinas é o rompimento das barreiras dos limites das ciências. Este trabalho, por exemplo, tem cunho filológico, mas na construção teórica encontrou-se embasamento na Física, na Publicidade e na História, diálogos necessários para a compreensão do objeto por ora estudado: a edição digital.

As discussões estão apresentadas em sete seções, sendo a primeira a Introdução, na qual apresenta-se, de maneira objetiva, o tema a ser abordado no trabalho e as seções que o compõe. Já na segunda, intitulada *O processo de construção da pesquisa*, há um aprofundamento no tema, apresentando desde o percurso histórico de constituição da pesquisa até pontuar os recortes feitos no objeto de estudo para produção da edição.

Abrindo as portas para a edição digital é a terceira seção. Nela firma-se as mudanças que a sociedade tem apresentado em função do crescimento da tecnologia, analisando, também, as influências na formação de leitores e na prática de leitura. Além disso faz-se uma reflexão sobre as denominações utilizadas para as edições que fazem uso do hipertexto, justificando a escolha da denominação edição digita e fazendo uma análise sobre o leitor e a leitura no século XXI, bem como do hipertexto e das edições que fazem uso desse recurso.

A filologia digital na Bahia, quarta seção, é formada por um levantamento e análise das edições digitais produzidas por pesquisadores baianos, funcionando como um estudo do estado arte. *Papéis que narram: descrição da edição* é a quinta seção e é formada, basicamente, pela

descrição da edição digital. Ela é seguida da sexta seção, na qual se apresenta as *Considerações Finais*, mas não é o fim do trabalho, visto que, nela figura um convite para que o leitor acesse o site www.papeisquenarram.com.br, onde o leitor encontrará a edição digital dos documentos do acervo do Mosteiro de São Bento da Bahia

Destaca-se, ainda, a existência de um apêndice intitulado *Ode à tecnologia*, uma vez que houve um desejo imenso de agradecer à tecnologia por todas as possibilidades/melhorias que ela tem proporcionado, inclusive para produção deste trabalho.

2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Escolher um objeto de estudo não é uma tarefa fácil, contudo, é uma etapa crucial, pois é ele quem dita o ritmo da pesquisa, os elementos a serem encontrados e, uma má escolha, além de ser frustrante, pode levar a pesquisa ao caminho do fracasso. Na seção ora apresentada, faz-se uma apresentação do Mosteiro da Bahia e descrição dos passos dados desde o começo da pesquisa no acervo beneditino para, então, apresentar a proposta escolhida neste trabalho.

2.1 A ABADIA BAIANA

Era 29 de março de 1549 quando aportou na Baía de Todos os Santos uma armada formada por três navios, duas caravelas e um bergatim. Nela estavam 1000 homens e, dentre eles, o comandante de tal armada, Thomé de Souza. Ele cumpria a ordem do regimento de Dom João III para “enobrecer as Capitanias e povoações das terras do Brasil e dar ordem e maneira com que melhor e mais seguramente se possam ir povoando, para exaltamento de nossa Santa Fé” (REGIMENTO..., 1548). Esse mesmo regimento o transformava em governador-geral do Brasil e indicava a necessidade da construção de uma cidade-fortaleza, fazendo nascer a cidade de São Salvador da Bahia de Todos os Santos.

Fig. 2: Painel de azulejos portugueses representativo do marco de fundação da cidade de Salvador



Fonte: BAHIA..., 2016

A cidade de Salvador de 1549 ficava na região onde, atualmente, está localizada a Rua Chile. Ela era cercada por todos os lados e apresentava dois portões: o de Santa Luzia, ao norte, onde hoje é a Praça Castro Alves; e, ao sul, o de Santa Catarina, no começo da atual Rua da Misericórdia.

Devoto de Nossa Senhora da Conceição, o Governador logo mandou edificar, na praia, uma capela para veneração à santa e, posteriormente, os jesuítas que estavam presentes na armada ergueram mais uma capela dentro das cercanias da cidade, dessa vez, em honra de Nossa Senhora da Ajuda, firmando a força da fé católica em solo brasileiro.

Pouco a pouco, o sucesso do povoamento foi aparecendo e, no final do século XVI, a população de Salvador chegava a quase 10 mil pessoas, destacando a cidade como mais um possível polo de catequese cristã no Novo Mundo.

A ordem de São Bento foi a primeira a ser instituída na Igreja Católica, responsável pela defesa da fé cristã em relação aos povos da religião muçulmana, recém-criada por Maomé no século VI [...] Os beneditinos chegaram a administrar mais de 130 mosteiros em Portugal, cada um governado por um abade vitalício, porém, a partir do início do século XV, começou a decadência da disciplina monástica, com o aparecimento e ascensão dos abades comendatários perpétuos.[...] em 22 de julho de 1569, o Santo Padre Papa Pio V concedeu bulas, outorgando o título e a dignidade da Abadia de Tibães, como casa cabeça de uma nova congregação, reunindo todos os mosteiros beneditinos de Portugal e designando o Padre Frei Pedro de Chaves como abade geral por dez anos, o que determinou a abertura do primeiro Capítulo Geral em Portugal. (PERES, 2011, p. 107-108)

A segunda reunião do capítulo ocorreu cinco anos depois da primeira e teve como objetivo a estabelecer as reformas da ordem. Dentre os pontos expostos estava o desejo de retomar as ações missionárias dos beneditinos e, por isso, os monges colocaram-se à disposição do então rei, Dom Sebastião, para criar mosteiros em qualquer lugar que ele desejasse, o chamado *Exequatur*. E foi assim, cumprindo uma ordem, que eles enviaram o Frei Pedro de São Bento Ferraz para buscar as terras necessárias para o novo mosteiro, sendo elas conseguidas em 10 de junho de 1581, possibilitando que em 7 de outubro do mesmo ano, na quarta reunião do capítulo, houvesse a deliberação de fundação do Mosteiro de São Bento da Bahia, “originando assim a Congregação Luso-Brasileira” (PERES, 2011, p. 108).

Nove monges foram escolhidos para construir o mosteiro do Novo Mundo. Ao chegar em Salvador, em 1582, eles fixaram-se na cercania da ermida de São Sebastião enquanto aguardavam o erguimento da abadia e, em 1584, passaram a habitar no primeiro monastério das Américas.

Fig. 3: Reconstituição da planta de Salvador de 1600 feita pelo monge Paulo Lachenmayer, em 1945, seguindo indicações de Wanderley Pinho, tiradas do Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento com destaque para o Mosteiro de São Bento



Fonte: GUIA..., 2016.

A vinda dos monges para o solo soteropolitano significou a transposição de tradições medievais para a Bahia, isso porque a vida monástica é regida pela Regra de São Bento, um documento cunhado no século VI que pode ser entendido como um manual da vida nos mosteiros, pois cuida de detalhes específicos como, por exemplo, o horário em que os monges devem acordar, quando devem ser feitas as orações e, até mesmo, como se devem recepcionar os hóspedes nas abadias.

Dentre as práticas estabelecida por São Bento, ele estabelece a obrigação dos monges de dedicarem algumas horas de sua vida para a leitura, pois "A ociosidade é inimiga da alma; por isso, em certas horas devem ocupar-se os irmãos com o trabalho manual, e em outras horas com a leitura espiritual" (SÃO BENTO, 1980). Ora, se existe a obrigação de leitura, precisa haver material para leitura e um espaço específico para armazenar esse material. Assim nasce a ligação direta entre os mosteiros beneditinos e os *scriptoria* e as bibliotecas.

O Mosteiro de São Bento da Bahia, desde a sua fundação, foi agraciado com uma biblioteca que foi crescendo ao longo dos séculos. Seu acervo é formado por

[...] documentos manuscritos que datam desde o séc. XVI, entre eles se encontram: bulas papais, cartas de profissão dos monges, sermões, dietários com a história de todos os monges desde a fundação do Mosteiro, documentos relativos à vida privada do Mosteiro, documentos de Catarina Paraguaçu, cartas de alforria de escravos, documentos de compra e venda de escravos, documentação relativa às propriedades de toda a região metropolitana de Salvador, livros de pedidos de oração, entre diversos outros documentos, com os mais variados temas e estilos (ANDRADE; LOSE, 2007, p. 19).

Esses documentos são acondicionados em três setores:

[...] Setor de Referência, onde ficam obras impressas do séc. XIX ao XXI, com boa parte dos títulos já catalogadas na base de dados informatizada e disponíveis para empréstimo e consulta [...] (ANDRADE, 2010, p. 57)

Fig. 4: Acervo geral da Biblioteca do Mosteiro de São Bento da Bahia



Fonte: MAGALHÃES, 2016 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

[...]o Setor de Obras Raras (no Centro de Documentação e Pesquisa do Livro Raro Dr. Norberto Odebrecht), com obras impressas do séc. XVI ao XIX, às quais apenas pesquisadores previamente autorizados têm acesso [...] (ANDRADE, 2010, p. 57).

Fig. 5: Setor de obras raras da Biblioteca do Mosteiro de São Bento da Bahia



Fonte: MAGALHÃES, 2016 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

[...] o Arquivo do Mosteiro, onde ficam todas as obras mais preciosas, por sua raridade e antiguidade, todos os textos manuscritos, e os documentos relativos à ordem monástica e a sua sede, também de acesso restrito a pesquisadores autorizados. Tal Arquivo, que até pouco tempo se encontrava em um espaço interno, em ambiente de clausura, agora está sendo deslocado para uma sala especial no interior da Biblioteca, onde foram instalados arquivos deslizantes confeccionados sob medida para este fim. (ANDRADE, 2010, p. 57).

Fig. 6: Arquivo histórico da Biblioteca do Mosteiro de São Bento da Bahia



Fonte: MAGALHÃES, 2016 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

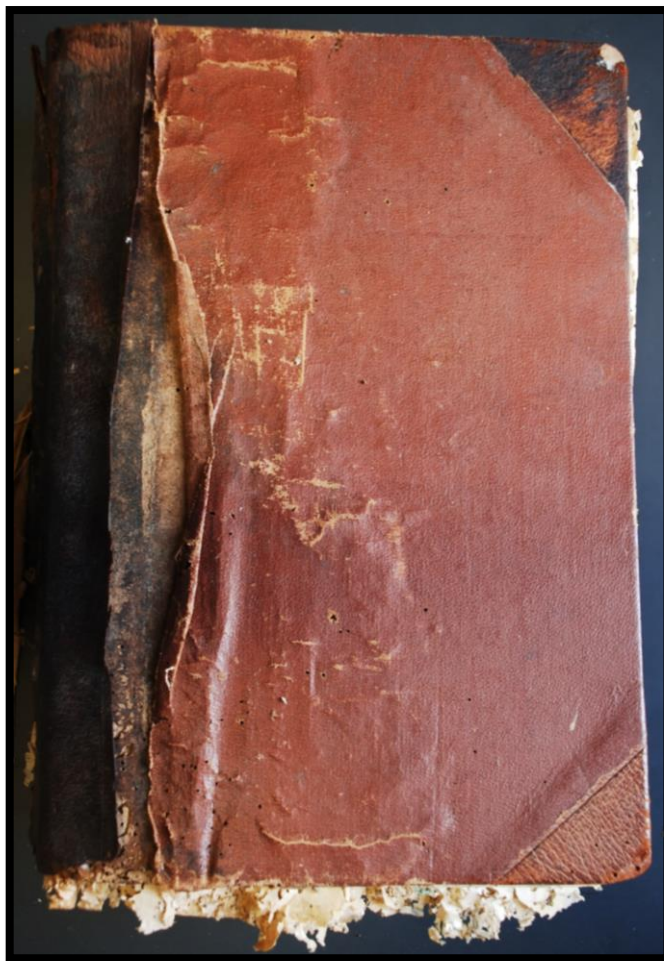
Foi exatamente nesse acervo que Alícia Duhá Lose, então professora da Universidade Salvador (Unifacs) e professora substituta da disciplina Técnica de Pesquisa do curso de Letras da UFBA, foi convidada a participar da equipe de professores da Faculdade São Bento da Bahia e, concomitantemente, realizar pesquisas no acervo do Mosteiro de São Bento da Bahia, então mantenedor da faculdade. Ela aceitou o convite e, paulatinamente, foi atraindo alunos de iniciação científica para auxiliar no desenvolvimento de pesquisas que, pouco a pouco, foram sendo ampliadas, pois os monges, confiantes e satisfeitos com os trabalhos, começaram a entregar cada vez mais de suas preciosidades documentais para serem estudadas.

2.2 UMA HISTÓRIA NADA INTERESSANTE

Em 2008, a pesquisadora responsável por essa tese entrou para o já formado grupo que há época era chamado Grupo de Pesquisa do Mosteiro de São Bento da Bahia por meio de um convite feito por uma colega Marla Oliveira Andrade. Aquela foi iniciada nas pesquisas como uma das mãos responsáveis pela edição do *Livro II do Tombo*, o terceiro livro de uma coleção de livros que salvaguardam em si documentos notarias referentes ao patrimônio da abadia baiana.

Apesar de os monges preservarem relativamente bem o acervo documental, em 2009, um pequeno incêndio, provocado por uma pane elétrica em um desumidificador instalado no Arquivo Histórico da instituição, então localizado na clausura do mosteiro, ocasionou o encontro de Alícia com um livro em estado complicadíssimo de conservação. Ela achou, inicialmente, que poderia ser mais um volume da Coleção de Livros do Tombo, contudo, após alguns meses de manuseio e limpeza – o livro teve que passar por um processo longo de higienização e de remoção de uma camada de papel de seda que havia sido colada sobre todas as folhas do volume –, percebeu que se tratava de um documento completamente diferente, posto que nele apareciam alguns nomes de localidades, pessoas, como se fossem contratos.

Fig. 7: Capa do Livro de Aforamentos do Mosteiro de São Bento da Bahia

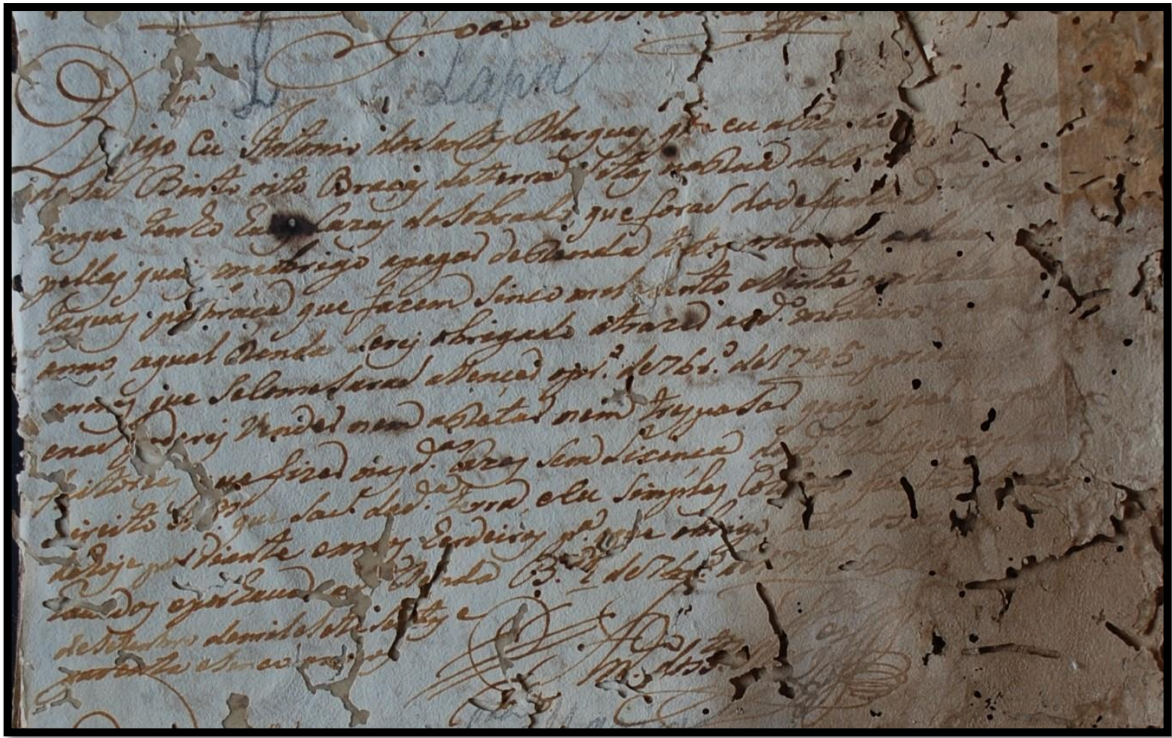


Fonte: MAGALHÃES, 2009 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

A incumbência de pesquisar sobre o códice recaiu sobre a autora desta tese que, inicialmente, recebeu com afronta aquele objeto de estudo em estágio tão deplorável de conservação, mas, posteriormente, conseguiu entender a importância do trabalho.

O códice é o primeiro *Livro de Aforamentos do Mosteiro de São Bento da Bahia*. Explica-se: as instituições religiosas, como o arcenóbio baiano, recebiam muitas doações de terras e, muitas vezes, não tinham como fazer uso e controle de todas elas, por isso, passavam o controle dessas terras a outra pessoa comunidade mediante o pagamento de um imposto chamado de laudêmio. Ao contrato de doação de uso de solo a outrem com o pagamento do laudêmio, a esse processo dá-se o nome de aforamento ou enfiteuse.

Fig. 8: Contrato de aforamento presente no fólío 11v do Livro de Aforamentos do Mosteiro de São Bento da Bahia



Fonte: Mosteiro de São Bento da Bahia (foto de MAGALHÃES, 2009)

Fig 9: Imagem com a transcrição do contrato de aforamento presente no fólío 11v do Livro de Aforamentos do Mosteiro de São Bento da Bahia

1	<i>Lapa</i> Digo Eu Antonio dos Santos Marques que eu arendo dos [#] deSaõ Bento oito Braças deterra Sitas naRua deN(ossa) /S(enho)ra daLapa emque tenho humas Cazas deSobrado, que foraõ dodefunto[#] 5 pellas quais meobrigo apagar deRenda todos osannos a[#] caguas por braça que fazem sinco [†]sentos eVinte /por cada [#] anno, aqual renda serey obrigado atrazer aod(it)o mosteiro /todos os/ annos que secomeseirão avenção ap(arti)r de7(mbro) de 1745 por diante [#] enao poderey vender nem aretar nem tresázar quais quel /bem/[#] 10 feitorias quefizer nas d(it)as cazas sem Licença dos d(i)tos Religiozos [#] direito (...) que são dad(i)ta terra eeuSimples Colonio que fico [#] de hoje por diante emeus herdeiros p(ara) (...) obrigo todos os [#] (...) epor (...) arenda 3 de7(mbro) de 1745 [#] desetembro demilsete Sentos e quarenta esinco annos 15 <i>Antonio dos S(an)tos Marq(ues)</i>
---	--

Fonte: MAGALHÃES, 2009

As pesquisas com o Livro de Aforamentos renderam a monografia *Pequenas Análises com o Livro de Aforamentos do Mosteiro de São Bento da Bahia*, apresentada em 2010 como trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Letras Vernáculas. A finalização da pesquisa trouxe dois sentimentos para pesquisadora: a sensação de gratidão a Alícia por ter entregue aquele códice para estudo e, paralelamente, ao códice, pois foi com ele que houve o aprendizado prático de paleografia, diplomática, preservação, edição filológica, crítica textual e manuseio de acervo; e a sensação de dever cumprido e merecedor de uma recompensa: o direito de escolher pessoalmente o novo objeto de estudo.

2.3 A ESCOLHA: O ENCONTRO COM O LIVRO DE CRÔNICAS DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA

O processo de escolha do *Livro de Crônicas* iniciou-se com visitas despretensiosas ao Arquivo Histórico do mosteiro baiano, agora um dos setores que compõe a biblioteca da instituição. Ele é formado pelas “as obras mais preciosas, por sua raridade e antiguidade, todos os textos manuscritos, e os documentos relativos à ordem monástica e a sua sede, também de acesso restrito a pesquisadores autorizados.” (ANDRADE, 2010, p. 57)

Tal passeio pelas prateleiras despertou o que Derrida (2001, p. 118-119) chama de *mal de arquivo*

A perturbação do arquivo deriva de um mal de arquivo. Estamos com mal de arquivo (en mal d'archive). Escutando o idioma francês e nele, o atributo ‘en mal de’, estar com mal de arquivo, pode significar outra coisa que não sofrer de um mal, de uma perturbação ou disso que o nome ‘mal’ poderia nomear. É arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde. É correr atrás dele ali onde, mesmo se há bastante, alguma coisa nele se arquiva. É dirigir-se a ele com desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia do retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto. Nenhuma paixão, nenhuma pulsão, nenhuma compulsão, nem compulsão de repetição, nenhum ‘mal-de’, nenhuma febre, surgirá para aquele que, de um modo ou outro, não está com mal de arquivo.

As idas ao arquivo do mosteiro foram realizadas, inicialmente, com o objetivo de encontrar o documento, resgatando uma noção positivista na qual, segundo Le Goff (2003, p. 526), documento é “o fundamento do fato histórico”. Pretendia-se, nas buscas, descobrir o documento revolucionário, aquele que seria uma grande prova histórica. Entretanto, cada visita gerava uma descoberta e cada descoberta aguçava ainda mais a percepção da importância do

acervo beneditino, ocasionando a conscientização de que o Arquivo, por si só, era a fonte, fazendo com que os olhos da pesquisadora se voltassem para a própria instituição.

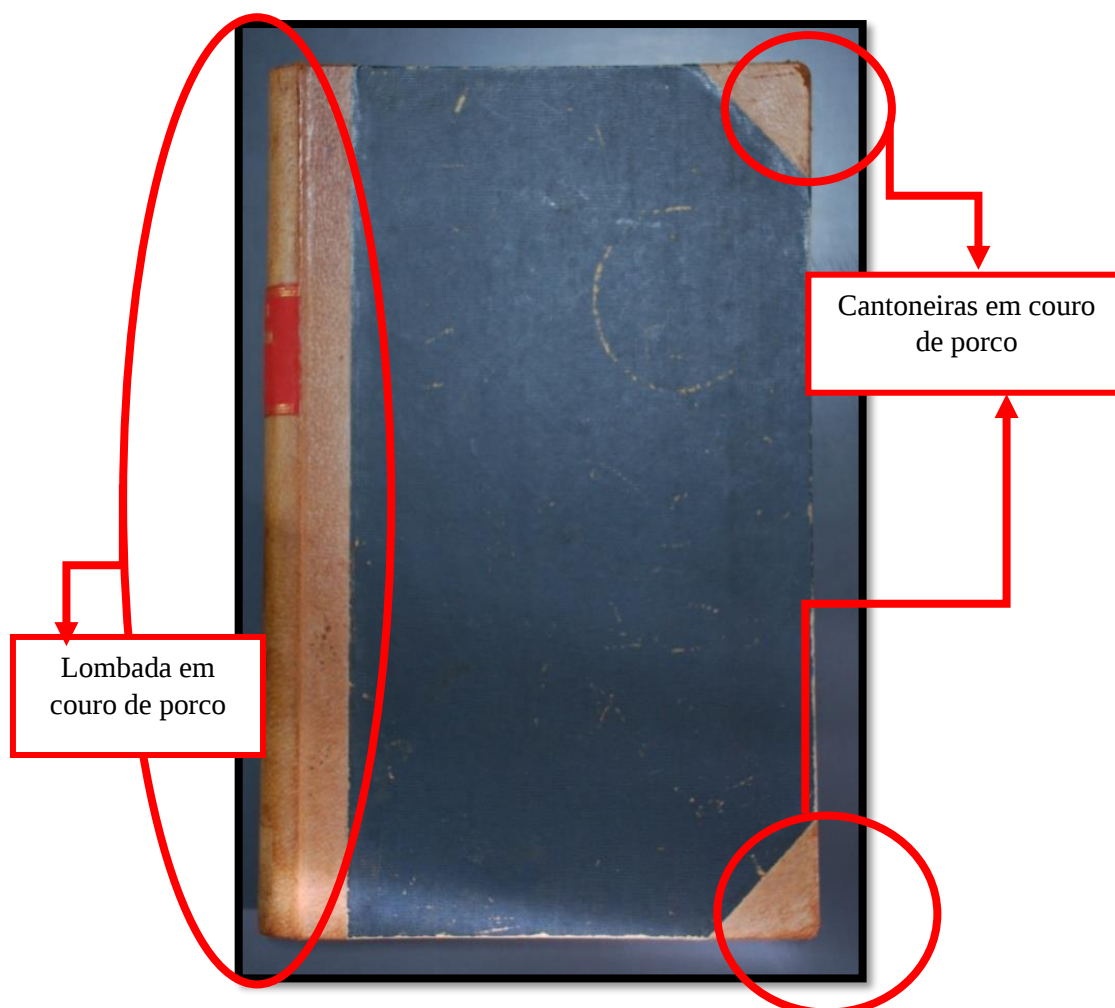
Assim, descobre-se, nas prateleiras, um códice que funciona como um registro de como a abadia baiana mantém as normas estabelecidas pelo patriarca São Bento para o bom funcionamento dos monastérios da ordem. Além disso, o documento, em tom narrativo, poderia ter muito a contar sobre a casa. Eis então que se fez a escolha pelo Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia (1920-34) como novo objeto de estudo.

2.3.1 Conhecendo o objeto: descrição do *Livro De Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia*

Sempre que se realiza pesquisa em acervos, é necessário fazer, inicialmente, uma descrição detalhada dos objetos em estudo. Tal prática advém do fato de que os leitores do trabalho não terão acesso direto documento, mas precisam conhecê-lo. A subseção ora apresentada é quase uma repetição da seção com esse mesmo fim contida na dissertação *Fazendo filologia entre tags e dígitos binários: uma proposta de edição do Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia*. Isso ocorre porque a descrição do códice é objetiva e faz-se necessário disponibilizá-la aos leitores de agora para que eles conheçam o códice em questão.

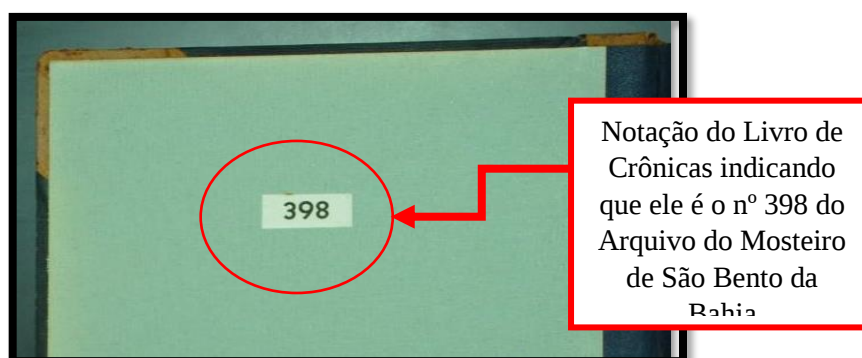
Armazenado sob o número 398º, de acordo com a numeração organizacional dos documentos e livros do arquivo da instituição beneditina baiana, o *Livro de Crônicas*. Ao longo do documento tem-se o registro de cinco *scriptores*, entretanto, o mais produtivo deles, entenda-se, aquele responsável pelo registro de boa parte do textos presentes no manuscrito, foi Bernardo Posch. Tal afirmação é embasada em uma inscrição encontrada em um outro manuscrito do acervo beneditino. Apresenta-se, então, as características documentais a serem pontuadas nessa seção:

Fig. 9: Capa do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia* – 1920/1934



Fonte: MAGALHÃES, 2009 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

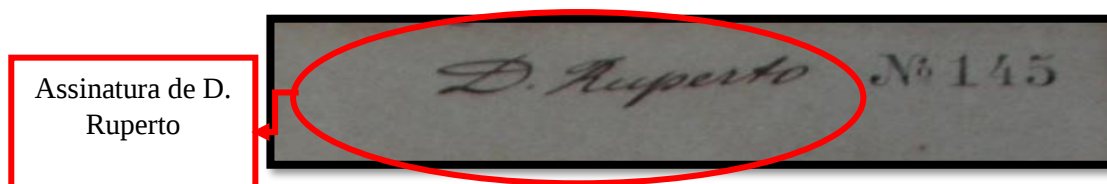
Fig. 10: Folha de guarda do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia* – 1920/1934



Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

Os fólhos são rubricados (Fig. 5), no ângulo superior direita do recto, por D. Ruperto Rudolph que, segundo informação presente no códice^a, era o Reitor do Gymnasio S. José, bem como abade da congregação baiana no período de feitura do manuscrito. Ele também é responsável por escrever e assinar tanto o termo de abertura quanto o de encerramento, respectivamente transcritos abaixo, datados ambos de “26 dias do mês de julho de 1909” (Transcrição do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia – 1920/1934*).

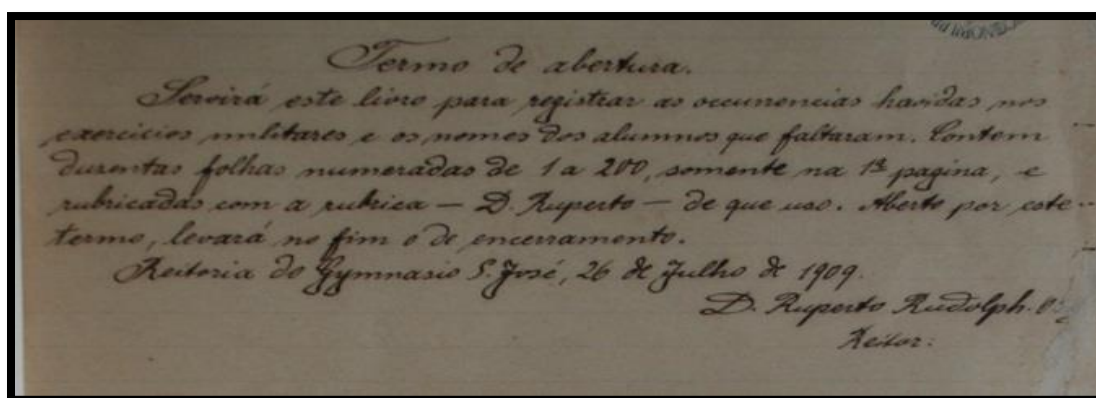
Fig. 11: Recorte do fólho N°145r do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia – 1920/1934*



Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia.)

O papel é pautado, de baixa gramatura e levemente encerado. Todos os fólhos apresentam numeração impressa (Fig. 5) apenas no recto, no ângulo superior direito, em algarismos arábicos de 1 a 200. Essa numeração inicia no fólho 1 recto, onde se encontra também o “Termo de Abertura”; e acaba no fólho 200, em cujo verso está o “Termo de Encerramento”. A numeração omite, porém, o número 21, atribuindo, no seu lugar, a marcação “N°22” assim, o livro tem, portanto, 199 fólhos.

Fig. 12: Recorte do termo de abertura do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia – 1920/1934*



Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

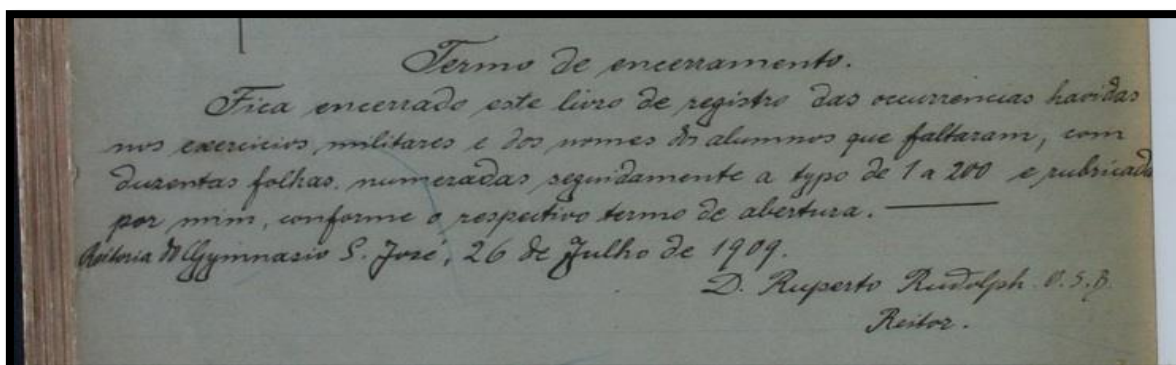
^a Sabe-se que o *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia* não se enquadra na definição de códice, posto que essa denominação é usada para se referir à materiais produzidos da Antiguidade Clássica até a Idade Média, entretanto, toma-se tal nomenclatura aqui por ela ser usada pelos monges da instituição beneditina baiana para denominar os manuscritos encadernados presentes no arquivo.

Fig. 13: Transcrição do termo de abertura do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia – 1920/1934*

1	Termo de abertura.	
5	Servirá este livro para registrar as occurencias havidas nos exercicios militares e os nomes dos alumnos que faltaram. Contem duzentas folhas numeradas de 1 a 200, somente na 1ª pagina, e rubricado com a rubrica – D(om) Ruperto – de que uso . Aberto por este termo, levará no fim o de encerramento. Reitoria do Gymnasio S(ão) José , 26 Julho de 1909 D(om) Ruperto Rudolph. O(rdem) S(ão) B(ento) Reitor.	

Fonte: MAGALHÃES, 2013

Fig. 14: Recorte do termo de encerramento do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia – 1920/1934*



Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

Fig. 15: Transcrição do termo de encerramento do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia – 1920/1934*

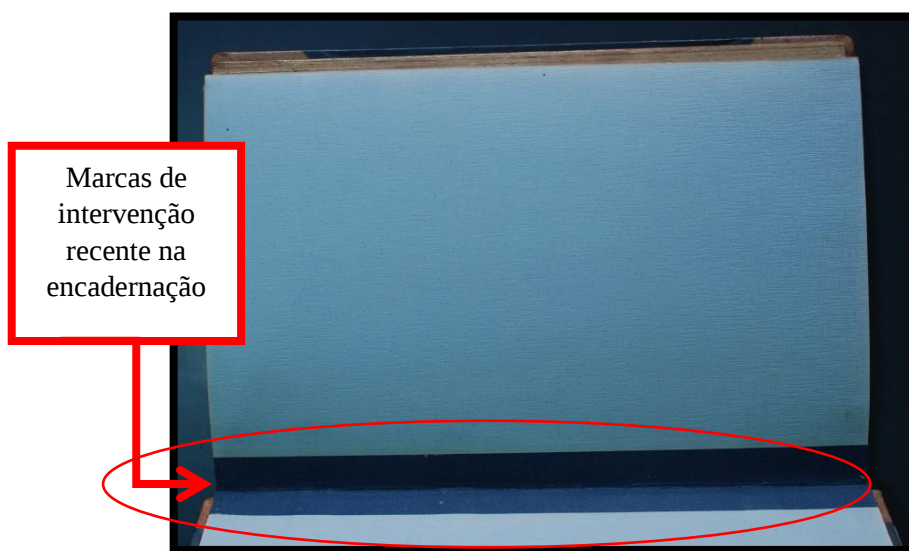
1	Termo de encerramento.	
5	Fica encerrado este livro de registros das occurencias havidas nos exercicios militares e dos nomes dos alumnos que faltaram, com duzentas folhas, numeradas seguidamente a typo de 1 a 200 e rubricadas por mim , conforme o respectivo termo de abertura. _____ Reitoria do Gymnasio S(ão) José , 26 Julho de 1909 . D(om) Ruperto Rudolph. O(rdem) S(ão) B(ento) Reitor.	

Fonte: MAGALHÃES, 2013

O códice está em bom estado de conservação, considerada a ação do tempo, apresentando sinais claros de intervenção mais recente na encadernação e restauro que é

facilmente identificado no papel em que são feitas as folhas de guarda, na percalina que serve de reforço à encadernação.

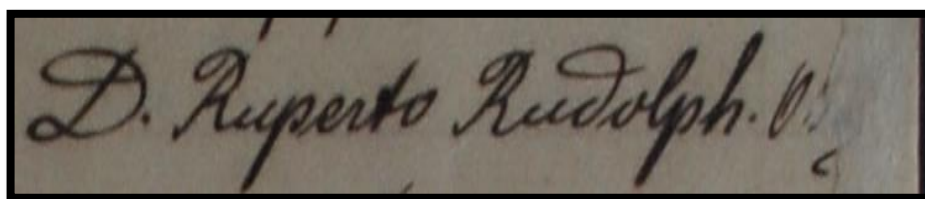
Fig. 16: Marcas de intervenção recente feita na capa do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia – 1920/1934*



Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

Em alguns fólios do documento é possível perceber, ainda, marcas de restauração por um processo de velatura.

Fig. 17: Recorte da escrita de Dom Ruperto presente no termo de abertura de *Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia – 1920/1934*

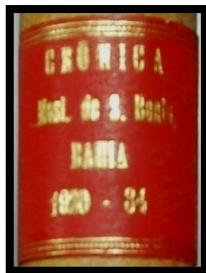


Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

Na etiqueta em percalina vermelha fixada a parte superior da lombada tem-se registrado o título e, supostamente, o período de abrangência do texto: “CRÔNICA // MOST. de S. BENTO // BAHIA // 1920 - 34” (Fig. 18). No entanto, como se disse, o texto, se inicia em janeiro do ano 1914, sendo a narrativa interrompida em abril do mesmo ano e retomada no mês de janeiro de 1920. É possível que tal fato possa decorrer das influências que Primeira Guerra

Mundial tiveram sobre os monges beneditinos da época que, em sua grande maioria, eram advindos da Alemanha^b.

Fig. 18: Recorte da etiqueta presente na lombada do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia* – 1920/1934



Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

Os textos presentes no manuscrito apresentam uma ordem cronológica, mas não sequencial, posto que algumas datas terminam ficando sem registro algum. Há de se notar, porém, que todos os fatos considerados importantes para a ordem são minimamente descritos, o que culmina no perfeito enquadramento do material lavrado com a literária conceituação de crônica construída pelo segundo cronista:

^b Assim como fez o Marquês de Pombal em Portugal, o império brasileiro ordenou o fechamento dos noviciados das ordens religiosas no Brasil, fazendo com que Congregações como a beneditina entrassem em uma forte crise social, política e religiosa. Coube a Frei Domingos da Transfiguração Machado usando da separação entre a Igreja e o Estado, com o fim do império, a missão de solicitar ao Papa Leão XIII a vinda dos monges alemães que seriam os grandes responsáveis pela reestruturação da Ordem Beneditina, principalmente na Bahia.

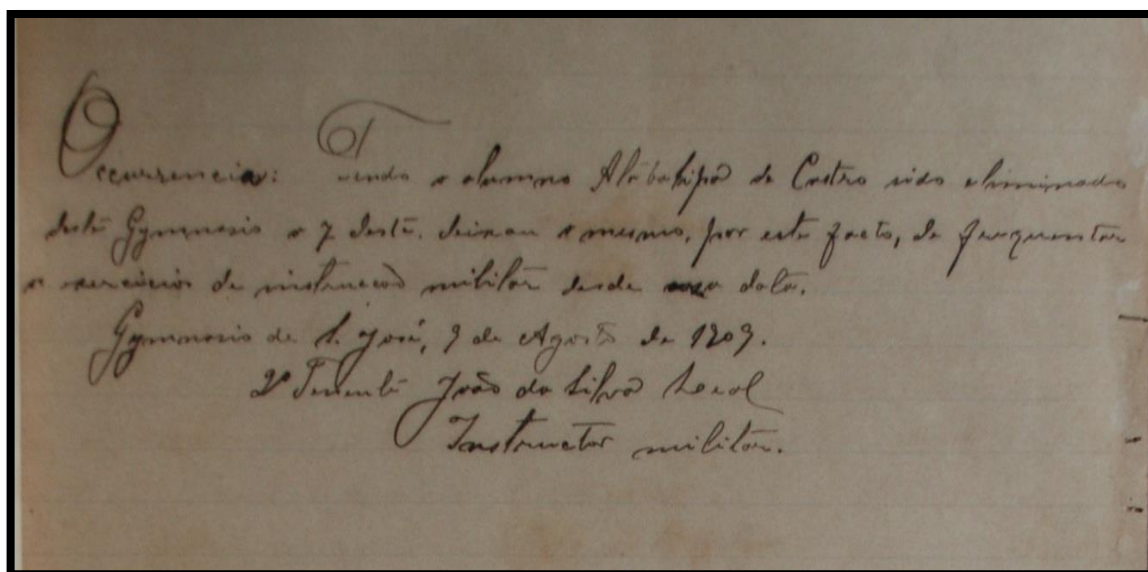
Fig. 19: Imagem com a transcrição do fólio 7r do Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia em que aparece a motivação da produção das crônicas monásticas

	<u>JANEIRO 1920</u>	
10	Desde a origem da nossa Ordem ha em todos mosteiros monjes encarregados de apontar os acontecimentos mais importantes segundo a ordem do tempo. Estas narrações historicas chamam-se chronicas e o conjunto dellas forma os annaes em que descrevem os successos anno por anno.____	
15	Nada mais justo e razoavel do que esta instituição propria da Ordem benedictina , a qual segundo a vontade de Deus o ideal e o modelo a familia christã , ha de conservar este piedoso costume que se nota nas familias do mundo.____	
20	Os paes e sobretudo as mães apontam os dias, em que os seus filhos nasceram ou fizeram a sua primeira communhão , o dia em que se casaram elles mesmo, ou um dos seus filhos, não esquecendo-se de marcar a data de acontecimentos tristes , que são a morte de um caro membro da familia.____	
25	Si este costume louvavel se acha no mundo, não pode faltar na familia monastica. Cabe então ao chronista, em nome e por ordem do Abbade que é o pae da familia , a tarefa nobre e importante de narrar os factos annuaes do mosteiro , e transmittir as chronicas respectivas aos mosteiros da mesma Congregação , afim de chegarem ao conhecimento	
30	de todos os trabalhos intellectuaes e moraes , as vicissitudes, emfim o progresso espirital e temporal de cada mosteiro, de estreitarem-se os laços da caridade fraterna e de conser- varem-se piedosamente as tradições da propria Congregação.	
35	Penitrado deste espirito de familia , confiado no auxilio de Deus, garantido pela benção do R(everendissi)mo S(enho)r D(om) Abbade esforçar-me-hei por desempensar dig- namente esta importante tarefa de chronista para edifi- cação e interesse dos queridos irmãos "est in omnibus glorificitur Deus.,	

Fonte: MAGALHÃES, 2013

Ao longo do livro, foram identificados cinco *scriptores*, com a ocorrência de escrita cursiva de ducto bastante encadeado, sendo um deles, exclusivamente, responsável por anotações posteriores. Há de se destacar também a escrita do V Tenente João da Silva Leal, que aparece registrando apenas uma ocorrência sobre um aluno no fôlio 2 recto e é o único registro que desempenha a função de pontuar a destinação com que o *Livro de Crônicas* fora aberto.

Fig. 20: Recorte do fôlio 2r do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia* – 1920/1934



Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

Fig. 21: Transcrição do fôlio 2r do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia* – 1920/1934

	<u>Dom) Ruperto</u>	
1	Occurencia: Tendo o aluno /Atabalipa/ de Castro sido eliminado deste Gymnasio a 7 deste. deixou o mesmo, por este facto, de frequentar os exercicios de instrucção militar desde essa data. Gymnasio de S(ão) José, 9 de Agosto de 1909.	2r
5	V Tentente João da Silva Leal Instrutor militar	

Fonte: MAGALHÃES, 2013

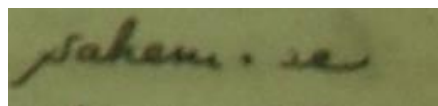
Para o registro das crônicas, propriamente ditas, percebe-se o trabalho de dois *scriptores* cujas escritas serão descritas descrição detalhada a seguir.

PRIMEIRO CRONISTA

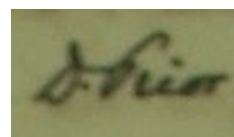
É o responsável pelas crônicas do ano de 1914. Assim, ele escreve do fôlio 3r até o 6r;

As letras são pouco inclinadas para a direita, arredondadas, mas, de modo geral, bem definidas e organizadas;

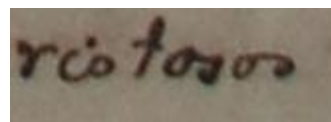
Marca o hífen nos textos com um simples ponto



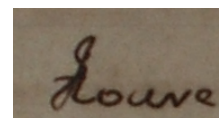
Em Dom Prior, mantêm o <D> de Dom sempre ligado ao <P> de Prior



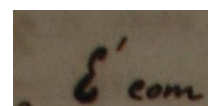
A grafia do <v>, por vezes, se assemelha à do <r>

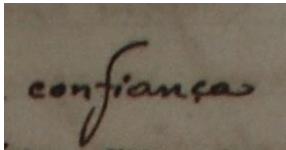
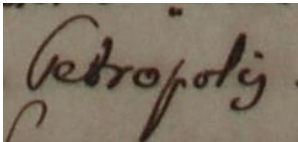
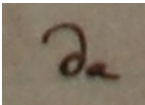
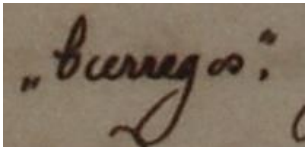
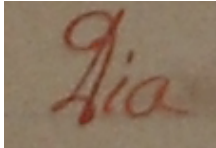
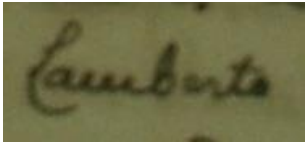


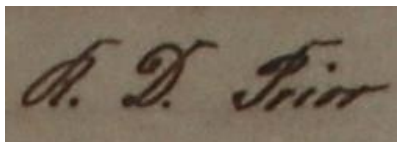
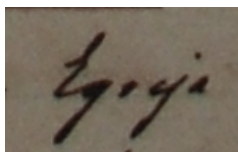
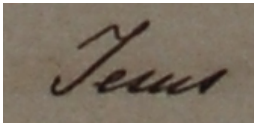
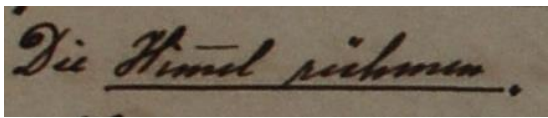
A grafia do <h> maiúsculo lembra um <r> maiúsculo

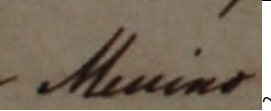
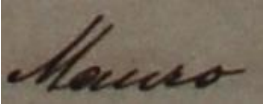
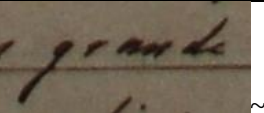
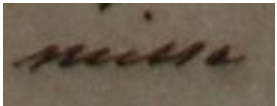


A grafia do <E> maiúsculo lembra um 3 invertido



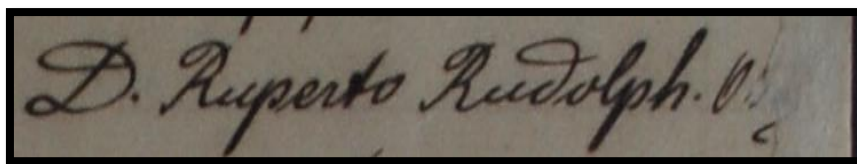
A grafia do <f> apresenta sempre hastes muito longas	
A grafia do <p> maiúsculo apresenta sempre a haste aberta, lembrando um <t> maiúsculo invertido	
A grafia do <d> minúsculo apresenta, sempre, haste curva e ascendente para a esquerda	
Abre as aspas na pauta de baixo e fecha na parte de cima	
Por vezes, a grafia do <D> maiúsculo se assemelha a um 4	
A grafia do <L> maiúsculo é feita sempre com o arredondamento das hastes superiores e a inferior sobrescrita à letra subsequente.	

SEGUNDO CRONISTA	
É o responsável pelas crônicas desde ano de 1920. Assim, ele escreve do fôlio 7r até o fim do códice;	
As letras são pouco inclinadas para a esquerda, bem definidas e organizadas.	
As letras <R><D> e <P> maiúsculas apresentam sempre uma haste vertical inclinada para a direita.	
A vogal pré-tônica da palavra “igreja”, por vezes é grafada com <e>: Egreja	
O fenômeno da crase é sempre marcado com o acento agudo para o lado direito	
A grafia do <J>, por vezes, se assemelha a do <I>	
Registra muitos trechos do escrito em alemão	

A grafia do <n> e do <u> minúsculos são semelhantes	 
A grafia do <a> e do <e> minúsculos finais são semelhantes	 

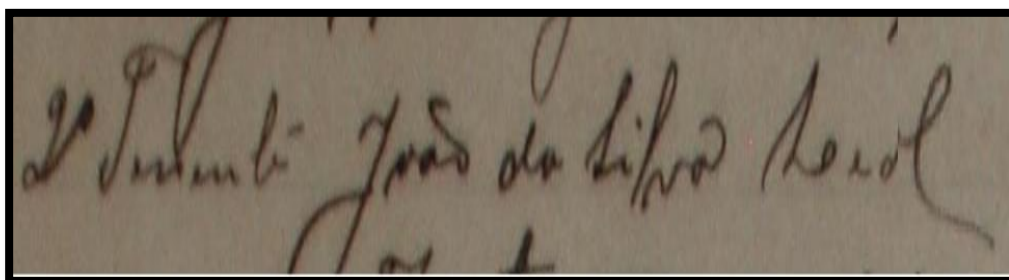
O texto foi essencialmente escrito em tinta ferrogálica, apesar de haver interferências posteriores feitas com lápis-de-cor vermelho (marcando as datas e especificando os eventos).

Fig. 22: Recorte da escrita de Dom Ruperto presente no termo de abertura de *Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia – 1920/1934*



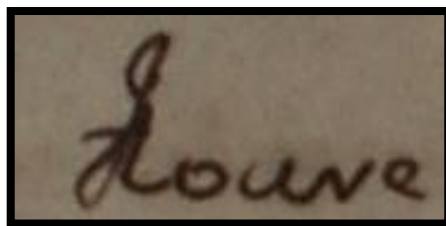
Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

Fig. 23: Recorte da escrita do V Tenente João da Silva Leal, – presente no fôlio 2r do – *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia – 1920/1934*



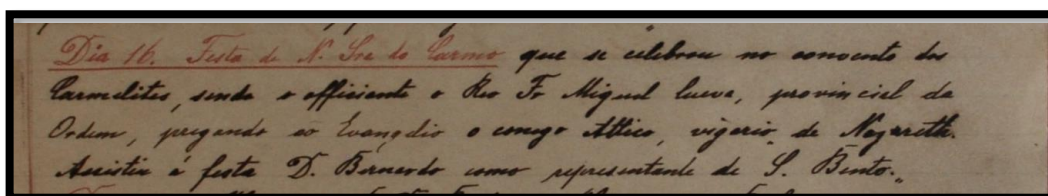
Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

Fig. 24: Recorte da escrita do primeiro cronista, – presente no fôlio 3r do – *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia – 1920/1934*



Fonte: Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

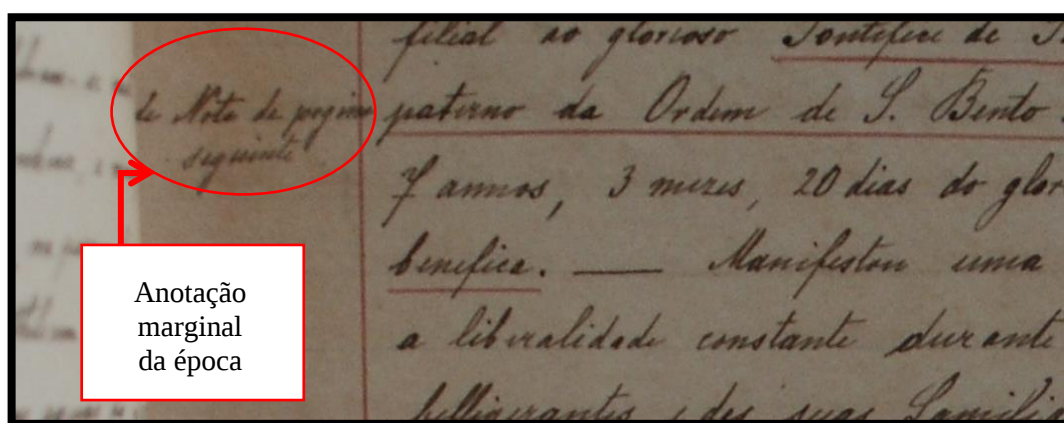
Fig. 25: Recorte da escrita do segundo cronista— presente no fólio 32r do – *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia – 1920/1934*



Fonte: Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

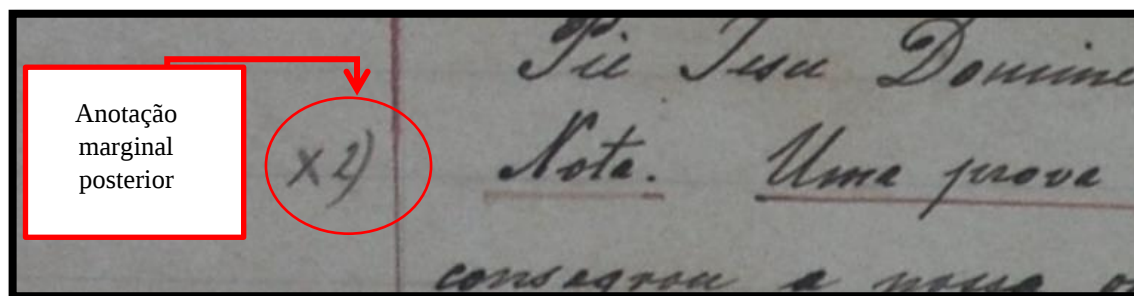
É possível encontrar, ao longo do manuscrito, algumas anotações marginais do mesmo período de produção do manuscrito, bem como marcações posteriores feitas por um *scriptor* não identificado.

Fig. 26: Recorte de anotações marginais presente no fólio 23r do – *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia – 1920/1934*



Fonte: Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

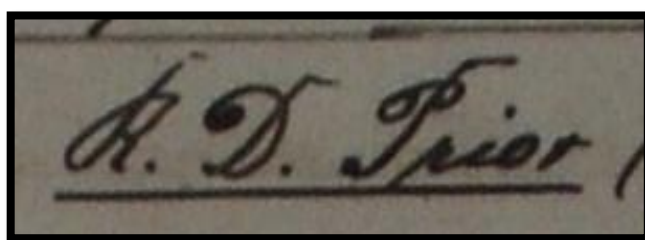
Fig. 27: Recorte de anotações marginais presente no fôlio 23v do – *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia – 1920/1934*



Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

Encontra-se, ainda, no *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia* grande quantidade de abreviaturas, em especial nos pronomes de tratamento referentes aos religiosos.

Fig. 28: Recorte com um exemplo de abreviatura retira do fôlio 58r do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia - 1920/1934*



Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia)

A classificação das abreviaturas ocorre, segundo Sobral (2000, p. 21), de acordo com os elementos que são usados para abreviar, ou seja, os princípios e os sinais abreviativos.

[...] os princípios abreviativos correspondem aos procedimentos usados para omitir as letras. Estes podem ocorrer pela suspensão das letras finais, podendo a palavra ficar reduzida apenas à sua letra inicial, pela supressão de letras mediais, pela supressão de letras finais e mediais, colocação de uma letra de tamanho menor, geralmente no final da palavra ou pela substituição de parte da palavra por um número. Os sinais usados podem ser simplesmente um indicativo de uma palavra abreviada, sendo chamado, nesse caso, de sinais gerais, ou podem ter um valor convencional, próprio ou relativo, indicando dessa forma qual a letra, ou grupo de letras, que foi omitida.

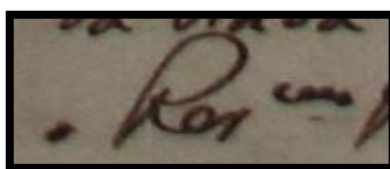
Esses sinais fizeram com que Maurice Prou (1910 apud SOBRAL, 2000) construísse uma classificação para as abreviaturas, conforme aparece abaixo:

- a) por sigla – quando a palavra é representada apenas pela letra inicial da palavra;

- b) por suspensão – quando a palavra é deixada inacabada;
- c) por contração – quando se faz a supressão de uma ou várias letras no meio da palavra;
- d) por letra sobreposta – quando se registra, em cima da palavra, uma letra ou várias indicando que houve supressão na palavra;
- e) por sinais especiais – quando sílabas ou letras são trocadas por símbolos.

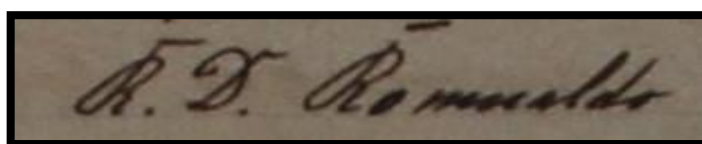
O *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia* apresenta todos esses tipos de abreviatura, exceção feita apenas aos sinais especiais, visto que eles são comuns em documentos mais antigos, não costumando ocorrer em textos do século XX, como é o caso. Nota-se, ainda, o uso de letras duplicadas para indicar a realização de plural.

Fig. 29: Recorte com um exemplo de abreviatura por sobreposição retirada do fólio 6 r do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia* - 1920/1934



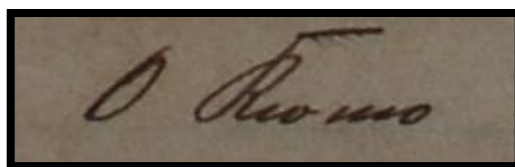
Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia)

Fig. 30: Recorte com um exemplo de sigla retirada do fólio 15 r do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia* - 1920/1934



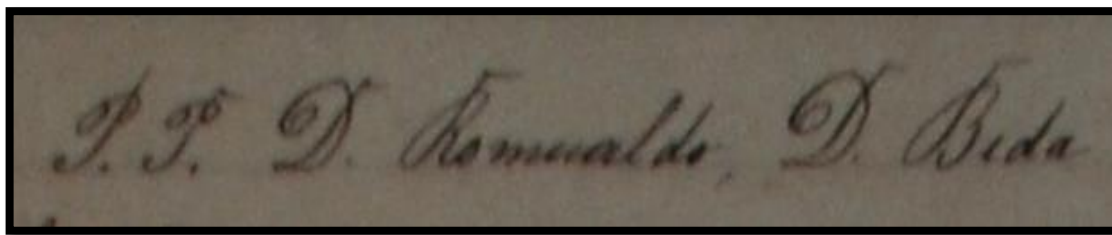
Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia)

Fig. 31: Recorte com um exemplo de abreviatura por contração retirada do fólio 18 r do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia* - 1920/1934



Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia)

Fig. 32: Recorte com um exemplo de abreviatura por letra duplicada retira do fólho 18r do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia* - 1920/1934



Fonte: MAGALHÃES, 2012 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia)

Quanto à edição, optou-se, inicialmente, por uma edição semidiplomática, definida por Borges e Souza (2012, p. 32) como a edição situada “[...] entre a interpretativa e a diplomática, sendo sua prática marcada pela ação menos interventiva que a interpretativa e mais interventiva que a diplomática. Comumente, faz-se pela intervenção do editor no sentido de desenvolver as abreviaturas”. Assim, para a edição do Livro de Crônicas, além do tratamento com as abreviaturas, juntaram-se palavras escritas separadas, uniram-se as separadas além de se realizarem alguns movimentos no texto, com base nas práticas de edição do *Scripta Philologica* que são:

- a) transcrever as notas marginais do *scriptor* “da época” em fonte menor, e nas suas respectivas margens. Atribuiu-se a essas anotações o título de *Anotações Marginais*;
- b) transcrever as notas marginais dos *scriptores* “posteriores” em fonte menor e nas suas respectivas margens, atribuindo a essas o título de *Anotações Posteriores*;
- c) conservar a grafia original dos textos na íntegra;
- d) desdobrar as abreviaturas, utilizando-se parênteses;
- e) manter as maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original até quando foi possível identificar. Em caso de dúvida buscou-se a forma mais produtiva no documento ou arbitrou-se conforme normas ortográficas atuais;
- f) manter as sublinhas e as marcações em cores o mais próximo possível do original;
- g) manter abreviados os nomes de livros bíblicos que vierem abreviados depois de uma citação bíblica em latim por se tratar de uma prática específica usual até os dias atuais;
- h) indicação de alterações (rasuras, substituições, supressões etc.) realizadas ao longo da escrita (pelos próprios *scriptores*) no texto da transcrição, utilizando-se para isso os seguintes operadores:
 - (†) rasura ilegível;
 - [†] escrito não identificado;

(...) leitura impossível por dano do suporte;
 // leitura conjecturada;
 < > supressão;
 < † > supressão ilegível;
 [] acréscimo;
 [←] acréscimo na margem esquerda;
 [→] acréscimo na margem direita;
 [↓] acréscimo na entrelinha superior;
 < > /\ substituição por sobreposição;
 < > [←] substituição por supressão e acréscimo na margem esquerda;
 < > [↓] substituição por supressão e acréscimo na entrelinha inferior;
 < > [↑] substituição por supressão e acréscimo na entrelinha superior;
 < > [→] substituição por supressão e acréscimo na margem direita;
 < > [↓←] substituição por supressão e acréscimo na margem esquerda, abaixo do trecho substituído.

O caminhar do trabalho trouxe duas grandes inquietudes: o processo de desdobramento de abreviaturas estava retirando a multiplicidade de tipos de abreviaturas presentes no texto. Explica-se: no texto do códice aparecia a abreviatura por sobreposição, como, por exemplo, *Rev^{mo}*. As regras de desdobramento de abreviatura indicam que se deve explicitar o que estava suprimido.

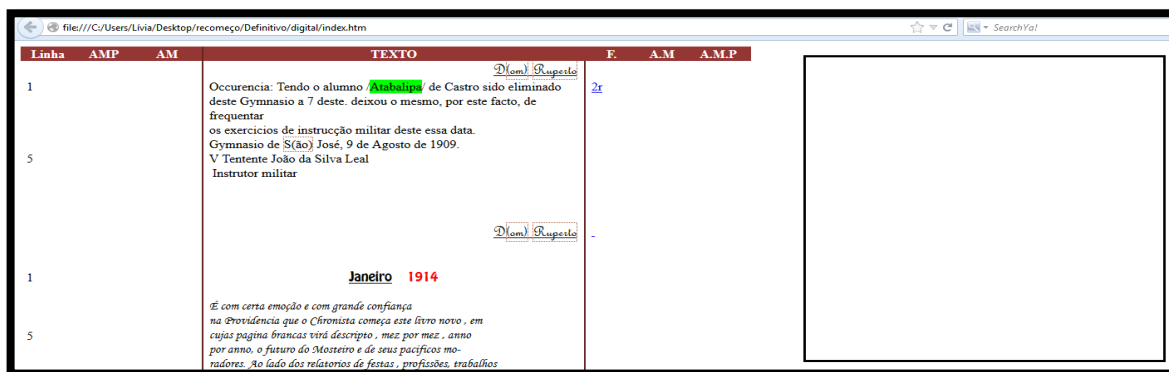
Desenvolver abreviatura significa acrescentar às palavras o que foi retirado durante o processo de abreviar, ou seja, restituir a forma completa da palavra, acrescentando as letras que foram excluídas no processo de redução, sem distorção da mensagem original. Pode-se dizer que durante esse processo são necessárias duas atitudes do estudioso: um mergulho no tempo e escavações dentro e fora do texto de maneira que possam conduzir a reestruturação original da forma abreviada. Mergulhar no tempo é inserir-se no contexto sócio-histórico-cultural da época, reconhecendo principalmente as particularidades da sua escrita. Escavar dentro e fora do texto é procurar dentro e fora do texto pistas que possam guiar o processo de reconstrução da palavra abreviada. Desenvolver abreviaturas, portanto, é um processo de recomposição, processo árduo, que exige estudo, cuidado e atenção (SOBRAL, 2008, p. 34).

Assim, o desdobramento aparecia como *Rev(erendissi)mo* e o leitor não mais visualizava a forma constante no texto, ou seja, não tem como saber se a abreviatura original foi feita com o uso de letra sobreposta ou não. O mesmo problema acontece com os sinais abreviativos que são simplesmente substituídos pelas letras equivalentes sem deixar indício de como se encontravam no original.

O outro ponto foi a diversidade de informações históricas que, se referenciadas, trariam um dinamismo bastante significativo para quem acessasse a edição. Foi assim que apareceu a ideia de desenvolver uma edição digital, assim surgiu a Edição digital do Livro de Crônicas, utilizando um editor HTML (*Hyper Text Markup Language*) gratuito, o NVU, para fazer a inserção de *hyperlinks* capazes de suprimir as inquietudes supracitadas. Eles apareciam no texto, graças à biblioteca *JQUERY*.

Os links referentes ao tratamento das abreviaturas e ao arcabouço cultural foram construídos através da inserção de um código java na *head* do *site* para, então, ordenar que, no *body*, quando o mouse passar por cima de uma informação linkada, ela apareça e quando o mouse sair de cima, ela suma. Esse recurso é o *mouseenter* do *JQUERY*, uma biblioteca de códigos *java* (MAGALHÃES, 2013, p. 89).

Fig. 33: Interface da subpágina “Edição Digital”



Linha	AMP	AM	TEXTO	E.	A.M	A.M.P
1			Occurencia: Tendo o alumno Anibalino de Castro sido eliminado deste Gymnasio a 7 deste. deixou o mesmo, por este facto, de frequentar os exercicios de instrucção militar deste essa data.			
5			Gymnasio de S(ão) José, 9 de Agosto de 1909. V Tentente João da Silva Leal Instrutor militar			
1			D(om) Ruy Janeiro 1914			
5			É com certa emoção e com grande confiança na Providência que o Chronista começa este livro novo, em cujas pagina brancas virá descripto, mez por mez, anno por anno, o futuro do Mosteiro e de seus pacificos moradores. Ao lado dos relatorios de festas, profizeses, trabalhos			

Fonte: MAGALHÃES, 2013.

Fig. 34: Interface da subpágina “Edição Digital” com a utilização do recurso do *mouseenter*

Linha	AMP	AM	TEXTO	F.	A.M	A.M.P
1			Occurencia: Tendo o alumno <u>Anibal</u> de Castro sido eliminado deste Gymnasio a 7 deste. deixou o mesmo, por este facto, de frequentar os exercicios de instrucção militar deste essa data. Gymnasio de S(ão) José, 9 de Agosto de 1909.	2r		
5			V Tentente João da Silva Leal Instrutor militar			
1			Janeiro 1914			
5			<i>ff. com certa emoção e com grande confiança na Providencia que o Chronista começa este livro novo, em cujas paginas brancas virão descriptos: mez por mez, anno por anno, o futuro do Mosteiro e de seus pacificos moradores. Ao lado dos relatorios de festas, profissões, trabalhos</i>			

ABREVIATURA POR SIGLA

No processo de abreviaturas por sigla as palavras são representadas usando, somente, a letra inicial. No caso, então, tem-se a palavra <Dom>, usada comumente para denominar os membros da congregação beneditina, representado somente pela letra <D>.

Fonte: MAGALHÃES, 2013.

A produção da edição digital do *Livro de Crônicas* funcionou como o primeiro passo na percepção da gama significativa de possibilidades que a *web* apresentava para um texto filológico e, por isso, durante o processo de execução dela, deixaram-se algumas bases de dados já estabelecidas como, por exemplo, o índice onomástico dos membros da ordem beneditina citados no códice, dados que, indubitavelmente são achados em outros documentos do Arquivo Histórico da instituição, como era sabido em função da atuação do Grupo de Pesquisa do Mosteiro de São Bento (GPMSB), que já havia editado e realizado pesquisas em alguns documentos do mesmo acervo.

Surgiu então o questionamento: por que não unir tais dados e, assim, resgatar uma parte da história do Mosteiro de São Bento da Bahia – que é também uma parte da história da Bahia e do Brasil – por meio dos registros encontrados nas prateleiras da instituição? Essa foi a pergunta que motivou a proposta de projeto de trabalho de doutoramento.

2.3.2 Uma nova (não tão nova) pesquisa no acervo do Mosteiro de São Bento da Bahia

O início da pesquisa estava estabelecido com a pergunta norteadora e, consciente da importância do arcenóbio, não foi difícil pensar o objetivo de realizar um trabalho como esse: elaborar um registro histórico/memorialístico do Mosteiro de São Bento da Bahia até 1934 e, assim, tornar as informações referentes à instituição beneditina acessíveis ao público, retirado das prateleiras abadia registros que, direta e indiretamente, constituem a história de formação do povo soteropolitano, baiano e brasileiro.

Para atingir tal objetivo, retoma-se, como dito anteriormente, a alguns trabalhos desenvolvidos pelo GPMSB com documentos do Arquivo da instituição. São eles:

- A edição da *Coleção de Livros do Tombo*, série de documentos considerados patrimônio da *Memória do Mundo*, pela UNESCO, onde estão registradas

[...] informações que alcançam um período que vai dos séculos XVI ao XVIII. Os textos constituem-se de traslados do original, autenticados, de acordo com os termos de abertura e de encerramento, por tabelião, afirmando-se que, depois de copiados, foram lidos e achados conforme os originais (ANDRADE, 2010, p. 18).

- A edição do *Livro de Aforamentos*

[...] um códice cujas páginas, escritas do ano de 1743 até 1874, guardam uma série de contratos de aforamentos de terras que haviam sido doadas ao Mosteiro de São Bento da Bahia, ou seja, trata-se de um documento notarial que remonta a configuração social, geográfica, histórica e linguística da Cidade de Salvador entre os séculos XVIII e XIX (MAGALHÃES, 2010, p. 9).

- A *Edição das Cartas de Profissão dos Monges*, um conjunto de documentos “[...] tidos como símbolo de total entrega à vida religiosa do iniciante à vida monástica e testemunhos do compromisso e da obediência que este prometeu a sua ordem e a sociedade em geral” (JESUS, 2014, p. 23), posto que registram o momento em que se inicia a vida monástica, funcionado, então, como certidão de nascimento dos monges para a vida religiosa.

- A edição do *Livro de Crônicas*, “[...] um manuscrito cunhado de 1914 até 1934 onde estão registradas, como o nome sinaliza, as crônicas do mosteiro baiano” (MAGALHÃES, 2013, p. 21).

Faz-se necessário sinalizar escolha pela inclusão de um documento ainda não trabalhado pelo GPMSB, o *Diretório da Congregação*. Tal documento apresenta, de maneira objetiva, a biografia dos monges citados no *Livro de Crônicas*, trazendo, assim, dados consideravelmente relevantes para enriquecimento do trabalho proposto.

Reunidas as edições, outra questão apareceu: qual seria o ponto de união entre os documentos, visto que a ideia não era só colocá-los em um *site*, mas sim, fazer com que eles dialogassem entre si e, juntos, funcionassem como um registro memorialístico? A resposta veio de uma observação sobre o acervo em questão: todos os textos foram construídos por meio do resgate da história de pessoas e lugares que, direta ou indiretamente, estão ligados à abadia baiana.

Barthes (1966, p. 8, tradução nossa) afirma que: “[...] um abismo entre o aleatório mais complexo e a combinatória mais simples, ninguém pode combinar (produzir) uma narrativa sem se referir a um sistema implícito de unidades e de regras ”^c. Personagens e espaços são,

^c No original: “[...] un abîme entre l’aléatoire le plus complexe et la combinatoire la plus simple, et nul ne peut combiner (produire) un récit, sans se référer à un système implicite d’unités et de règles”.

evidentemente, partes desse “sistema implícito de unidades e regras” e, por isso, recorreu-se ao estudo sobre narrativas, encontrando um embasamento significativo na semiótica greimasiana, dedicada ao tema.

Greimas apresenta, nas suas análises, um conceito que se ajusta perfeitamente aos registros encontrados nos documentos beneditinos baianos, fala-se de actantes – “[...] os seres ou as coisas que, a título qualquer e de um modo qualquer, ainda a título de meros figurantes e de maneira mais passível possível, participam do processo”. (TESNIÈRE, [19-] apud GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 12). Destaca-se o fato de o termo *actante* abarcar animais, objetos e conceitos, permitindo que o próprio Mosteiro seja visto como um actante, uma vez que ele foi atuante no processo de construção social, cultura e histórica de Salvador e, por consequência, baiana, brasileira e mundial.

O conceito de actante substitui com vantagem, mormente na semiótica literária, o termo personagem, e também “dramatis persona” (V. Propp), visto que cobre não só seres humanos, mas também animais, objetos e conceitos. Além disso, o termo personagem é ambíguo pelo fato de corresponder, também em parte, ao conceito de ator (em que se pode realizar um sincretismo de actantes) definido como a figura e/ou lugar vazio onde se investem tanto as formas sintáticas como as formas semânticas. (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 13)

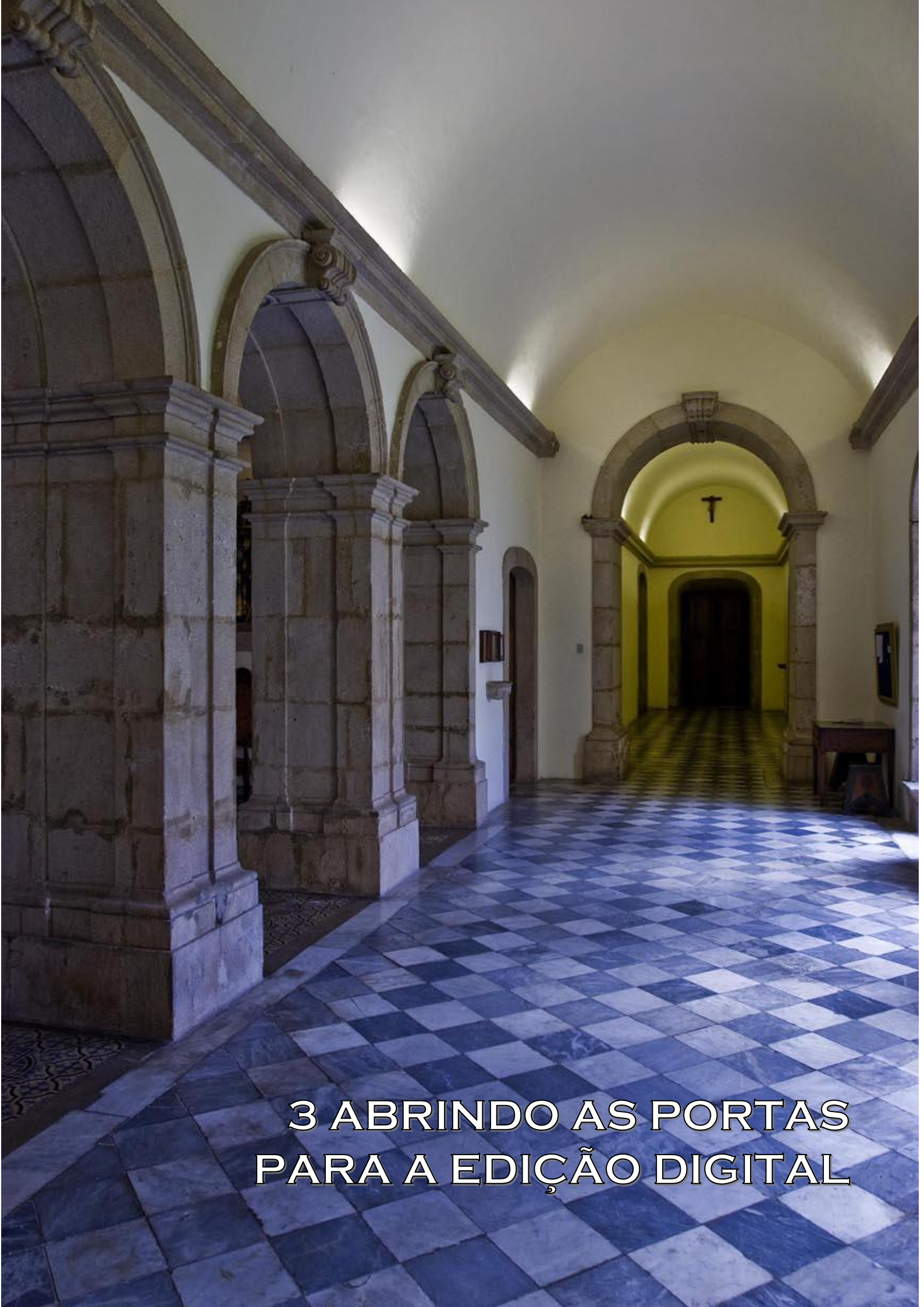
O processo é a narrativa, que Greimas e Courtés (1983) entendem como uma sucessão de ações, fazendo com que narratividade seja

[...] o princípio mesmo da organização de qualquer discurso narrativo (identificado, num primeiro momento, com o figurativo) e não-narrativo. Pois, das duas uma: ou o discurso é uma simples concatenação de frases e, assim, o sentido que veicula é devido somente a encadeamentos mais ou menos ocasionais, que ultrapassam a competência linguística (e, de modo mais geral, da semiótica); ou então constitui um todo de significação, um ato de linguagem com sentido que comporta sua própria organização, estando seu caráter mais ou menos abstrato ou figurativo ligado a investimentos semânticos cada vez mais fortes e articulações sintáticas cada vez mais finas. (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 295)

Os autores indicam, no verbete *Figurativização*, que “Quando se tenta classificar o conjunto dos discursos em duas grandes classes, discursos figurativos e não-figurativos (ou abstratos), percebe-se que a quase totalidade dos textos ditos literários e históricos pertence à classe dos discursos figurativos” (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 185), sendo o termo figurativo usado para caracterizar dados que se relacionam entre si como, por exemplo, o tema *escola*, que pode ser demarcado por palavras como *aluno* ou *professor*. A denominação desses elementos que compõem os temas é um dos subcomponentes da figurativização, a chamada onomástica. Ela, por meio dos antropônimos, topônimos e cronônimos, é “capaz de conferir ao texto o grau desejável de reprodução do real, o componente onomástico permite uma ancoragem

histórica que visa a construir um simulacro de um referente externo e a produzir o efeito de sentido realidade” (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 316).

Dados que se relacionam em prol da construção de um simulacro do real, tal qual qualquer discurso histórico, são o produto que se almeja com esse trabalho, inserindo os dados históricos – e, com eles, os dados linguísticos – presentes nos textos da abadia baiana na era digital, estabelecendo “uma relação nova, mais comprometida com os vestígios do passado e, possivelmente, mais crítica com respeito à interpretação do historiador” (CHARTIER, 2016, p. 61), bem como do linguista, do antropólogo, do sociólogo e de qualquer outra ciência que tenha interesse nesses registros.

A photograph of a long, arched hallway with a checkered floor and stone pillars. The hallway is illuminated by warm, yellow light, creating a sense of depth and perspective. The floor is made of large, square tiles in shades of blue and white, arranged in a checkered pattern. The walls are white, and the ceiling is a smooth, curved arch. On the left side, there are several stone pillars supporting the arches. In the distance, a dark wooden door is visible at the end of the hallway, and a small cross is mounted on the wall above it. The overall atmosphere is serene and historical.

3 ABRINDO AS PORTAS
PARA A EDIÇÃO DIGITAL

Escolher produzir uma edição digital não pode ser um exercício aleatório, baseado no *eu quero fazer*. A definição de edição elaborada por Fagundes Duarte ([1997-]verbete), consegue apresentar o foco convencional do labor filológico: o leitor. Pois, editar pressupõe um “Conjunto de operações filológicas necessárias para escolher, fixar e anotar um texto, inédito ou édito, preparando-o para publicação num determinado circuito de leitura – isto é, para o oferecer a um tipo caracterizado de leitor”.

O produto final do labor filológico será um texto para ser entregue a um determinado público leitor, o que faz com que a prática seja genuinamente focada na recepção, colocando o pensar nesse sujeito leitor como uma etapa crucial do processo de produção da edição, observando desde a competência de leitura até as influências que perpassam a formação dele, já que, como aponta Marchusci (1988), a leitura é um processo cognitivo, social e histórico que só é realizado com êxito quando existe a compreensão, sendo que “Compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade” (MARCHUSCI, 1988, p. 89).

Então, cientes de que ler é, antes de tudo, ler o mundo em que se insere o leitor, parte-se para a explicação das condições de leitura do século XXI, cenário de produção das edições digitais.

3.1 O MUNDO EM MUDANÇA

Ao retornar da Segunda Guerra Mundial, os soldados não mais queriam a garantia de emprego nas grandes indústrias, como ocorreu após a primeira grande guerra. Eles exigiam o direito de entrar em universidades, espaço visto como ideal para obter conhecimento e, consequentemente, conseguir mais oportunidades e *status* na sociedade capitalista que se firmava. Dessa forma, surgia a chamada Era da Informação, caracterizada pelo desejo constante de obter conhecimento.

O final da Guerra colocou o mundo subdividido entre duas grandes potências: os Estados Unidos e a União Soviética, instaurando, assim, a Guerra Fria. As potências mantinham uma preocupação constante: estarem preparadas para um possível confronto e, por isso, buscavam desenvolver significativamente o arsenal bélico e científico, produzindo armas de longa distância, como os mísseis balísticos continentais, criados pela União Soviética; e firmando ações como a corrida espacial, responsável por mandar o primeiro homem à lua.

No escopo desse desenvolvimento alcançado durante o período da Guerra Fria, alguns recursos tecnológicos ganharam destaque e foram de fundamental importância para nutrir a Era da Informação. Cita-se como exemplo o envio dos satélites de comunicação que, mais tarde, seriam usados para produção dos sinais televisivos, estimulando o *boom* dos eletrodomésticos na década de 50 do século XX; o processo paulatino de miniaturização e aumento da complexidade dos eletrônicos, trocando as válvulas por transistores e, posteriormente, por *chips*, etapas notadas, principalmente, ao se analisar a história dos computadores, posto que, o *Electronic Numerical Integrator and Computer* (ENIAC), um dos primeiros computadores digitais eletrônicos da história, era movido por circuitos e válvulas, mas a segunda geração da máquina já fazia uso de transistores, tornando-as menores, mais rápidas e atrativas para o mercado comercial. A terceira geração dos computadores substituiu os transistores por circuitos integrados, isto é, circuito eletrônico miniaturizado, os *chips*, sendo essa uma das invenções responsáveis pelo aparecimento dos computadores pessoais.

Vale citar, ainda, mais um fruto da Guerra Fria: a Internet. Ela foi idealizada, em agosto de 1962, em memorandos escritos por Joseph Carl Robnett Licklider, pesquisador do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), ao debater sobre a Rede Galáctica, isto é, uma rede de computadores conectados entre si, capaz de sobreviver em caso de ataques nucleares e disseminar informação entre os grandes centros de produção científica. A ideia adveio da percepção de que um centro de computação, concentrando toda informação, seria muito vulnerável, ao contrário do que ocorreria se houvessem vários pontos computacionais. Isso fez nascer a *Arpanet*, o embrião do que, mais tarde, viraria a rede mundial de computadores.

Tudo começou com a criação do projeto ARPANET (Advanced Research Project Agency Net) pelo governo dos EUA. Era uma rede em que os computadores conectados dispunham de rotas diferentes para alternar as comunicações, para continuar operando, mesmo que algumas delas fossem destruídas como resultado de um ataque. Na década de setenta, empresas e instituições educacionais começaram a se juntar à Rede, distanciando-se da esfera estritamente militar. Paralelamente, redes similares a ARPANET surgiram em todo o planeta. No entanto, elas não podiam se comunicar entre si usando protocolos diferentes para a transmissão de dados. Este obstáculo foi transposto em 1974, quando Vinton Cerf, juntamente com Bob Kahn, publicou o Protocolo para Intercomunicação de Rede por pacotes, que detalhou as características do novo protocolo TCP / IP (Transfer Control Protocol / Internet Protocol), cuja definição como padrão culminou em 1982. A nova especificação foi concebida, assim como a linguagem comum de todos os computadores conectados à rede. Desta forma, diferentes redes podem se conectar a uma única, que foi renomeada pela internet. Durante a década de 1980, a Rede expandiu-se em grande medida graças à conexão de um grande número de computadores. Foi então que o sistema de nomeação de domínio foi criado (DNS, Domain Name System) (MORAGA, 2003, p. 1, tradução nossa).^d

^d No original: “Todo comenzó con la creación del proyecto ARPANET (Advanced Research Project Agency Net) por parte del Gobierno estadounidense. Se trataba de una red en la que los ordenadores conectados a ella

Os computadores seguiram diminuindo e entraram na chamada quarta geração, caracterizada pelo desenvolvimento de máquinas mais rápidas e com maior capacidade de processamento de dados. A criação dos microprocessadores garantiu que o aparelho passasse a gastar menos energia. A virada do milênio foi marcada pela elaboração de *softwares* integrados, responsáveis por permitir o surgimento de *smartphones*, *tablets*, *e-reads*. Assim, o século XXI viu o mercado dos eletrônicos ser bombardeado por uma gama bastante significativa de computadores manuais.

Agora, no 17º ano do novo milênio, o mundo está conectado. A rede mundial de computadores tornou-se popular e parte integrante da vida das pessoas, trazendo mudanças bastante significativas nas práticas sociais.

Por meio da tecnologia, obstáculos ancestrais à interação humana, como geografia, linguagem e informação limitada, vão cedendo, e uma nova onda de criatividade e potencial humano vai se elevando. A adesão em massa à internet está promovendo uma das mais empolgantes transformações sociais, culturais e políticas da história, e, ao contrário do que ocorreu nos períodos de mudança anteriores, desta vez os efeitos são globais. Nunca antes tantas pessoas, de tantos lugares diferentes, tiveram tanto poder ao alcance das mãos. E, embora esta não seja a primeira revolução tecnológica de nossa história, será aquela que tornará possível a quase todos possuir, desenvolver e disseminar conteúdo em tempo real sem depender de intermediários (SCHMIDT; COHEN, 2013, p. 12).

Esse mundo computadorizado, conectado e interligado que impõe as condições de produção de texto do século XXI, configurando a Era da Informação como a 3ª Revolução Industrial. Agora se convive com Tecnologias de conexão contínua, isto é, uma rede móvel de pessoas e tecnologias nômades que operam em espaços não contíguos, os chamados espaços híbridos, pois são formados pela junção de espaços diferentes e desconectados (SANTAELLA, 2011).

Uma das mudanças comportamentais na sociedade mais significativa é, sem dúvida, o acesso à informação. Se outrora ser informado era privilégio de poucos, uma vez que a obtenção

disponían de diversas rutas por las que alternar las comunicaciones, con el fin de continuar funcionando aunque alguno de ellos fuese destruido como consecuencia de algún ataque. Ya en los años setenta comenzaron a unirse a la Red empresas e instituciones educativas, desmarcándose así del ámbito estrictamente militar. De forma paralela iban surgiendo redes similares a ARPANET a lo largo del planeta. Sin embargo, éstas no podían comunicarse entre sí, al utilizar protocolos para la transmisión de datos diferentes. Este obstáculo se salvó en 1974 cuando Vinton Cerf junto con Bob Kahn publicó el Protocolo para Intercomunicación de Redes por paquetes, en el que se detallaban las características del nuevo protocolo TCP/IP (Transfer Control Protocol/Internet Protocol), cuya definición como estándar culminó en 1982. La nueva especificación se concibió así como el idioma común de todos los ordenadores conectados a la Red. De este modo, diversas redes pudieron conectarse a una única, la cual pasó a denominarse Internet. Durante la década de los 80, la Red se expandió en gran medida gracias a la conexión de un gran número de ordenadores. Fue entonces cuando se creó el sistema de denominación de dominios (DNS, Domain Name System)”.

do conhecimento ocorria de forma linear, por meio de livros, a que poucos tinham acesso; ou no contato com os mais velhos, vistos em algumas sociedades como figuras detentoras do saber, com a *web* a informação está acessível ao toque do dedo, sendo a leitura o caminho.

3.1.1 O leitor e a leitura no novo mundo

Os novos ambientes de leitura fazem com que o ato de ler seja um processo em que é possível “examinar, selecionar, integrar, transformar, produzir” (MARTINS; MACHADO, 2011, p. 37), inserindo os próprios significados do texto e, paralelamente, construindo o seu texto que, muito provavelmente, não será um texto guardado para si, para conhecimento próprio. Ele é divulgado, compartilhado, repassado, pois há diversos espaços abertos para dar voz ao leitor do século XXI.

Toma-se como exemplo a saga *Harry Potter*, escrita por J. K. Rowling e publicada em uma coletânea de sete livros que viraram oito filmes. O primeiro livro da série foi publicado em 1997, um cenário em que o mundo *on-line* ainda dava os primeiros passos, mas o último foi em 2007, quando a força da conexão já era evidente, com espaços bem característicos para divulgação de texto de opinião, como o Facebook. Uma pesquisa rápida do termo “*Harry Potter*” no Google indica a existência de, aproximadamente, 120.000.000 resultados, sendo alguns voltados, por exemplo, para publicidade dos livros e filmes, outros são matérias feitas sobre os livros e os filmes e, nesse quantitativo, tem-se a grande produção de *fanfiction*, narrativas criadas pelos fãs por meio da apropriação de elementos da história oficial como, por exemplo, os espaços e as personagens.

Outra pesquisa rápida no site www.spiritfanfic.com para análise e se constata que a última história publicada sobre a personagem havia sido divulgada uma hora antes do momento da produção deste texto e versava sobre uma garota, filha do Lord Voldemort, o principal adversário de Harry Potter. Tal história, escrita em português brasileiro, com 20 capítulos, teve, até o momento da pesquisa, 4.199 visualizações. Então, dez anos após a finalização oficial da saga, os fãs continuam produzindo as próprias histórias, completamente alheios ao pensamento e vontades da autora da obra. A força dessa produção de fãs é tão significativa que, assim como a história oficial, elas conseguem virar filmes, como é o caso de uma produção independente, autorizada pela Warner, detentora dos direitos de imagem da saga, que será publicada em janeiro de 2018 e narrará a mesma história do jovem bruxo, mas pelo olhar do vilão, Lord Voldemort.

A mescla da linguagem escrita, com a linguagem fílmica e a produção para além do texto oficial faz emergir outra característica do leitor do século XXI: são leitores multimodais, pois, em um mesmo suporte, a tela, ele tem contato com escritos na linguagem verbal, imagens que dialogam com tal texto, outras que não dialogam, animações, publicidade... tudo isso criando, como aponta Chartier (2002, p. 23) “uma continuidade que não mais diferencia os diversos discursos a partir de sua própria materialidade”.

Vale destacar, também, que além da multimodalidade, os leitores do século XXI precisam ser multitela, pois, ele está constantemente lidando com tipos de telas diferentes e que exigem movimentos peculiares para a leitura: explica-se: o acesso a tela de um computador de mesa ocorre, normalmente, com auxílio de um *mouse*, maneira distinta da feita em um *notebook*, onde o acesso ocorre por meio do *touchpad*; ou no *smartphone*, onde o dedo é, normalmente, o método de navegação. Assim, notam-se movimentos que exigem capacidades de leitura bastante características.

Para lidar com a multimodalidade, o leitor precisa ser rápido, o que culmina na realização de uma leitura mais extensiva, sem grandes aprofundamentos nos escritos, configurando o que Santaella (2004, p. 33) chama de leitor imersivo, virtual.

[...] um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópico tridimensional onde cada novo nó e nexos pode conter uma outra grande rede numa outra dimensão. Enfim, o que se tem aí é um universo novo que parece realizar o sonho ou alucinação borgiana da biblioteca de Babel, uma biblioteca virtual, mas que funciona como promessa eterna de se tornar real a cada ‘clique’ do *mouse*.

Destaca-se, no entanto, a existência de espaços, na *web* para leitura intensiva, mais aprofundada, com uma coleta mais minuciosa de informação. Cita-se, por exemplo, os *sites* de revistas acadêmicas que, em sua grande maioria, deixaram de ser impressas, em especial porque o ambiente digital permite maior circulação da informação, algo que é crucial para o desenvolvimento e divulgação de pesquisas. Fez-se, de 27 de novembro de 2017 a 1 de dezembro do mesmo ano, um levantamento, utilizando o Google Formulário, com 90 pessoas vinculadas ao meio acadêmico, sendo 77 alunos de graduação, 2 docentes e 11 alunos da pós-graduação, sobre o uso de materiais para produção de pesquisa e 72,2%, ou seja, 65 pessoas, indicaram fazer uso de artigos em *Portable Document Format* (PDF), método convencionalmente utilizado pelos sites das revistas para divulgação dos materiais.

3.1.2 O mercado editorial no novo mundo

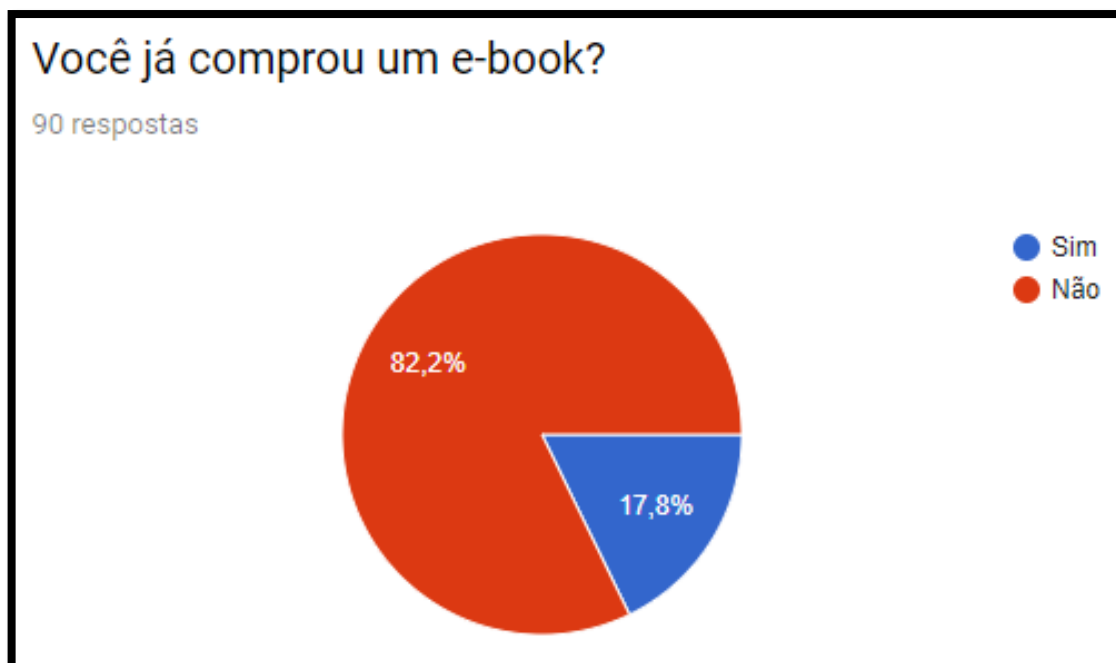
O *boom* da tecnologia também atingiu o mercado editorial que, logo no início, fez afirmações categóricas de que as telas acabariam com o papel.

A convicção de que a indústria editorial estava à beira de uma mudança fundamental se fortaleceu com relatórios de empresas de consultoria administrativa no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, muitos dos quais previam que e-books rapidamente se tornariam uma parte crescente e substancial do mercado. Entre os citados com mais frequência, estava um relatório publicado em 2000 pela PricewaterhouseCoopers, que previa uma explosão de gastos do consumidor com livros eletrônicos, calculando que até 2004 alcançariam a cifra de 5,4 bilhões de dólares e representariam 17% do mercado. Um estudo realizado pela Arthur Andersen, encomendado pela Association of American Publishers [Associação de Editoras Norte-Americanas] e publicado em 2000, previa que o mercado de livros eletrônicos estaria entre 2,3 e 3,4 bilhões de dólares em 2005 e representaria até 10% do mercado consumidor de livros. As expectativas também se elevaram com o surpreendente sucesso de uma das experiências de Stephen King com publicação eletrônica. Em março de 2000 ele lançou seu romance curto, de 66 páginas, *Riding the Bullet*, disponível apenas em suporte digital, que poderia ser baixado por 2,50 dólares: a resposta foi impressionante, resultando em cerca de 400 mil downloads nas primeiras 24 horas e 600 mil dólares nas duas primeiras semanas (THOMPSON, 2013, p. 342).

Entretanto, tudo não passou de especulação. A revolução pensada começou a dar sinais de que não ocorreria já no ano 2001, com a venda dos *e-books*, livros digitais, estagnadas tanto financeiramente como quantitativamente, mas ainda assim existia investimento do mercado, tanto que, em 2007, uma subsidiária da empresa Amazon desenvolveu um aparelho específico para abraçar os leitores digitais, o Kindle, uma máquina pequena e leve em que é possível comprar, baixar, pesquisar e, principalmente, ler livros, uma vez que a tela dele tem adaptações para evitar o cansaço dos olhos, comum na leitura em telas como as dos *smartphones* e *tablets*, em que a luminosidade é intensa.

O novo aparelho trouxe um impulso no mercado, mas não durou muito. “De 2014 para 2016, as vendas de e-book caíram mais de 30% nos Estados Unidos, recuando de 1,6 para 1,1 bilhão de dólares – ou menos de 20% do faturamento total. No Brasil, a participação das edições digitais é ainda menor: fica em torno de 1% do total” (SAKATE, 2017, p. 64). Apesar de a representatividade do Brasil ser pequena, não se pode perder de vista que o país é um dos campeões em pirataria digital, o que faz com que os dados apresentados sobre a leitura digital brasileira não sejam precisos. No mesmo levantamento feito por meio do uso do Google Formulário citado anteriormente, questionou-se aos 90 entrevistados se eles já haviam comprado algum um *e-book* e apenas 16 confirmaram ter feito tal compra, um percentual de 18%, quantitativo bastante pequeno. O Instituto Pró-livro fez, em 2015, uma pesquisa para observar o perfil de leitura no Brasil e obteve dados parecidos, denotando a força da cultura do *download* ilegal no país.

Fig. 35: Gráfico sobre a compra de e-books



Fonte: MAGALHÃES, 2017.

Fig. 36: Gráfico sobre o acesso a livros digitais no Brasil



Fonte: INSTITUTO..., 2015

Uma experiência sobre a pirataria foi realizada por Procópio (2013) que, no lançamento do seu segundo livro, *O livro na era digital*, não colocou o material na internet, ao contrário do que fizera no primeiro livro, *Construindo uma biblioteca digital*, pois ele queria saber quanto tempo levaria para aparecer uma versão pirata para *download*. Entretanto, após dois anos de

divulgação da obra, ele não encontrou nenhum indício de circulação *on-line*. O autor optou, então, por fazer ele mesmo essa versão pirata e colocá-la em um *site* de *download* gratuito e, dois meses depois, o livro estava compartilhado em vários *sites*, denotando que o começo da circulação virtual precisa, convencionalmente, de uma motivação.

No mundo acadêmico, a motivação é constantemente encontrada, visto que, no espaço virtual as trocas e interações científicas são bastante corriqueiras, o que faz com que haja, também, a troca dos textos de interesse comum para condução de pesquisas, sendo, na grande maioria das vezes, por meio de *download* sem pagamento, utilizando sites como, por exemplo, o *Scribd*, em que há dois tipos de assinaturas: a ilimitada, na qual o leitor pode, mediante um pagamento mensal, baixar e ter acesso a toda gama de documentos presente no site; ou a gratuita, caracterizada por um sistema de troca: o leitor precisa doar um texto que não exista na plataforma para que ele tenha o direito de baixar um texto de seu interesse.

No mesmo momento em que se observa a ausência de expansão do mercado do livro digital, nota-se uma preferência pelo livro em papel, fazendo surgir uma série de hipóteses sobre o porquê dessa manutenção da tradição frente ao mundo cada vez mais tecnológico. Fala-se do amor ao papel, a questão da qualidade dos livros, o valor artístico de uma bela impressão, o prazer do tátil... a grande realidade é que telas e livros são totalmente diferentes e eles têm seu público fiel e sempre terão, visto que a ideia do surgimento de uma tecnologia não é produzir a derrocada da previamente existente, quando isso ocorre, caso, por exemplo do... (tentou-se, durante dias, pensar em algo que deixou de existir em função de *evolução* tecnológica, mas, para tudo o que era pensado, encontrava-se uma adaptação. Isso leva a concluir que o que tem havido são ajustes e não extinção. Deixa-se, então, a missão para o leitor). Entretanto, é inegável que a tecnologia trouxe uma mudança para o mercado editorial: ela impulsionou a venda e produção de livros.

Nunca se leu tanto como agora^e e isso é um reflexo direto da cultura de convergência, um conceito elaborado por Jenkins (2009), segundo o qual, os meios de comunicação estão dialogando entre si para gerar mais informação e interação com o público, visto que, se antes a comunicação era feita *para* o público, agora é *com* ele. Tal fato por ser observado, por exemplo, pela quantidade de livros escritos por *Youtubers*, pessoas que produzem conteúdos para o *site* Youtube, presentes nas prateleiras das livrarias, chegando, inclusive, a ocasionar fatos como o

^e A pesquisa do Pró-livro indica que “Em 2015, 56% da população brasileira com 5 anos ou mais é considerada leitora de acordo com os critérios da pesquisa (ter lido ao menos um livro, inteiro ou em partes, nos três meses anteriores à pesquisa.” (PRÓ-LIVRO, 2016, p. 128), um dado maior do que o último levantamento feito, em 2011, quando o percentual era de 50%, ou em 2007, com 45%.

ocorrido na Bienal do Livro do Rio de Janeiro de 2017, em que dos dez livros mais vendidos, oito eram de tais autores e os outros dois eram de atores televisivos, mas que desenvolviam trabalhos significativos na *web*, fala-se de Larissa Manoela e Lázaro Ramos.

Para o mercado de produção de edições filológicas, Lourenço (2009, p. 248) aponta que “O advento da tecnologia digital coincide com o afastamento progressivo da crítica textual e da teoria editorial do conceito de ‘edição definitiva’”. Se outrora as dificuldades de produção de uma edição faziam com que houvesse a necessidade de articular um texto único, limpo, livre de influências e capaz de apresentar ao leitor o *último desejo do autor*, agora, com a possibilidade de construção de edições digitais, urge uma quantidade bastante significativa de opções

Desde que incluindo as ferramentas necessárias ao estudo dos textos nessa perspectiva, o meio digital possibilita a representação dos objectos bibliográficos como objectos sociais e, com isso, a representação de ‘the fundamentally volatile character of the textual condition’ (Buzzetti & McGann 2006). Num arquivo de textos académicos, a pesquisa e manipulação dos objectos são asseguradas através de ligações que permitem aos intertextos, paratextos e metatextos funcionar como interface entre os textos e o arquivo. Trata-se de “a second-order textuality” (Dalgaard 2001: 175), que se repercute na leitura e no estudo dos textos literários em particular, e na compreensão da natureza dos textos em geral. Pela autoconsciência da materialidade e pela possibilidade de utilizar imagens fac-similadas, a edição electrónica dá maior visibilidade a aspectos da materialidade genética e social dos textos, a idiossincrasias do autor que a edição impressa frequentemente tende a normalizar silenciosamente. Pelo seu carácter hipermediático, reconceptualiza a noção de texto em que a dimensão verbal ocupa o lugar central na hierarquia bibliográfica, permitindo representar a dimensão visual da significação, proporcionando ligações a anotações, explicações, som, imagens, *video-clips* e suscitando novos géneros literários inscritos em formas de textualidade próprias da digitalidade (LOURENÇO, 2009, p. 251-252).

A autora destaca, no entanto, que as edições filológicas tecnológicas não significam o fim da crítica textual, uma vez, o trabalho por si, é um trabalho crítico

[...] a edição electrónica não significa o fim da crítica textual, mas sim o de determinados pressupostos editoriais suscitados pela sucessiva publicação de edições impressas, por sua vez geradoras de novas versões e de novas edições. O editor de uma edição electrónica pondera o mesmo tipo de questões que o editor de uma edição impressa e, tal como nesse outro tipo de edição, os procedimentos adoptados constituem actos interpretativos. Uma edição académica electrónica não tem como único objectivo disponibilizar documentos pesquisáveis, sejam eles textos ou imagens, não bastando fotografar uma determinada colecção de textos. Tem subjacentes questões que se prendem com a crítica textual, o público a que se destina, o tipo de anotações e de ligações exigidas, o formato mais adequado aos objectivos a atingir. As próprias competências do editor têm de ser diversificadas e incluir questões de natureza prática, como conhecimentos relativos ao desenho gráfico da interface, programação, implementação dos procedimentos de codificação, organização do projecto tendo em vista o público e a distribuição/publicação. Estas questões técnicas obrigam-no não apenas a repensar a textualidade, mas também a definir exactamente o modo de funcionamento do arquivo de textos, o que este deve possibilitar ao leitor fazer e de que modo, na prática, as relações metatextuais se vão traduzir em hiperligações (LOURENÇO, 2009, 252-253).

Toma-se como exemplo o *site* construído pela equipa do *Projeto Littera* para divulgação das cantigas dos cancioneiros medievais galego-português, disponibilizadas por meio do endereço eletrônico <http://cantigas.fcsh.unl.pt/>. Os criadores do projeto indicam que ele foi produzido tanto para pesquisadores do tema como para o público em geral, sendo que, essa abertura para o público em geral é, indubitavelmente, a responsável pela escolha de algumas características do *site*, fazendo um uso sensato da *empatia digital*, o colocar-se no lugar do outro, mesmo sem saber quem ele é.

Fig. 37: Home do site de Cantigas Medievais Galego-portuguesas



Fonte: LOPES; FERREIRA; et al. (2011-)

O *layout* é básico, com cores neutras e fonte de uso comum. Não há, na *home* ou nas páginas secundárias, qualquer imagem de facsímile das cantigas, um material que seria de difícil leitura e afastaria o interesse daqueles que não são leitores especializados em tal temática. Existe, apenas um pequeno recorte de alguma cantiga em que aparece a prática da trova, sendo usado como ilustração para todo o *site*.

Fig. 38: Ilustração presente na *Home* do *site* das cantigas Galego-portuguesas



Fonte: LOPES; FERREIRA; et al. (2011-)

As opções de pesquisa são, também, facilitadoras, visto que se pode realizá-la por palavras, fazendo com que o indexador levante todas as cantigas que apresentam tal termo; ou por meio dos filtros, que terminam funcionando como pequenas “pescas” para os dados indexados no banco.

Fig. 39: Detalhe do funcionamento do banco de dados do *site* das cantigas Galego-portuguesas

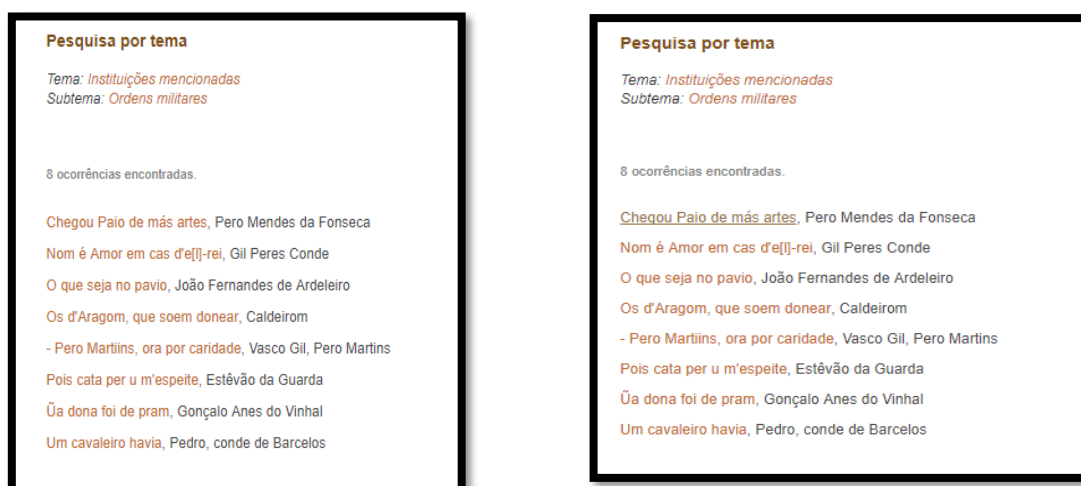
The screenshot shows the search interface of the Galego-portuguese songs website. At the top, there are two tabs: "Lista de cantigas" and "Lista de autores". Below the tabs, there is a search bar labeled "Pesquisar em Cantigas" with the placeholder text "(Palavras nos versos.)". To the right of the search bar is a "Procurar" button. Below the search bar, there is a section for "Pesquisa avançada" (Advanced Search). This section includes a "Filtrar Cantigas" (Filter Songs) section with several dropdown menus: "Por cancionero" (By songbook), "Por género" (By genre), "Por tipo" (By type), and "Por tema" (By theme). The "Por tema" dropdown is currently set to "Instituições mencionadas". To the right of these filters is a list of subthemes: "Corte (cas d'el rei)", "Cortes", "Legislação", "Ordens militares", "Ordens religiosas / mosteiros", "Papado", and "Tribunais / Justiça". A dropdown menu labeled "- Selecione subtema -" is open, showing these options. At the bottom of the filter section, there is a "Filtrar" button and a link to "Todos os temas e subtemas".

Fonte: LOPES; FERREIRA; et al. (2011-)

Feita a pesquisa, o leitor é direcionado para a página em que são listadas todas as cantigas que apresentam o dado selecionado. Nessa página é interessante destacar a indicação dos *links* com marcações usando as mesmas cores escolhidas para o *site*, o que preserva uma imagem de simplicidade e a manutenção das características de *layout* da *home*, o que assegura

a percepção de que se está navegando no mesmo *site*, ademais, sobre os links, vale destacar que eles só são mostrados mediante a passagem do *mouse*, utilizando recursos de *Javascript*.

Fig. 40: Detalhe do funcionamento do banco de dados do *site* das cantigas Galego-portuguesas



Fonte: LOPES; FERREIRA; et al. (2011-)

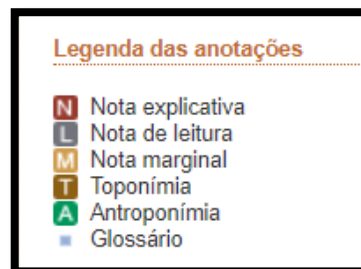
Com a escolha da cantiga desejada, na mesma aba de navegação, há o direcionamento para a página em que figura a cantiga e preserva as características da *home*. A cantiga é apresentada sem nenhuma marcação, mas com *links* laterais que servem para inclusão de anotações, explicadas por meio de uma legenda disposta na lateral esquerda da tela. Destaca-se que essa legenda utiliza recurso de cor e denominação para estabelecer as distinções entre os elementos apresentados no texto, entretanto, para o glossário optou-se pela colocação apenas de um quadrado de cor azul em tom claro, o que pode denotar uma preocupação com a limpeza da página.

Fig. 41: Detalhe do funcionamento do banco de dados do *site* das cantigas Galego-portuguesas



Fonte: LOPES; FERREIRA; et al. (2011-)

Fig. 42: Detalhe do funcionamento do banco de dados do *site* das cantigas Galego-portuguesas



Fonte: LOPES; FERREIRA; et al. (2011-)

Os *links* colocados na página são abertos em pequenas abas utilizando recursos de *Java*, por meio da inclusão de dois atributos de *tag html*: *onmouseover* / *onmouseout*, responsáveis por incluir um destaque no texto, ocasionando a percepção do leitor sobre o dado a que a nota se refere; e *onclick*, responsável por abrir o *link* indicando a informação necessária.

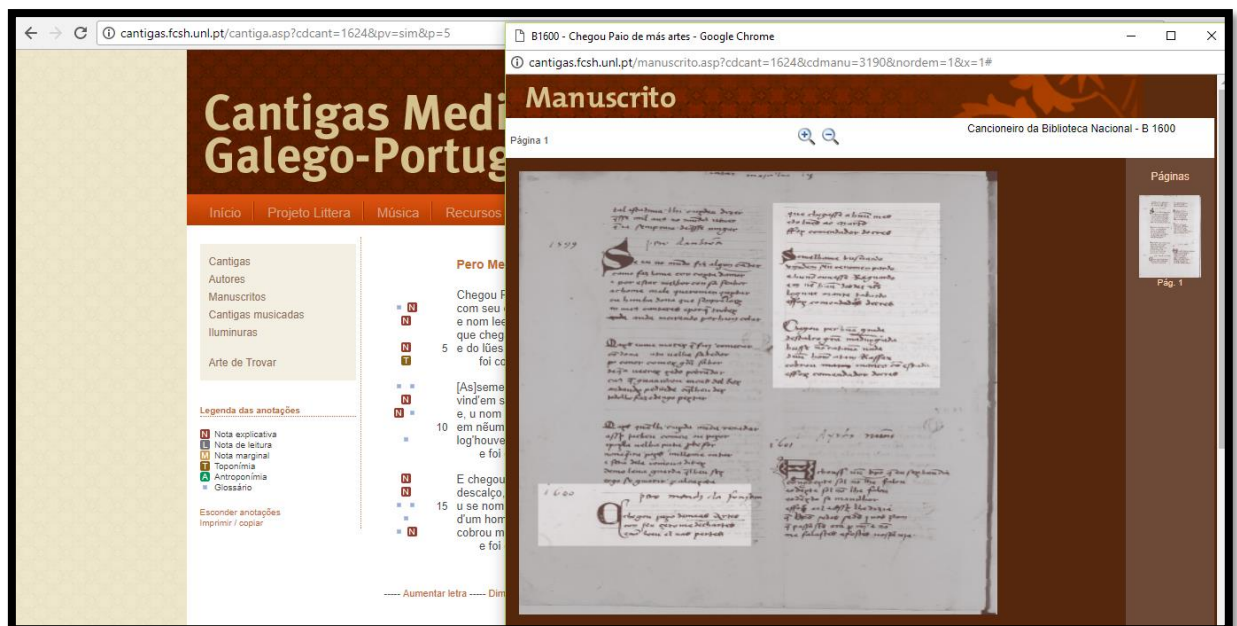
Fig. 43: Detalhe do funcionamento do banco de dados do *site* das cantigas Galego-portuguesas



Fonte: LOPES; FERREIRA; et al. (2011-)

O link para o facsímile do manuscrito apresentado na página, se selecionado, será aberto em outra página, utilizando imagens de alta resolução e com recurso de zoom, essencial para a leitura de manuscritos em telas.

Fig. 44: Detalhe do funcionamento do banco de dados do *site* das cantigas Galego-portuguesas



Fonte: LOPES; FERREIRA; et al. (2011-)

Todas as escolhas dessa edição, desde a das imagens até a maneira de pesquisar os dados, de abrir os *links* e as marcações presentes no texto são provenientes de uma prática denominada *designer de interação*, cujo foco da produção de um trabalho está sempre voltado para o usuário (OLIVEIRA, 2017), tal qual uma das etapas críticas do fazer Filologia: pensar na edição mais adequada para o seu público leitor, observando desde a escolha das fontes usadas para edição dos textos, até o nível de alteração produzido no texto, se deve ser feita uma edição mais conservadora ou mais interpretativa.

Levy (1996) afirma que a tecnologia imprime modificações nas práticas científicas, exatamente o cenário que se observa com a Filologia, posto que o mundo, cada vez mais computacional, estabelece novos diálogos para disciplina e apresenta novos produtos.

3.2 A FILOLOGIA NO NOVO MUNDO

Darwin estabeleceu a sobrevivência das espécies intimamente ligada com a adaptação dos organismos. Quando analisada a relação ciência e tecnologia, novamente observa-se a questão da sobrevivência: ou as ciências adaptam-se para suprir a demanda da sociedade ou logo perderão espaço no mundo *on-line*.

Picchio (1979) afirma que nenhum filólogo deve viver alheio às condições de seu tempo, contudo, os tempos mudam muito rapidamente. Darnton (2010) destaca que desde que o homem começou a falar, ele passou por quatro modificações fundamentais na tecnologia da informação que ocasionaram alterações no tempo, são elas: o aprendizado da escrita; o surgimento dos livros móveis; a imprensa; e o surgimento dos mecanismos de comunicação eletrônica.

Dispostas dessa forma, a velocidade das mudanças é de tirar o fôlego: da escrita ao códice foram 4300 anos; do códice aos tipos móveis 1150 anos; dos tipos móveis. À internet, 524; da internet aos buscadores, dezessete anos; dos buscadores ao algoritmo de relevância do Google, sete anos; e quem pode imaginar o que está por vir no futuro próximo? (DARNTON, 2010, p. 41).

A Filologia, por ser uma ciência que lida com textos escritos, voltou-se para cada um dos frutos dessas etapas: os primeiros registros em escrita, a escrita em pedra, o papiro, os códices em pergaminho, os incunábulo e os impressos. Contudo, quando a questão é o digital, percebe-se um “pisar em ovos”, talvez motivado pelo medo do ainda novo (não tão novo).

As noções de práticas e representações, pontuadas por Chartier (1988), refletem diretamente na utilização do computador no fazer filologia. Inicialmente, para a maioria dos filólogos, os computadores serviam somente para a transcrição de textos e realização dos variados tipos de edição, fazendo uso dos diversos processadores de texto comerciais para tal

fim, o que Morrás (2003) chamou de filologia artesanal; depois se começou a utilizar os recursos para digitalização de acervos, facilitando o processo de trabalhar com o objeto de estudo, já que o manuseio digital permite o uso de ferramentas como, por exemplo, o *zoom*; as ferramentas de pesquisa apareceram como um auxiliar da edição, assim como as redes sociais, capazes de possibilitar a criação de grupos para troca de informações que, vez ou outra, podiam contribuir com a pesquisa em andamento, o que a autora indicou como a filologia informática.

Não se nota na ação dos filólogos, entretanto, um amplo processo de apropriação das ferramentas computacionais e o hábito de debruçar-se sobre os conhecimentos da Ciência da Computação, mesmo sendo a Filologia um trabalho que, convencionalmente, é interdisciplinar. Esse cenário talvez seja decorrente do fato da academia ser formada, em sua maioria, por, como indica Prensky (2001, tradução nossa)

[...] que não nasceram no mundo digital, mas que, em algum momento de nossa vida, ficaram fascinados e adotaram muitos ou mais aspectos da nova tecnologia. [...] Como os imigrantes digitais aprendem como todos os imigrantes, alguns melhor do que outros para adaptar-se ao seu ambiente, eles sempre retêm, até certo ponto, o "sotaque", ou seja, o pé deles no passado. O 'sotaque de imigrante digital' pode ser visto em coisas como recorrer à Internet para obter informações em segundo lugar em vez de primeiro, ou em ler o manual para um programa em vez de assumir que o próprio programa nos ensinará a usá-lo.^f

É fato inegável que pessoas com mais de quarenta anos apresentam uma defasagem digital crônica frente à geração dos anos 2000, que já nasceu *on-line* e, conseqüentemente, lida com a computação de uma maneira mais familiar, mas ainda é uma geração que está iniciando a carreira acadêmica.

O começo da apropriação foi marcado pela incerteza sobre o que *com o que* se estava lidando. Como um filho sem pai, as edições feitas usando editores HTML apareciam sem uma definição. Lose, mesmo tendo produzido uma edição em 2004, apresentou uma definição para tal produção somente em 2011.

A *edição digital*, e não *edição* meramente *em formato digital*, mostra-se um tipo completamente adequado à Filologia que precisa não somente trabalhar o texto, mas também o paratexto, as informações que contextualizam e dão sentido ao documento editado. Nas edições anteriores tais informações vinham como arredores, mas na edição digital esse arcabouço informacional está totalmente integrado ao texto transcrito, criando assim uma sintonia perfeita entre a transcrição e todas as informações que foram necessárias para que o filólogo adentrasse esse texto, e,

^f No original: "[...] who were not born into the digital world but have, at some later point in our lives, become fascinated by and adopted many or most aspects of the new technology [...] As Digital Immigrants learn like all immigrants, some better than others to adapt to their environment, they always retain, to some degree, their "accent," that is, their foot in the past. The 'digital immigrant accent' can be seen in such things as turning to the Internet for information second rather than first, or in reading the manual for a program rather than assuming that the program itself will teach us to use it".

consequentemente, desempenhasse sua função (de trazer o texto fidedigno) com mais confiança e clareza. O entorno do texto é sempre fundamental para uma boa edição e a edição digital possibilita esse diálogo de forma natural e soberana.

A edição digital mostra-se completa, pois o editor pode escolher os critérios de qualquer tipo de transcrição já existente e fazer dialogar isso através de hiperlinks com seu paratexto, além de desdobramento de abreviaturas, movimentos de correção do autor, em caso de texto moderno, entre outras possibilidades. Além disso, tornar o texto digital é possibilitar sua divulgação de forma mais fácil, acessível e abrangente.

Por outro lado, Machado Júnior e Santos (2012) afirmam que

A relação entre a Filologia e a Crítica Textual é tratada por Maria Morrás (2003) em seu artigo *Informática y crítica textual*. Diante das possibilidades que o uso do hipertexto e de outras ferramentas para a colação e identificação de variantes, em meio digital, proporcionam aos especialistas em texto, a autora apresenta-nos o fazer filológico em duas perspectivas: a artesanal e a informática. Ao trabalho dos pesquisadores que fazem uso do computador somente nos últimos estágios de preparação do texto, ao modo de uma máquina de escrever sofisticada, Morrás chama de Filologia ‘artesanal’; enquanto o trabalho daqueles que fazem uso dos recursos informáticos estaria no âmbito da Filologia ‘informática’ [...]

Nos dois casos, o método empregado para o estabelecimento do texto passa pelas mesmas etapas. O que diferirá será o meio empregado pelo especialista para aplicação do método – que mais se delineia em função das exigências do texto e da intenção do pesquisador. Sendo assim, enquanto o filólogo ‘artesanal’ se valerá de sua própria subjetividade para identificar, colacionar, etc., o texto; o filólogo “informático” utilizar-se-á do computador para o mesmo fim; não havendo, portanto, mudança na metodologia pela qual se realiza uma edição crítica, interpretativa, ou outra qualquer. Com isso, põe-se em suspeita o uso de certas terminologias, atualmente utilizadas para designar edições, de orientação filológica, apresentadas em meio digital.

A edição digital, se utilizada coerentemente, apresenta uma diversidade muito significativa de possibilidades apresentadas pela tecnologia no fazer Filologia, já que ela, ao fazer uso do hipertexto, torna-se, como aponta McGann (2001, p. 58, tradução nossa) “[...] um arquivo de arquivos”⁸.

Com o tempo, os adeptos da edição digital foram aparecendo, contudo, ainda figuravam algumas variações de denominação do produto. A primeira delas era a utilização do termo *edição eletrônica*, denotando uma tendência comum de colocar os adjetivos *digital* e *eletrônico* como sinônimos. O *Dicionário Brasileiro de Terminologia e Arquivística* define **documento eletrônico** como “[...] gênero documental integrado por documentos em meio eletrônico, como cartões perfurados, disquetes e documentos digitais” (DBTA, 2005, p. 75). Para **documento digital**, a definição é “documento codificado por dígitos binários, acessível por meio de sistema computacional” (DBTA, 2005, p. 75).

Nas edições filológicas, a principal característica é a codificação que se processa somente nas telas, fazendo com que o adjetivo digital combine muito mais do que o eletrônico.

⁸ No original: “[...] an archives de archives”.

Contudo, o CONARQ, por meio da Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos do Conselho Nacional de Arquivos sinaliza que:

Na literatura arquivística internacional, ainda é corrente o uso do termo “documento eletrônico” como sinônimo de “documento digital”. Entretanto, do ponto de vista tecnológico, existe uma diferença entre os termos “eletrônico” e “digital”. Um documento eletrônico é acessível e interpretável por meio de um equipamento eletrônico (aparelho de videocassete, filmadora, computador), podendo ser registrado e codificado em forma analógica ou em dígitos binários. Já um documento digital é um documento eletrônico caracterizado pela codificação em dígitos binários e acessado por meio de sistema computacional. Assim, **todo documento digital é eletrônico, mas nem todo documento eletrônico é digital**. Exemplos: 1) documento eletrônico: filme em VHS, música em fita cassete. 2) documento digital: texto em PDF, planilha de cálculo em Microsoft Excel, áudio em MP3, filme em AVI. (CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS, 2012, grifo nosso)

Assim, chamar as edições digitais de edições eletrônicas é colocar, no âmbito delas, elementos não cabíveis como, por exemplo, edição de vídeos.

Outra expressão usada, a *hiperedição*, definida como:

[...] uma hipermídia que geralmente apresenta mais de um tipo de edição convencional – crítica, facsimiliada, diplomática, sinótica etc., de modo integrado e dinâmico, documentos diversos – texto, imagens, vídeos, sons e animações, organizados conforme critérios estabelecidos pelo editor (BARREIROS, 2015).

A expressão hiperedição foi apresentada por MacGann, em 1995, e é mais um acrônimo de hipertexto, assim como hipermídia, que Silva Júnior (2001) recupera a lembrança de que foi uma palavra criada após a observação de que se passou a agregar recursos multimídia ao texto, como aponta Jonassen (1996, p. 191, tradução nossa):

[...] hipermídia é simplesmente o casamento da multimedia com o hipertexto. Nós hipermidiáticos podem consistir-se de diferentes formas de mídia. Um nó pode ser um texto, mas pode ser também uma imagem gráfica, um *bite* sonoro, uma sequência de animação ou um vídeo *clip*. Assim, mais do que apontar para um *hot button* para acessar uma descrição textual da Batalha de Gettysburg, o aprendiz pode acessar um vídeo clip do filme, uma sequência animada do desenvolvimento da batalha, fotos reais tiradas em Gettysburg ou tudo isto junto. A hipermídia torna a informação mais rica e interessante, isto é, embasada em dados sensoriais mais ricos.^h

Essa relação é tão evidente que alguns autores sinalizam a inexistência de qualquer diferença entre o hipertexto e hipermídia, caso, por exemplo, de Leão (1999, p. 55) para quem

^h No original: “[...] hypermedia is simply the marriage of multimedia and hypertext. Hypermedia nodes may consist of different media forms. A node may be a text, but it also may be a graphic image, a sound bite, an animation sequence, or a video clip. So rather than pointing to a hot Button to retrieve a textual description of the Battle of Gettysburg, the learner may retrieve video clips from the movie, an animated sequence of the development of the battle, actual pictures taken at Gettysburg, or all of the above. Hypermedia makes information more interesting and richer (i.e., anchored to rich, sensory data)”.

“a hipermídia é uma tecnologia que permite escrita e leitura não linear, o que favorece o desenvolvimento de um pensamento complexo”.

Cita-se também Lúcia Leão (1999, p. 16, grifo nosso), que afirma que

Hipermídia, por sua vez, é uma tecnologia que engloba recursos de hipertexto e multimídia, permitindo ao usuário a navegação por diversas partes de um aplicativo, na ordem que desejar. [...] **Não farei qualquer distinção entre os termos hipertexto e hipermídia, pois dentro dessa perspectiva, o fato de um aplicativo contar ou não com diferentes tipos de mídia é irrelevante.**

Landow (2004), em entrevista concedida a Cícero Inácio da Silva, também sinaliza o mesmo. Para ele,

Os textos de computador – sejam eles hipertextos ou não – podem facilmente incluir imagens e textos alfanuméricos, já que, em computadores, é possível armazenar tanto palavras como imagens na forma de códigos. A interconexão destes textos ou de combinações de textos e imagens já é o hipertexto (e a hipermídia). Não vejo como faria sentido distinguir entre os dois. Por outro lado, deveríamos fazer uma distinção entre o hipertexto e o texto animado, como os criados com (*os softwares*) Flash ou Director.

A percepção dessa relação quase sinonímica culmina no questionamento da necessidade de produção de mais um *hiper* para os ambientes virtuais, uma vez que a forma mais comum de comunicação entre clientes e servidores na *web* é feita por Protocolo de Transferência de Hipertexto (http), ou seja, hipertexto.

O protocolo de transferência utilizado em toda a *World Wide Web* é o HTTP (HyperText Transfer Protocol). Ele especifica as mensagens que os clientes podem enviar aos servidores e que respostas eles receberão. Cada interação consiste em uma solicitação ASCII, seguida por uma resposta RFC 822 semelhantes ao MIME. Todos os clientes e todos os servidores devem obedecer a esse protocolo. Ele é definido na RFC 2616 (TANENBAUM, 2003, p. 493).

Além disso, Leão (1999) lista, inadequações nessa relação quase sinonímica e, apresentando as características que firmam a distinção, estabelece que a hipermídia é

[...] a modalidade surgida da convergência entre as características do hipertexto e da multimídia. Porém com navegação aberta **(se não houver a possibilidade de leitura não linear aberta, não é uma hipermídia)**, e capacidade, graças à digitalização, de ser disseminada em suportes e plataformas os mais distintos. Criando o que denominamos de estado de disseminação e disponibilidade hipermidiática.

A definição de McGann (2001, p. 57-58, grifo nosso) também mostra uma distinção entre as produções *on-line* e as que não utilizam de tal recurso:

Hypertexts allow one to navigate through large masses of documents and to connect these documents, or parts of the documents, in complex ways. The relationships can be predefined (as in George Landow's various “webs”, like the Dickens Web) or they

can be developed and pursued “on the fly” (through the relationships created in the SGML mark-up of a work). They are called hypermedia programs when they have the power to include audial and/or visual documents in the system. These documentary networks may or may not be interactively organized (for input by the reader/user). They can be distributed in self-contained forms (e.g., on CD-ROM disks, like the Perseus Project) or they can be structured for transmission through the Network. **In this last case, the basic hypertext structure is raised to a higher power (but not to a higher level): a networked structure (say, W3) of local hypertexts opens out into a network of networks.**

No cenário de construção das edições digitais observa-se que, por um tempo, elas não eram produzidas como documentos *on-line*, mas exploravam os movimentos textuais disponibilizados pelos hipertextos, sendo disponibilizadas em mídias físicas de navegação fechada, como DVD ou CD-ROM. Assim, percebe-se que o uso da expressão hiperedição coloca no mesmo patamar edições que empregam o recurso do hipertexto de maneira genuinamente distinta, sendo que, tal distinção ocorre em função das escolhas do editor. Se a escolha do editor em, por exemplo, desdobrar ou não abreviatura ocasiona a constituição de dois tipos de edição, a diplomática e a semidiplomática, não parece sensato colocar uma estrutura que precisa da rede e uma que não precisa sob a mesma denominação.

Vale destacar que Urbina e colaboradores (2009, p. 45) colocam o conceito de Hiperedição como sinônimo de Arquivo Hipertextual e sinalizam que

[...] no es pues una edición más, sino un nuevo tipo de edición híbrida compuesta de un archivo de imágenes digitales, textos electrónicos y bases de datos relacionales, o lo que ha venido a denominarse, un archivo hipertextual o hiperedición. Archivo en cuanto se trata de una biblioteca o colección de ediciones facsímiles digitales y de textos electrónicos cotejados y anotados, índices de variantes clasificadas y conectadas a base de enlaces hipertextuales a los textos e imágenes sincronizados, y todo ello accesible al lector a través de programas e interfaces de lectura, edición y de composición.

Ao estabelecer essa configuração, o autor apresenta os elementos necessários para construção dessa *edição híbrida*, sendo que o hibridismo apresentado no espaço digital é fruto das múltiplas possibilidades da tecnologia computacional associadas às características do texto, que, indubitavelmente, precisam ser pensadas por um editor/programador, o que faz com que se configure, sim, como uma nova edição. Ademais, a relação sinonímica apresentada pelo autor culmina na exclusão de algumas edições, como dito anteriormente.

Defende-se, então, que a utilização da expressão edição digital é, por ora, a mais sensata, pois se destaca uma característica intrínseca a todo trabalho de construção de edições filológicas utilizando tecnologia computacional, elas são configuradas pelo processamento de dígitos binários.

Entrada/Saída (E/S) compreende todas as maneiras como o computador se comunica com os usuários e outras máquinas ou dispositivos. Os dispositivos de entrada aceitam

dados e instruções do usuário, os dispositivos de saída retornam os dados processados. Os dispositivos de saída mais comuns são a tela de vídeo, conhecida como monitor, e a impressora. Os dispositivos de entrada mais conhecidos são teclado e mouse. Os sistemas de multimídia possuem alto-falante como saída e microfone como entrada adicional. Os dispositivos de E/S trabalham com a memória do computador do seguinte modo: os dados captados pelos dispositivos de entrada são representados em pulsos elétricos e transmitidos ao computador, ali estes pulsos são convertidos em dados binários e armazenados na memória do computador. No caminho inverso, a informação binária é transformada em pulso elétrico e encaminhada para o dispositivo de saída especialista para tratá-lo e gerar uma saída ao usuário. Um dispositivo especial de E/S de um computador é o disco rígido (HD), nele são armazenados todos os dados que devem persistir num sistema computacional, mesmo na ausência de energia. Todos os programas que não estão em execução se encontram no disco, seu único problema é o tempo excessivo para a recuperação e escrita de uma informação, havendo assim a necessidade de se trabalhar com a memória volátil (memória principal), mais rápida, porém mais cara (FILHO SOUSA; ALEXANDRE, 2013, p. 53).

O fato é que se pode dizer que a edição digital ainda é uma noção (CHARTIER, 1988), pois não se tem uma definição exata sobre esse fazer filologia no século XXI (talvez seja um reflexo direto da dificuldade de definição da filologia, de texto e da apropriação da tecnologia), entretanto, algumas discussões têm sido construídas em prol de um encaminhamento para o futuro da prática científica.

3.2.1 A edição digital

Quando se come um bolo bem feito, não se percebe o sabor individual dos ingredientes que levaram à composição dele. Deve-se usufruir somente do resultado final. É exatamente assim que funciona qualquer arquivo digital, pois, ao ligar o computador, tudo o que aparece na tela é a representação final do processamento de códigos matemáticos que passam despercebidos aos olhos leigos dos usuários da máquina, apesar de serem os reais responsáveis pela aplicação do adjetivo *digital* ao material em questão.

3.2.1.1 Entender o texto digital

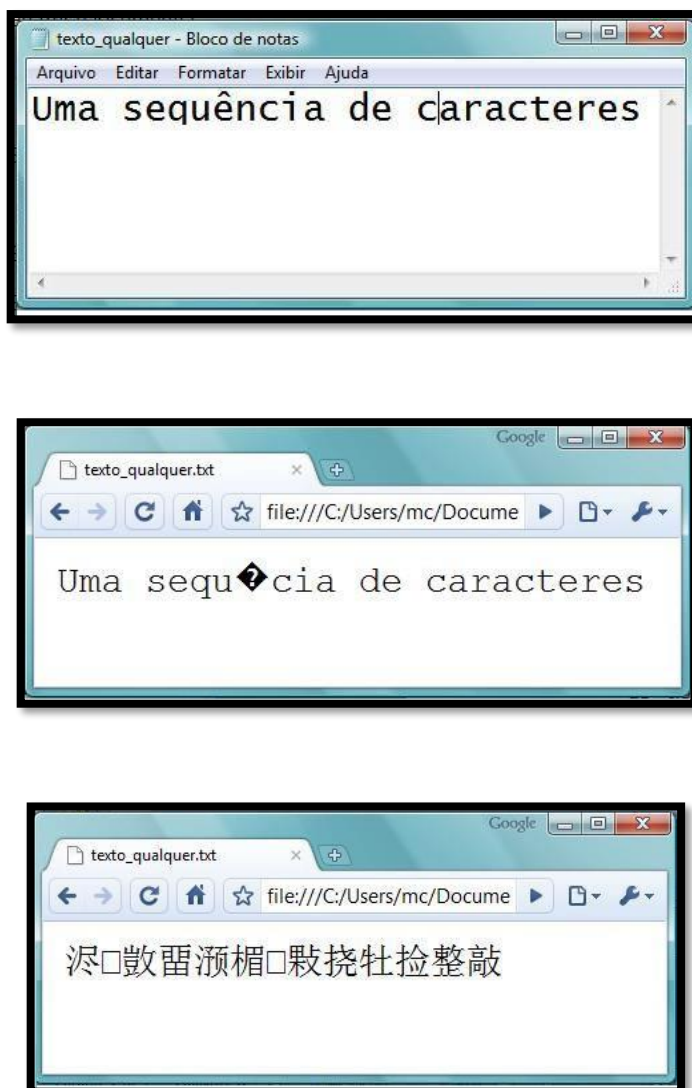
Definir texto digital não é uma tarefa fácil. Os teóricos que lidam com ele, até pela falta de materialidade do objeto, preferem pontuar as características dele, como se observa em Lúcia Mégias (2012, p. 114)

Definiermos, entonces, el ‘texto digital’ como el texto cuyo proceso de difusión consiste en la condificación de la información por los lenguajes artificiales, y que se presenta materialmente como información lingüística codificada matemáticamente y representada con una forma de escritura humanamente legible.

Paixão de Sousa (2010) exemplifica a distinção entre um texto digital e um manuscrito tomando como referência a produção da letra “a” nos dois métodos. Para o manuscrito, a etapa inicial é lógica, baseada na associação da informação de que o som “a” é grafado de uma determinada forma, posteriormente essa representação é colocada, em um processo mecânico, para o suporte de escrita e, quando encaminhada para um leitor, ele retoma o processo sensorial ao enxergar a forma grafada e, por último, associa o sinal ao som, reconhecendo-o e executando, conseqüentemente, um processo lógico. Já no texto digital existem três etapas lógicas a mais, pois entre o registro no teclado e a apreensão do sinal gráfico, precisa haver um processamento do comando dado à máquina, caracterizado pela leitura do código binário, ou seja, a menor unidade de informação dos computadores, formados por dois números, 0 e 1, que, dependendo da colocação, carregam um significado em si; depois ocorre a transformação do código em um sinal gráfico; e, finalmente, a representação de tal sinal na tela.

Assim, na construção do ‘texto digital’, entre a codificação e decodificação humanas, interfere o processamento artificial da informação. O que torna um texto “digital”, de fato, não é simplesmente a técnica de registro do sistema simbólico, mas fundamentalmente a tecnologia envolvida na construção das correspondências entre símbolos e informação lingüística: há uma diferença lógica, para além da material, entre o texto no meio digital e os outros textos. O processamento digital inclui uma etapa adicional de codificação de informação – e essa etapa, notemos, é externa à mente do produtor e do receptor do “texto”, algo inédito frente à tecnologia anterior. (PAIXÃO DE SOUSA, 2010)

Ainda em Paixão de Sousa (2010) encontra-se mais um exemplo do motivo para não manter essa máxima de que o texto digital é o mesmo texto representado em suportes palpáveis como, por exemplo, o papel. A autora escreve uma frase “uma sequência de caracteres” e a faz ser processada em três diferentes programações de saída: o Codificação ANSCII, Windows 1252 – Coreano e o Codificação UTF-16. Cada um deles gera uma leitura diferente:

Fig. 45: Exemplos de processamento de texto digital

Fonte: PAIXÃO DE SOUSA, 2010.

Aos olhos humanos são textos diferentes, contudo, para a máquina, tem-se o mesmo texto, pois é a mesma sequência de códigos binários sendo decodificada por diferentes programações e ocasionando diferentes representações, destacando, assim, mais uma distinção do texto digital que se aplica, também, para às edições digitais.

Vale destacar, mais uma vez, que os textos digitais apresentam, como todo tipo de texto, os processos lógicos e mecânicos de produção e os lógicos e sensoriais para a recepção e isso faz com que eles carreguem um caráter híbrido

El texto digital ofrece, entonces, una doble naturaleza. Por un lado, mantiene y continúa la tecnología de la escritura hasta ahora conocida: la capa de información humana que se basa en una codificación lógica y en un registro de los signos gráficos de manera mecánica, y en un registro de los signos gráficos, que se comprende gracias a un proceso lógico (sin olvidar que en el proceso de lectura no se trata tanto de

dentificar los distintos componentes gráficos de una palabra, sino el dibujo completo de la misma [...] (LÚCIA MEGÍAS, 2012, p. 114).

O reflexo mais direto desse caráter híbrido é a já citada limitação de recepção, posto que muitos dos textos digitais ainda preservam as características da tradição textual em suportes físicos impressos, funcionando, como aponta Paixão de Sousa (2013), como emuladores do que os leitores estão habituados a lidar. Se analisados, por exemplo, os *e-books*, eles são, aos olhos dos leitores alheios aos processamentos tecnológicos, os mesmos livros apresentados em formato impresso, tanto que neles pode-se virar a página do livro e, inclusive, ouvir o barulho do papel sendo manipulado. Outra forma de notar a limitação é, por exemplo, notar que ainda não se tem uma difusão maior do formato *e-pub* para os livros digitais, formato esse que permite maior interação do leitor com o registro escrito, graças ao acesso a vídeos, metadados e *scripts* em *Java*, ocasionando outras significações para a leitura, como a inclusão de trilha sonora.

Vale lembrar que, quando se fala em texto digital, tem-se três procedimentos básicos de composição, como aponta Barreiros (2015). Assim, os textos digitais podem ser: “1) digitados em processadores de textos; 2) capturados como imagens por meio de diferentes dispositivos 3) editados em aplicativos específicos de editoração de texto, por meio da codificação em linguagem de marcação”.

Os processadores comerciais mais convencionais, como o *Microsoft Word*, produzem textos para impressão (mesmo que não o sejam!). O segundo procedimento consiste na transformação de texto em imagem por meio do uso de câmeras ou *scanners*. Nestes casos, o autor sinaliza que “o arquivo constitui-se num único código eletrônico correspondente a uma imagem” (BARREIROS, 2015, p. 178). Já no terceiro procedimento toma-se o texto editado no ambiente virtual e, fazendo uso de marcações de elementos âncoras, firma-se o diálogo com outros textos, vídeos, imagens, músicas, ou seja, textos que, fora da virtualidade, perdem completamente a funcionalidade. São os textos que carregam em si hipertextos, os mesmos que compõem as edições digitais.

3.2.1.2 Entender a Edição Digital

Para compreensão do que é a edição digital, é necessário, inicialmente, entender o paratexto, um termo criado por Genette para designar os elementos que acompanham um texto principal, isto é

[...] título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; errata, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao

texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende (GENETTE, 2006, p. 9-10).

Esses elementos estão, convencionalmente, nos arredores do texto, sendo que

Afirmar que o paratexto encontra-se à margem do texto não significa reduzi-lo a um elemento secundário, simples acessório ou componente restrito ao suporte da obra literária, afastando-o consequentemente da análise textual. Quando se fala, portanto, em posição marginal, alude-se mais à localização gráfica do paratexto, que somente nesse aspecto pode ser considerado “fora” do texto. Genette lembra (1987, p. 15-19) que o paratexto não apenas confere a materialidade necessária à circulação do texto, mas é dotado ainda de um complexo caráter performativo, que, além de comunicar uma mera informação (o nome do autor, a data de publicação) ou uma intenção ou interpretação autoral ou editorial (prefácio, indicação do gênero), atua sobre o leitor construindo representações e crenças a respeito da natureza da leitura ou do texto. O título de uma obra, por exemplo, aponta para um texto que pode ser entendido como literário apenas porque apela para representações e convenções aceitas como literárias (GENETTE, 1987, p. 72). Assim, é importante destacar o caráter instável ou polissêmico do paratexto, quer dizer, sua função poderá não ultrapassar os limites das convenções editoriais, como poderá também revelar as estratégias que visam a construção do texto literário e sua recepção enquanto tal (MARTINS, 2010, p. 170).

A inovação trazida pelas edições digitais, inicialmente, foi colocar os elementos paratextuais para dentro do texto e não mais no seu entorno, como feito nas edições em papel em função da limitação do suporte e das demandas provenientes do mercado editorial. Com o advento da tecnologia, as edições deixaram de ser dois textos dialogando e passaram a ser um texto só, cheio de nós, que podem ou não ser abertos pelo leitor, assegurando o acesso infinitamente mais livre de leitura, como aponta Chartier (2009).

Os nós do texto são exatamente o que configura o hipertexto, definido como:

[...] um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de medo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira (LEVY, 1996, p. 20).

Vale destacar que se encontra, na literatura sobre o hipertexto, um equívoco comum: considerar a ausência de linearidade como a grande inovação e principal característica dele, como afirma Ribeiro (2005)

Com o advento de novas tecnologias de suporte para escrita e leitura, o hipertexto passou a ser usado como sinônimo de texto não-linear em meio digital, dando a (falsa) impressão de que é uma *novidade* relacionada, necessariamente, à Rede Mundial de Computadores. Não é o que mostra, no entanto, a história das práticas de leitura, assim

como a dos suportes, da produção editorial e das tecnologias de gestão de conhecimento.

Toma-se, para fins de exemplificação desse equívoco, três autores que abordam o tema: Levy, Xavier e Marchusci. O primeiro indica que “[...] os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular” (LEVY, 1996, p. 20). O segundo “A inovação trazida pelo hipertexto está em transformar a deslinearização, a ausência de um foco dominante de leitura, em princípio básico de sua construção” (XAVIER, 2010, p. 213). Já o último: “[...] essa escritura eletrônica não-sequencial e não-linear, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real” (MARCURSCI, 2001, p. 86).

Na realidade, a leitura nunca foi um processo linear, pois, durante a realização de tal ato, existe uma necessidade de elencar uma infinidade de habilidades cognitivas para construção de significados como, por exemplo,

[...] identificar, a partir da análise do suporte e da superestrutura, o gênero discursivo em questão, além de reconhecer e perceber como se articulam as seqüências tipológicas que compõem o texto; reconhecer as escolhas lexicais e de expressões usadas no texto, estabelecendo relações sintáticas e semânticas, construindo a coerência local que se realiza, dentre outros modos, nas marcas lingüísticas que sinalizam as relações temporais, espaciais e referenciais que vão servir de base à construção global do sentido e que vão ajudar o leitor a perceber a organização macroproposicional no texto, ou seja, a recuperar idéias propostas em cada parte do texto, estabelecendo relações lógico-discursivas sinalizadas ou dedutíveis e ir construindo com elas um sentido global, recuperando as prováveis intenções comunicativas do autor (COSCARELLI, 2006, p. 4).

Essa gama de habilidades faz com que a imagem de um autor que escreve e um receptor que absorve passivamente a informação apresentada, tal como foi apresentado, em 1949, no esquema de Shannon e Weaver, caia por terra. Cada leitor pode depreender um sentido do texto, visto que ele faz as suas próprias inferências, provenientes das referências de mundo que ele tem, proporcionam à leitura o *status* de ser um ato genuinamente particular, dotado de nós e produtor de ações peculiares para cada indivíduo. Uma boa forma de perceber essas particularidades é pensar no *feedback*: dois leitores distintos podem entender o mesmo texto de maneira diferente e devolver ao autor uma resposta diferente de interpretação como ocorre, por exemplo, na charge a seguir, em que a expressão “Baixar um arquivo” foi produzida com a intenção de se referir ao ato pegar arquivos da *Web* e salvar em um dos discos do computador, mas o verbo *baixar* levou a uma referência comum no Brasil, usada por adeptos de religiões de

matriz africana quando querem que a entidade participe do culto, fazendo com que o suposto leitor adote as ações comuns à religião.

Fig. 46: Charge sobre baixar arquivos na internet



Fonte: TEMP, 2000.

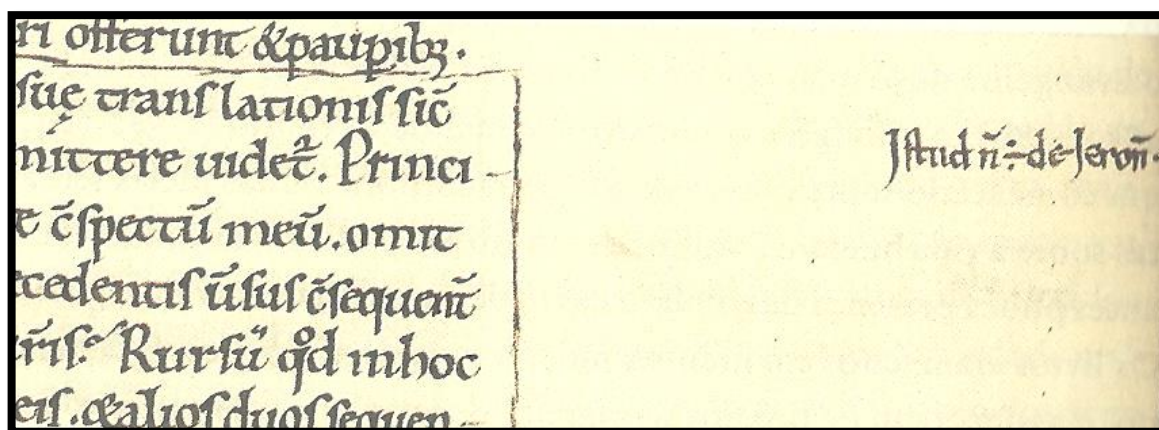
Assim, percebe-se que no ato da leitura o sujeito precisa ativar nós, não presentes no texto, mas presentes na mente do leitor, realizando um trabalho genuinamente hipertextual e não-linear.

[...] cada palavra, cada frase, cada parágrafo pode funcionar apenas como uma *instrução* que vai acionar outras informações que já faziam parte de seu conhecimento de mundo. Nada garante, também, que, ao percorrer o texto com os olhos, o leitor estará executando movimentos lineares. Ele pode, por exemplo, ler o título e a seguir passar às notas de rodapé. Assim, de uma linearidade inicial passa-se à integração de múltiplos movimentos não-lineares. É o conjunto desses movimentos que permite perceber que, ao se tecer uma rede de significações no discurso (ou os modelos mentais), a linearidade marcada pela ordem das palavras e sentenças é apenas aparente, pois a ela subjaz uma estrutura hierárquica (as proposições, cf. van Dijk, 1992:27) que revela uma organização espacial, causal, condicional, temporal dos fatos denotados pelo discurso (CAFIERO, 2002, p. 55).

A não-linearidade também é observada na estrutura dos textos que, desde o período em que figuravam somente nos pergaminhos, são multiforme, com o uso das margens para inclusão de comentários e de anotações pessoais; remissões a diversas partes do mesmo documento e até mesmo para outros textos, exigindo do leitor movimentos constantes durante a leitura para coletar todas as informações espalhadas pelas páginas/fólios, para além da linearidade

estabelecendo, como aponta Levy (1996) fazendo referência ao conceito apresentado por Freud, uma atenção flutuante, assim como deve ser a leitura hipertextual em ambiente digital, visto que, as informações estão espalhadas em diversos espaços da tela.

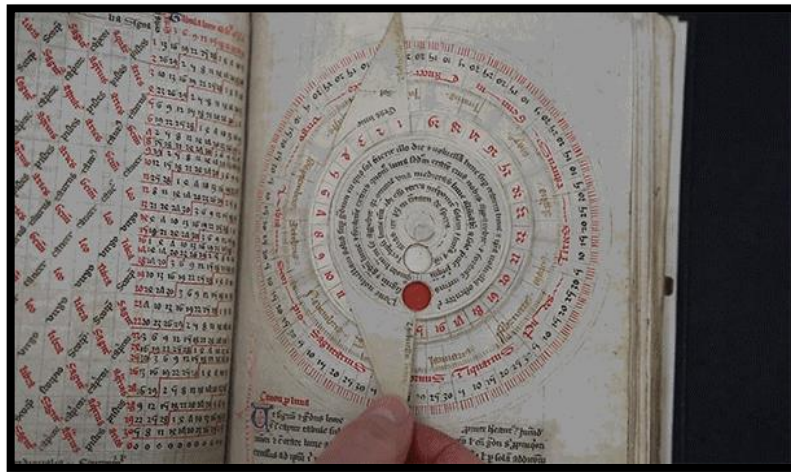
Fig. 46: Anotação feita por um leitor de um manuscrito, supostamente de Exeter, comparando o texto com outra cópia e sinalizando que não faz parte de São Jerônimo.



Fonte: HAMEL, 2017.

Em manuscritos, desde a Idade Média, encontra-se a ocorrência de outro tipo de característica de texto que é comumente atribuída aos textos digitais: a presença de movimento nos textos. Chamados de *Volvelle*, eles eram usados em estudos de ciências como a astronomia para que o aluno pudesse mover os elementos e observar o movimento dos astros celestes. A leitura de tais livros, claro, não era linear, visto que era o movimento feito que ocasionava especificidades de compreensão.

Fig. 47: *Volvelle* presente no manuscrito Ludwig XII 7, fol. 51, uma micelânea medieval sobre astronomia e medicina



Fonte: MARTIN, 2015.

No Renascimento, um personagem ganhou bastante notoriedade por sua genialidade e sua capacidade de escrita especular, ou seja, no sentido oposto: Leonardo da Vinci. Os manuscritos dele, disponibilizados em versão digital pela *British Library*, em 2017, são cheios de anotações marginais e comentários, servindo como mais um exemplo da ausência de linearidade nos textos.

Fig. 48: Fac-símile do *Codex Arundel* de Leonardo da Vinci



Fonte: VINCI, 1478-1518 (Fotografia da British Library, 2017).

Ainda no Renascimento vale a pena destacar que os livros móveis foram muito usados para auxiliar no desenvolvimento de algumas ciências, como a Anatomia, o que aumentou a produção das *Volvelles*, mas não as popularizou, visto que a produção de tal material era significativamente dispendiosa. Nesse tipo de material, figuravam elementos como as legendas, fazendo com que o leitor tivesse que escolher qual elemento ele queria ter informações e consequentemente, fazer a leitura.

Fig. 49: Volvelle presente no códice de Johann Remmelin sobre anatomia humana



Fonte: REMMELIN, 1618 (Fotografia publicada no artigo de Danielle Creech).

O surgimento da imprensa poderia ter posto um fim da produção de textos não-lineares, mas não foi o que ocorreu, pois, com o crescimento latente da quantidade de tipografias na Europa, chegando a mais de 100 em 1480, segundo Paiva (2010), fez com que houvesse a

Fig. 51: Recorte do fôlio 37v do Livro II da Coleção de Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia em que aparecem algumas anotações marginais



Fonte: ANDRADE, 2008 (Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia).

Além disso, não se pode deixar de lembrar que a poesia moderna quebrou, completamente e conscientemente, todos os paradigmas da leitura linear, com publicações que, além da compreensão do texto, permitiam diferentes interpretações dependendo das análises da estrutura do texto, citam-se, por exemplo, as poesias concretistas.

Fig. 51: Poesia concretista de Décio Pignatari, mais um exemplo de escrita não linear



Fonte: PIGNATARI, 1957.

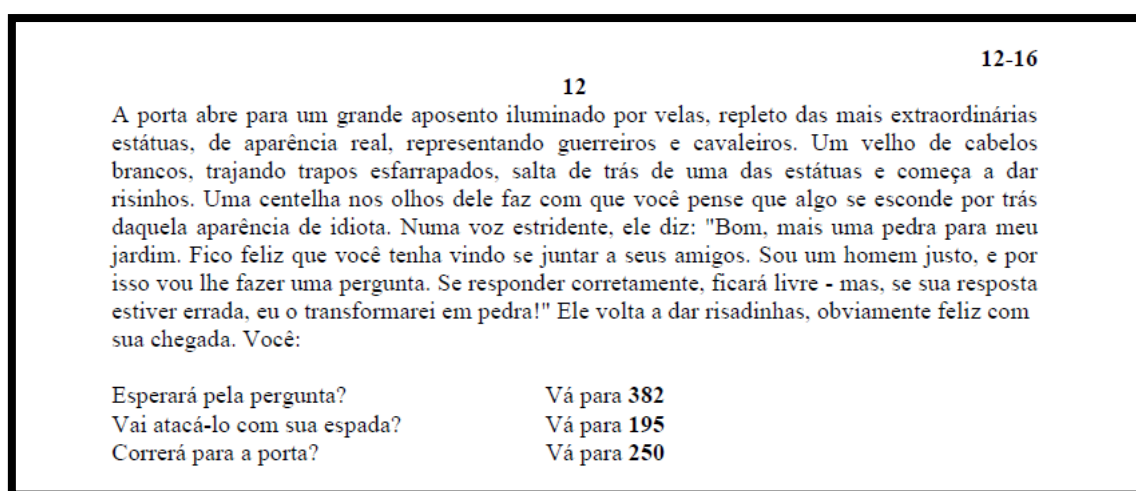
A não linearidade textual também foi utilizada para produção de uma série de jogos chamada *aventura-solo*.

Conhecidos em inglês como *gamebooks*, os jogos são uma alternativa para o entretenimento sem a utilização de outros jogadores ou de dispositivos eletrônicos.

Apesar de o primeiro exemplar ter surgido no ano de 1936, apenas na década de 1970 as aventuras-solo tornaram-se populares. Trata-se de um jogo baseado numa narrativa em que o jogador toma decisões no final de cada trecho lido até que não haja mais para onde seguir, indicando o fim da narrativa (GAMEBOOKS, 1998).

Vendidas inicialmente no formato de livro, após a leitura de cada capítulo o jogador era induzido a mudar para um dos capítulos aleatórios indicados, de acordo com decisões do tipo: “Se você quiser entrar pela porta, vá para o capítulo 35” ou “Se você quiser entrar pela janela, vá para o capítulo 18”. A aleatoriedade dos capítulos visava a garantir que o jogador não leria o livro sequencialmente. O objetivo era chegar a um dos finais da narrativa em que, preferencialmente, indicasse a conclusão vitoriosa do jogador (SILVA, 2018, p. 3).

Fig. 52: Exemplo de aventura solo



Fonte: LIVINGSTONE, 1984.

Ciente da existência da não-linearidade dos textos há tanto tempo, questiona-se por que tal característica é constantemente elencada pelos autores como a grande inovação dos textos digitais? A resposta está no fato de que a não linearidade dos materiais apresentados fora do ambiente digital é visualmente estática, deixando a imagem de que o leitor só tem duas opções: ou segue a leitura desprezando a nota de rodapé, o colofão, as margens; ou para a leitura, capta a informação de fora da leitura e retoma a aparente linearidade.

A não-linearidade do texto digital é significativamente mais ampla, pois é dinâmica e pode configurar-se de duas maneiras: a primeira delas, e mais comumente usada nas produções filológicas, é uma não-linearidade dinâmica *fechada*, na qual o editor não precisa utilizar a rede mundial de computadores, mas insere *links* no texto (construindo hipertextos) que direcionam o leitor para os elementos de complementariedade da edição. É o caso, por exemplo, da edição digital construída por Lose, em 2004, na qual os *hiperlinks* foram usados, principalmente, para

demonstrar os movimentos de escrita realizados por Arthur de Salles para produção de suas obras.

Concomitantemente existe a não-linearidade dinâmica *aberta*, caracterizada pelo uso dos *links* tanto para a construção de hipertextos com dados referentes ao próprio texto em questão, assim como para o direcionamento do leitor para elementos na rede mundial de computadores e, conseqüentemente, para uma gama gigantesca de informações. Um exemplo de edição deste tipo é a edição digital do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia* que, além dos elementos hipertextuais, apresenta *links* como, por exemplo, os que direcionam o leitor para informações complementares sobre fatos históricos citados no manuscrito.

Destaca-se que não se deve confundir o *status* de *aberto* e *fechado* da não-linearidade dos hipertextos com o *on-line* e o *off-line*, uma vez que, um texto pode estar *on-line* e ainda assim ser *fechado*, pois os *links* dele podem ser internos, ou seja, remeter a outras partes do mesmo site, o que faz com que ele não tenha na realidade, a necessidade de estar na *Web* para funcionar.

Os hipertextos digitais são sistemas, pois eles são, como aponta Clémentf (2011, p. 5) “[...] um complexo de elementos em interação, estas interações não são de natureza aleatória”, e, como tais, assumem as características comuns a eles, dentre as quais está uma proveniente da termodinâmica: a condição de aberto ou fechado, sendo, a condição de aberta,

[...] um sistema em que a existência e a estrutura dependem de uma fonte de alimentação externa (como a chama de uma um sistema em que a existência e a estrutura dependem de uma fonte de alimentação externa ou a pressão de um rio em torno da pilastra de uma ponte). No caso dos sistemas vivos, esta fonte de alimentação não é apenas material/energética, mas é também organizacional/informacional (CLÉMENTF, 2011, p. 14).

A grande diferença do sistema fechado para o aberto é que naquele – o fechado –, existe uma barreira que limita a troca de matéria, de conteúdo, diferentemente do aberto. Um exemplo para estabelecer a distinção é uma água gelada. Se a água for colocada em um copo, exposto ao sol, ela vai trocar matéria e energia, diminuindo a quantidade e se aquecendo. Entretanto, se a mesma água for colocada em uma garrafa fechada, só haverá troca de energia, a quantidade permanecerá a mesma.

Não linearidade também é um conceito físico, proveniente da Teoria do Caos, sendo responsável por caracterizar “os fenômenos sujeitos à retroalimentação”, uma definição que dialoga diretamente com a navegação em ambiente virtual. Exemplifica-se mais uma vez: o leitor toma a edição digital do *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia* e se depara com o *link* “leia mais”, fazendo um convite para que o leitor acesse a mais informações, nesse

caso, sobre o convento das Mercês. Ao clicar no *link*, há um direcionamento para uma página que apresenta a história do convento. Essa página apresenta imagens da região e outros *links* que vão contar mais sobre a localidade, abas com indicação de leitura e vídeos começam a surgir na tela e, assim, o leitor abandona a edição filológica e segue seus caminhos, construindo o seu conhecimento ao seu modo.

Fig. 53: Edição digital do *Livro de Crônicas* com indicações de “leia mais”



Fonte: MAGALHÃES, 2013

A Teoria do Caos é uma teoria que abrange quase tudo no universo, inclusive, nas edições digitais dinâmicas abertas.

Em contraposição à ideia de ausência de ordem que intuímos, a Teoria do Caos está justamente ligada à descoberta de padrões e leis razoavelmente simples governando uma série de fenômenos complexos. Mas não se confunda esta existência de padrões com a possibilidade de previsão. Uma característica dos sistemas caóticos é que qualquer mínima alteração em uma das suas condições iniciais pode provocar profundas mudanças de trajetória ou comportamento. Daí a imprevisibilidade (WOOD JR, 1993, p. 95).

Uma leitura imprevisível é, sem dúvida, a maneira como se lê no ambiente virtual, pois nele permite-se aos sujeitos o processamento e a troca e, além disso, “os canais de distribuição são ágeis, não dependem de cadeias de distribuição ou limitações espaciais ou geográficas, alterando a informação no contexto social em diferentes escalas, de acordo com a natureza constituída na documentação circulante” (SERRA, 2014, p. 77).

Essa discussão teórica firma o estabelecimento das denominações a serem usadas para caracterizar as edições digitais.



4 A FILOLOGIA DIGITAL NA BAHIA

As produções de edições digitais são tão antigas quanto o computador. Esse tipo de trabalho nasce com o Padre Roberto Busa, um jesuíta italiano, nascido no começo século XX e considerado o pai das Humanidades Digitais, pois foi o primeiro a utilizar máquinas capazes de processar dígitos em prol do conhecimento das ciências humanas.

Ao contrário de muitas outras experiências interdisciplinares, a computação em humanidades tem um começo muito bem conhecido. Em 1949, um padre jesuíta italiano, padre Roberto Busa, começou o que até hoje é uma tarefa monumental: fazer um índice *verborum* de todas as palavras nas obras de São Tomás de Aquino e autores relacionados, totalizando cerca de 11 milhões de palavras de Latim medieval. O padre Busa imaginou que uma máquina poderia ajudá-lo e, tendo ouvido falar de computadores, foi visitar Thomas J. Watson na IBM nos Estados Unidos em busca de apoio (Busa, 1980). Alguma assistência foi dada e Busa começou seu trabalho. Os textos inteiros foram gradualmente transferidos para cartões perfurados e para um programa de concordância escrito para o projeto. A intenção era produzir volumes impressos, dos quais o primeiro foi publicado em 1974. Um programa de concordância puramente mecânica, em que as palavras são alfabetizadas de acordo com suas formas gráficas (sequências de letras), poderia ter produzido um resultado em muito menos tempo, mas Busa não estaria satisfeito com isso. Ele queria produzir uma concordância “lematizada”, onde as palavras são listadas sob os títulos do dicionário, não sob suas formas simples. Sua equipe tentou escrever alguns *softwares* de computador para lidar com isso e, eventualmente, a lematização de todos os 11 milhões de palavras foi concluída de forma semiautomática, com seres humanos lidando com formas de palavras que o programa não poderia manipular. Busa estabeleceu padrões muito altos para o seu trabalho. Seus volumes são elegantemente digitados e ele não comprometeria em nenhum nível de bolsa de estudos para fazer o trabalho mais rápido. Ele continuou a ter uma profunda influência na computação em humanidades, com uma visão e uma imaginação que vão além dos horizontes de muitos da geração atual de profissionais que foram criados com a Internet. Um CD-ROM do material de Aquinas surgiu em 1992 e incorporou algumas características hipertextuais (“cum hypertextibus”) (Busa 1992) e foi acompanhado por um guia do usuário em latim, inglês e italiano. O próprio Padre Busa foi o primeiro beneficiário do prêmio Busa, em reconhecimento das conquistas excepcionais na aplicação da tecnologia da informação à pesquisa humanística e, em sua palestra em Debrecen, Hungria, em 1998, refletiu sobre o potencial da World Wide Web para entregar material acadêmico multimídia acompanhado por sofisticadas ferramentas de análise.ⁱ (SCHREIBMAN; SIEMENS; UNSWORTH, 2004).

ⁱ No original: “Unlike many other interdisciplinary experiments, humanities computing has a very well-known beginning. In 1949, an Italian Jesuit priest, Father Roberto Busa, began what even to this day is a monumental task: to make an index verborum of all the words in the works of St Thomas Aquinas and related authors, totaling some 11 million words of medieval Latin. Father Busa imagined that a machine might be able to help him, and, having heard of computers, went to visit Thomas J. Watson at IBM in the United States in search of support (Busa 1980). Some assistance was forthcoming and Busa began his work. The entire texts were gradually transferred to punched cards and a concordance program written for the project. The intention was to produce printed volumes, of which the first was published in 1974 (BUSAS, 1974). A purely mechanical concordance program, where words are alphabetized according to their graphic forms (sequences of letters), could have produced a result in much less time, but Busa would not be satisfied with this. He wanted to produce a “lemmatized” concordance where words are listed under their dictionary headings, not under their simple forms. His team attempted to write some computer software to deal with this and, eventually, the lemmatization of all 11 million words was completed in a semiautomatic way with human beings dealing with word forms that the program could not handle. Busa set very high standards for his work. His volumes are elegantly typeset and he would not compromise on any levels of scholarship in order to get the work done faster. He has continued to have a profound influence on humanities computing, with a vision and imagination that reach beyond the horizons of many of the current generation of

A força dessa tradição proposta de produção de saber associada aos avanços da computação fizeram com que outras pesquisas com o cunho de unir Humanidades com os dígitos binários fossem executadas chegando, inclusive, ao solo baiano, onde se firmava um grupo de pesquisa na UFBA, capitaneado pelo professor Nilton Vasco da Gama e monitorado pela professora Célia Marques Telles.

Foi lá que, em 2004, Alícia Duhá Lose, então orientanda de doutorado da professora Célia Telles, teve contato com um pequeno manual do *Estadão* que ensinava a lidar com o Front Page, um *software*, à época, disponibilizado pelo pacote básico de programas da Microsoft Office para uso em computador doméstico e, usando tal material, deu origem à primeira edição digital desenvolvida em solo baiano, fazendo nascer uma tradição que, ano após ano, amplia-se vertiginosamente na universidade. Assim tiveram origem diversos trabalhos que serão listados e comentados aqui utilizando uma ficha de descrição de edição digital desenvolvida por Rafael Marques Ferreira Barbosa Magalhães e pela autora da tese quando, em 2014, estavam fazendo um levantamento de modelos de edições digitais para criação da *Edição Digital dos Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*, um projeto ainda em andamento.

practitioners who have been brought up with the Internet. A CD-ROM of the Aquinas material appeared in 1992 that incorporated some hypertextual features (“cum hypertextibus”) (Busa 1992) and was accompanied by a user guide in Latin, English, and Italian. Father Busa himself was the first recipient of the Busa award in recognition of outstanding achievements in the application of information technology to humanistic research, and in his award lecture in Debrecen, Hungary, in 1998 he reflected on the potential of the World Wide Web to deliver multimedia scholarly material accompanied by sophisticated analysis tools (BUSA, 1999)”.

4.1 LEVANTAMENTO DAS EDIÇÕES DIGITAIS PRODUZIDAS POR PESQUISADORES BAIANOS

Título	Edição digital das pastas 001 e 003 do Acervo de Arthur de Salles
Responsável pela criação	Alícia Duhá Lose
Responsável pela execução	Alícia Duhá Lose
Ano	2004
Programa para desenvolvimento	Microsoft Office Frontpage
Instituição de vinculação	Universidade Federal da Bahia
Formato	(X) Website / () Ebook / () Outro _____
Disponível on-line	() Sim (X) Não
Necessita de recurso on-line	() Sim (X) Não
Mídias incorporadas	(X) Imagem / (X) Som / () Imagem em movimento / () Outro
Referência	LOSE, Alícia Duhá. <i>Arthur de Salles: esboços e rascunhos</i> . 2004. 265f. il. + anexos + 1 CD-ROM (edição digital). Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – PPPGLL do Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2004. Orient.: Profa. Dra. Célia Marques Telles.

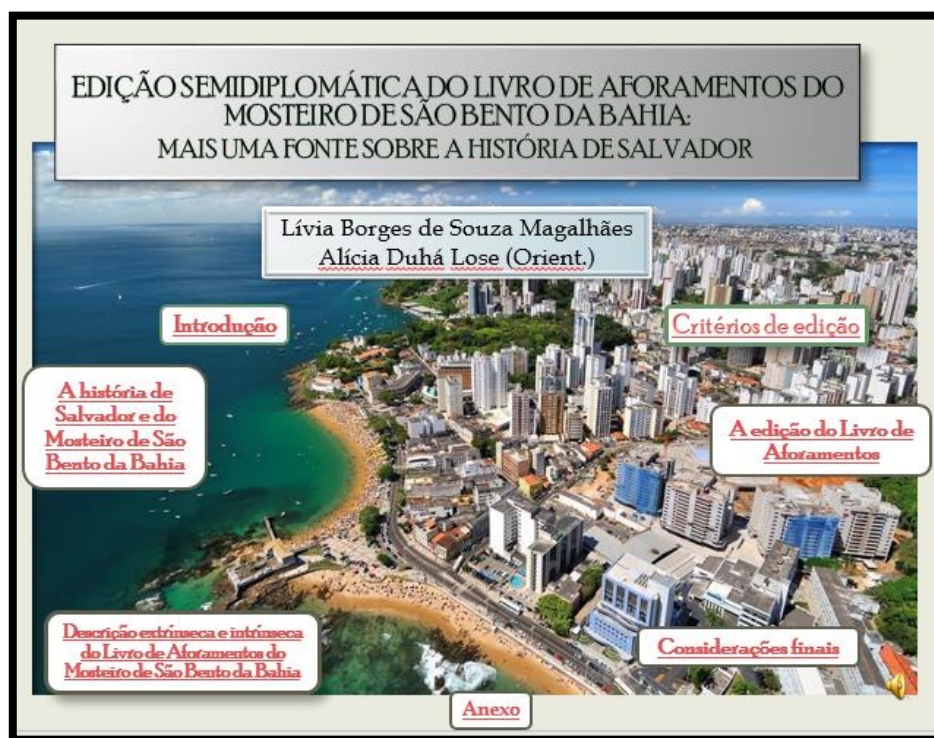
Home



Principais Características – Edição digital fechada com proposta de apresentada ao leitor a multiplicidade de leitura dos movimentos que o autor realizou para elaborar o texto e, paralelamente, proporcionar a possibilidade de escolher os caminhos de acesso às informações apresentadas: os facsímiles; a descrição dos manuscritos; um levantamento elaborado do vocabulário, da estrutura poética e as temáticas de uso corrente pelo poeta; a biografia do autor; a obra mais divulgada dele: o Hino ao Senhor do Bonfim; e, por fim, uma lista de todos os trabalhos executados, até então, pelo grupo de pesquisa da UFBA com o acervo do poeta.

Título	Edição Semidiplomática do Livro de Aforamentos do Mosteiro de São Bento da Bahia: mais uma fonte sobre a história de Salvador
Responsável pela criação	Lívia Borges Souza Magalhães
Responsável pela execução	Lívia Borges Souza Magalhães
Ano	2010
Programa para desenvolvimento	Power Point/NVU
Instituição de vinculação	Universidade Federal da Bahia
Formato	(X) Website / () Ebook / () Outro _____
Disponível on-line	() Sim (X) Não
Necessita de recurso on-line	() Sim (X) Não
Mídias incorporadas	(X) Imagem / () Som / () Imagem em movimento / () Outro
Referência	MAGALHÃES, Lívia Borges Souza. <i>Pequenas análises feitas com o Livro de Aforamentos do Mosteiro de São Bento da Bahia</i> . 21 dez. 2010. 85 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Vernáculas) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. Orient.: Profa. Dra. Alícia Duhá Lose.

Home



Principais características - Edição fechada e de características primárias no que diz respeito ao trato com os recursos digitais, visto que se usou o recurso primordialmente para divulgação, em espaço virtual, da edição e da descrição do documento. Inseriu-se, no entanto, alguns *links*, responsáveis por colocar o paratexto dentro do texto principal e não mais na marginália, como era comum nas edições em papel. Observa-se tal movimento, por exemplo, com as imagens retiradas do Google Maps que faziam referência às localidades citadas pelo documento.

Título	Auto da Barca do Rio das Lágrimas de Irati
Responsável pela criação	Isabela Almeida
Responsável pela execução	Isabela Almeida
Ano	2011
Programa para desenvolvimento	Web page maker
Instituição de vinculação	Universidade Federal da Bahia
Formato	(X) Website / () Ebook / () Outro _____
Disponível on-line	() Sim (X) Não
Mídias incorporadas	(X) Imagem / () Som / () Imagem em movimento / () Outro
Referência	ALMEIDA, I. S. <i>Três fios do bordado de Jurema Penna: leituras filológicas de uma dramaturgia baiana</i> . f. 246 Il. 2011. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Orient.: Profa. Dra. Rosa Borges dos Santos

Home



Principais Características - Edição digital fechada, também com características primárias no trato com o recurso digital, pois, mais uma vez, realizou-se apenas a transposição das práticas de edição em papel para o ambiente virtual, não explorando as potencialidades do gênero. Fez-se, apenas, a disponibilização da edição, utilizando o recurso do *hiperlink* para unir as informações do aparato crítico. Além disso, inseriu-se os fac-símiles e uma lista de matérias audiovisuais.

Título	Edição digital de Sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado: um hiperlink para salvação
Responsável pela criação	Marília Andrade Nunes
Responsável pela execução	Marília Andrade Nunes
Ano	2012
Programa para desenvolvimento	Adobe Dream, Word
Instituição de vinculação	Universidade Federal da Bahia
Formato	(X) Website / () Ebook / () Outro _____
Disponível on-line	() Sim (X) Não
Mídias incorporadas	(X) Imagem / () Som / () Imagem em movimento / () Outro
Referência	NUNES, Marília Andrade. <i>Do rascunho ao hipertexto</i> : edição de sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado. 2013. 229 f. + 1 DVD (edição digital). Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Orient.: Profa. Dra. Alícia Duhá Lose

Home



Principais Características - Com características muito próximas da edição da obra de Arthur de Sales, produzida por Lose (2004), trata-se de uma edição fechada que possibilita ao leitor observar os movimentos do autor para a produção do texto. Além disso, usou-se o ambiente digital para disponibilização dos facsímiles, da descrição dos manuscritos, da edição modernizada e das conservadoras, sendo elas sem qualquer tipo uso de *hiperlinks* ou elementos de aprimoramento do uso do recurso digital.

Título	<i>Aprender a nada-r e Anatomia das feras</i> , de Nivalda Costa: estudo do processo de construção dos textos e edição
Responsável pela criação	Débora de Souza
Responsável pela execução	Débora de Souza
Ano	2012
Programa para desenvolvimento	
Instituição de vinculação	Universidade Federal da Bahia
Formato	(X) Website / () Ebook / () Outro _____
Disponível on-line	() Sim (X) Não
Mídias incorporadas	(X) Imagem / () Som / () Imagem em movimento / () Outro
Referência	SOUZA, Débora. Aprender a nada-r e Anatomia das feras, de Nivalda Costa : processo de construção dos textos e edição. 2012. 251 f. + CD. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Orient.: Profa. Dra. Rosa Borges dos Santos.

Home

[Apresentação](#) [Aprender a nada-r](#) [Anatomia das feras](#) [Anexos](#)

Nivalda Costa

Principais Características - Edição de navegação fechada em que o recurso digital é usado para pontuar as operações de correção ou manipulação do texto realizadas por Nivalda Costa, autora da obra estudada, bem como as intervenções dos censores e comentários do editor.

Título	<i>O Pasquineiro da Roça</i> : edição dos panfletos de Eulálio Motta
Responsável pela criação	Patrício Nunes Barreiro
Responsável pela execução	Patrício Nunes Barreiro, com auxílio de um programador
Ano	2013
Programa para desenvolvimento	O site desenvolvido no programa Adobe Dreamweaver com suporte CSS, HTML e PHP. O banco de dados foi estruturado por meio do sistema de gerenciamento de banco de dados MySQL.
Instituição de vinculação	Universidade do Estado da Bahia/Universidade Federal da Bahia
Formato	(X) Website / () Ebook / () Outro _____
Disponível on-line	(X) Sim () Não
Mídias incorporadas	(X) Imagem / (X) Som / (X) Imagem em movimento / () Outro
Referência	BARREIROS, Patrício Nunes. <i>O Pasquineiro da roça</i> : edição dos panfletos de Eulálio Motta. 386f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013

Home



Principais Características - Edição de navegação aberta, pois há *links* que direcionam o leitor para outros elementos disponibilizados na *web*. Ela explora significativamente os recursos para produção de site, fazendo uso, por exemplo, de *flashplayer* e *jquery*, atribuindo movimento nas imagens e facilitando a interação do leitor como a edição. Além disso, utilizou-se o espaço virtual para apresentar um dossiê arquivístico elaborado com elementos paratextuais (manuscritos, impressos, fotografias e vídeo).

Título	Edição digital do Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia
Responsável pela criação	Lívia Borges Souza Magalhães
Responsável pela execução	Lívia Borges Souza Magalhães
Ano	2013
Programa para desenvolvimento	NVU, Notepad ++
Instituição de vinculação	Universidade Federal da Bahia
Formato	(X) Website / () Ebook / () Outro _____
Disponível on-line	() Sim (X) Não
Mídias incorporadas	(X) Imagem / (X) Som / () Imagem em movimento / () Outro
Referência	MAGALHÃES, Lívia Borges Souza. Fazendo filologia entre tags e dígitos binários : uma proposta de edição digital do Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia. 2013. 418 f. + 1 pen drive (edição digital). Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013

Home

[Entenda esse trabalho](#) | [O labor filológico](#) | [Índice Onomástico](#)
[Índice Cronológico](#) | [Um pouco mais do Mosteiro de São Bento da Bahia](#)

Edição Digital do Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia

O Livro de Crônicas do Most. de São Bento da Bahia 1920-1934 é um manuscrito que salvaguarda anotações diárias sobre a rotina do Mosteiro de São Bento da Bahia nos anos supracitados, sendo que, tais informações, remetem aos mais diversos temas, como, por exemplo: presença de visitantes, mortes de monges, morte de papas, festividades religiosas, mudança de governo, fatos sociais variados, enfim, tudo o que acontecia no dia a dia da instituição. Tem-se, então, nos links e hiperlinks aqui presentes nesse site, uma série de estudos feitos com essas narrativas cronísticas com o intuito de preservar os registros presentes no códice e, paralelamente, servir para um resgate da história da instituição.



Copyright - 2013 Lívia Borges Souza Magalhães, todos os direitos reservados. O conteúdo deste site está protegido pela lei de direitos autorais, não é permitida a reprodução ou republicação de nenhum dos seus documentos em qualquer meio. A permissão para a utilização do documento (manuscrito e fotografado) foi concedida pelas proprietárias dos originais para sua publicação on-line. Esse site é parte da dissertação de mestrado intitulada "Fazendo filologia entre tags e dígitos binários: uma proposta de edição digital do Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia, defendida no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia em 2013 sob a orientação da Profa. Dra. Alécia Dabhi Leão.

Principais Características - Edição digital de navegação aberta, com utilização do recurso do *hyperlink* para apresentar imagens explicativas sobre as abreviaturas, os topônimos e alguns antropônimos, como, por exemplo, o nome dos santos citados e alguns monges. A característica de ser aberta advém da inclusão de um botão “Leia Mais”, responsável por indicar alguns sites externos que tratam de aspectos referenciados no documento.

Título	Edição Digital do Livro I do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia
Responsável pela criação	Marla Oliveira Andrade
Responsável pela execução	Marla Oliveira Andrade
Ano	2014
Programa para desenvolvimento	Word
Instituição de vinculação	Universidade Federal da Bahia
Formato	(X) Website / () Ebook / () Outro _____
Disponível on-line	() Sim (X) Não
Mídias incorporadas	(X) Imagem / (X) Som / () Imagem em movimento / () Outro
Referência	ANDRADE, Marla Oliveira. Uma porta para o passado : edição de documentos dos séculos XVI e XVII do Livro I do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia – 2009. 342 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2010.

Home



EDIÇÃO DIGITAL DO LIVRO I DO TOMBO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA

[Home](#) | [O Mosteiro de São Bento da Bahia](#)
[O Livro I do Tombo](#) | [O catálogo do Livro I do Tombo](#)
[Os índices do Livro I do Tombo](#) | [As edições do Livro I do Tombo](#) | [A autora](#)

Essa edição digital do **Livro I do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia**, que apresenta descrições e análises através de diversos links e hiperlinks. Ela é composta por sete páginas principais: a **Home**, essa página inicial, na qual tem-se a apresentação do trabalho; **O Mosteiro de São Bento da Bahia** que traz a contextualização do ambiente onde está situado o objeto de pesquisa; **O Livro I do Tombo** que apresenta o objeto em si; **O Catálogo** na qual tem-se a descrição e apresentação dos documentos do manuscrito; **Os Índices** onomástico e o cronológico e sua metodologia; **As edições do Livro I do Tombo** que é composta pela a edição conservadora e a edição digital do Livro I; e, por fim, **A autora**, trazendo as credenciais de autoria do trabalho.

 Esse site traz o Livro I do tomo do Mosteiro de São Bento da Bahia e suas descrições e análises através de diversos links e hiperlinks. O Livro I do Tombo é um conjunto de textos manuscritos do Mosteiro de São Bento da Bahia que faz parte de uma coleção de seis Livros de Tombo. Esse site traz o Livro I do tomo do Mosteiro de São Bento da Bahia e suas descrições e análises através de diversos links e hiperlinks. O Livro I do Tombo é um conjunto de textos manuscritos do Mosteiro de São Bento da Bahia que faz parte de uma coleção de seis Livros de Tombo. Esse site traz o Livro I do tomo do Mosteiro de São Bento da Bahia e suas descrições e análises através de diversos links e hiperlinks.

Principais Características - Edição de navegação fechada em que o recurso do *hiperlink* é usado para unir os dados dos índices ao elemento apresentado na edição.

Título	Arivaldo Sacramento de Souza
Responsável pela criação	Arivaldo Sacramento de Souza
Responsável pela execução	Livia Borges Souza Magalhães
Ano	2014
Programa para desenvolvimento	Microsoft office Frontpage, Notepad ++
Instituição de vinculação	Universidade Federal da Bahia
Formato	(X) Website / () Ebook / () Outro _____
Disponível on-line	() Sim (X) Não
Mídias incorporadas	(X) Imagem / (X) Som / () Imagem em movimento / () Outro
Referência	SOUZA, Arivaldo Sacramento. Nas tramas de Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá : crítica filológica e estudo de sexualidades –2014. 358 f. + DVD. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2014.

Home



Principais Características - Edição digital de navegação aberta, com características muito próximas da desenvolvida por Magalhães (2013). Utilizou-se o recurso do *hiperlink* para disponibilizar as variantes textuais. Para tanto, em um dos testemunhos havia indicações para que o leitor colocasse o *mouse* sobre o local em destaque e visse, em um quadrado localizado no lado direito da tela, as diferenças de uma edição para outra, um movimento possível em função da utilização da biblioteca JQuery. Usou-se, também, a disponibilização das edições em uma tela única, separadas pelo recurso do *scroll*, possibilitando ao leitor a identificação das diferenças em paralelo.

Título	Edição Interpretativa e Fac-similar em meio digital de <i>Irani ou As Interrogações</i> , de Ariovaldo Matos
Responsável pela criação	Mabel Meira Mota
Responsável pela execução	Técnico da área de Sistemas da Informação
Ano	2013
Programa para desenvolvimento	Antena Beta e Dreamweaver CS5
Instituição de vinculação	Universidade Federal da Bahia
Formato	(X) Website / () Ebook / () Outro _____
Disponível on-line	() Sim (X) Não
Mídias incorporadas	(X) Imagem / (X) Som / () Imagem em movimento / () Outro
Referência	MOTA, Mabel Meira. Da trama do arquivo à trama detetivesca de Irani ou As Interrogações, de Ariovaldo Matos: leitura filológica do arquivo e edição do texto. 2012. 220 f.. + DVD. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Orient.: Profa. Dra. Rosa Borges dos Santos. Orient.: Profa. Dra. Rosa Borges dos Santos.
Home	
Principais Características - Edição digital de navegação fechada. Ela é formada pelo dossiê de <i>Irani ou As Interrogações</i> , contendo os recortes de jornais e documentos da censura: requerimento de censura, pareceres e certificado de censura; já o <i>link</i> “a edição” apresenta a edição interpretativa, formada pelo texto crítico e aparato de variantes e notas, sendo usado o recurso do <i>hiperlink</i> para apresentar tais elementos. Há, também, uma lista de materiais audiovisuais e a edição produzida anteriormente por outro pesquisador.	

Título	Edição genética vertical digital da legendagem de Raccoon & Crawfish
Responsável pela criação	Sirlene Ribeiro Góes
Responsável pela execução	Sirlene Ribeiro Góes
Ano	2013
Programa para desenvolvimento	Prezi
Instituição de vinculação	Universidade Federal da Bahia
Formato	(X) Website / () Ebook / () Outro _____
Disponível on-line	() Sim (X) Não
Mídias incorporadas	(X) Imagem / (X) Som / () Imagem em movimento / () Outro
Referência	GÓES, Sirlene Ribeiro. Legendando Raccoon & Crawfish : proposta de estudo do processo criativo de uma legendagem fílmica e de edição genética. 128f. + 1 DVD. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Orient.: Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácio.

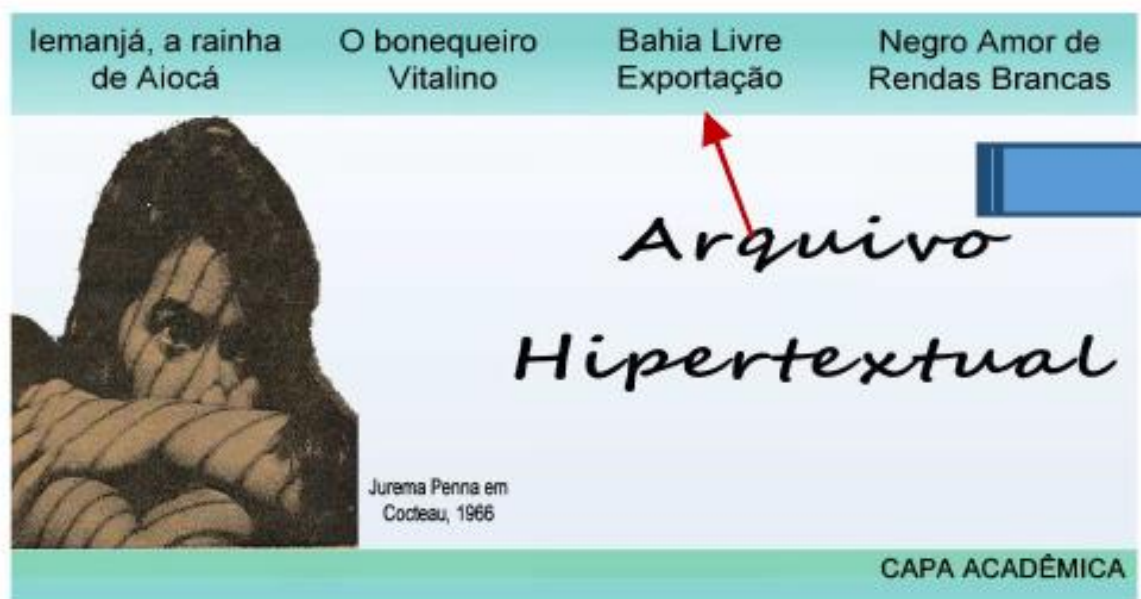
Home



Principais Características - Apesar de estar on-line, a edição em questão é fechada, visto que não existe qualquer ligação com elementos da web. A autora utilizou os recursos do *Prezi*, uma plataforma digital construída graças aos *JavaScript*, para disponibilizar os documentos do processo gerados na legendagem, a análise feita do percurso genético e a transcrição e descrição dos documentos digitais do referido processo em apreço.

Título	<i>Três fios do bordado de Jurema Penna: leituras filológicas de uma dramaturgia baiana.</i>
Responsável pela criação	Isabela Almeida
Responsável pela execução	Isabela Almeida
Ano	2014
Programa para desenvolvimento	Adobe Fireworks CS5, Adobe Dreamweaver CS5
Instituição de vinculação	Universidade Federal da Bahia
Formato	(X) Website / () Ebook / () Outro _____
Disponível on-line	() Sim (X) Não
Mídias incorporadas	(X) Imagem / () Som / () Imagem em movimento / () Outro
Referência	ALMEIDA, I. S. Três fios do bordado de Jurema Penna: leituras filológicas de uma dramaturgia baiana. f. 246 Il. 2011. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Orient.: Profa. Dra. Rosa Borges dos Santos.

Home



Principais Características - Edição digital de navegação fechada. Ela apresenta a disponibilização dos fac-símiles usados para construir a edição sinóptica, proveniente do uso do *software Juxta Common*. Algumas marcações do *html* foram utilizadas para gerar movimento na edição, permitindo que as imagens e os textos figurem na mesma página.

Título	A Escolha ou o Desembestado
Responsável pela criação	Mabel Meira Mota
Responsável pela execução	Técnico em Sistema de informação
Ano	2017
Programa para desenvolvimento	Adobe Fireworks CS5, Adobe Dreamweaver CS5
Instituição de vinculação	Universidade Federal da Bahia
Formato	(X) Website / () Ebook / () Outro _____
Disponível on-line	(X) Sim () Não
Mídias incorporadas	(X) Imagem / () Som / () Imagem em movimento / () Outro
Referência	MOTA, Mabel Meira. Filologia e Arquivística em tempos digitais : o arquivo hipertextual e as edições filológicas de <i>A Escolha ou o Desembestado</i> de Ariovaldo Matos. 2017. 220 f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Orient.: Profa. Dra. Rosa Borges dos Santos.

Home



Principais Características – Edição de navegação aberta com amplo uso dos recursos *html*, com recursos de *Flash* e *JavaScript*. O ambiente virtual foi usado para disponibilizar a edição fac-similar; uma edição interpretativa em que o recurso do hiperlink aparece para unir notas de cunho biográfico, linguístico, textual, histórico-cultural e artístico; uma edição sinóptica em que se faz o confronto entre duas variantes do objeto de estudo. Vale destacar que o site oferece a opção de buscar por elementos previamente estabelecidos, o que facilita significativamente o acesso dos leitores.

Sabe-se, ainda, da existência de edições feitas pelos pesquisadores Hugo Correia, Ludmila Antunes e Fabiana Prudente, todos pertencentes ao Grupo de Pesquisa Textos Censurados da UFBA, desenvolvidas sob orientação da Prof^a. Dr^a. Rosa Borges dos Santos, mas, após diversas tentativas de contato com os autores, não se conseguiu as informações necessárias para preenchimento da ficha de descrição e, por isso, optou-se por apenas mencioná-los neste trabalho.

Nesse breve levantamento percebe-se a questão pontuada anteriormente na ausência de propriedade no uso dos recursos digitais, culminando na falta de aprofundamento no emprego deles, um fato percebido, principalmente, pela não disponibilização da edição *on-line*, fazendo com que convencional proposta de ampla divulgação das edições não seja concretizada; pela manutenção das práticas de edição usadas no papel para tela do computador; ou ainda pela ausência de noções sobre a importância de um *design* de interação bem elaborado, facilitando o acesso do usuário.

Salienta-se, então, a necessidade de buscar o conhecimento das práticas de utilização dos recursos digitais, extrapolando os limites da Filologia tradicional, não em prol de um desligamento da ciência, mas sim da adoção de uma prática liberal, capaz de permitir o necessário e essencial desenvolvimento do conhecimento filológico, capacitando o filólogo a entrar na realidade da era digital, em que as inovações estão sempre presentes no cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, das ciências.

4.2 DESCRIÇÃO DA EDIÇÃO: UMA NOVA PROPOSTA

Lose (2011) situa a utilização dos *hiperlinks* como estrutura para unir o texto ao paratexto. Dessa forma, pressupõe-se um texto central e outros, marginais, que trabalham em função do centro, para explicá-lo e complementá-lo. Na edição ora apresentada não se pretende, primordialmente, dispor dessa centralidade, mas sim, ligar um documento a outro, possibilitando a construção de uma edição em que o diálogo não seja mais com texto e paratexto, mas entre texto e texto, fazendo com que o foco volte-se para as informações contidas nos documentos, permitindo a produção de um registro histórico/memorialístico da instituição – Mosteiro de São Bento da Bahia – produtora e detentora dos documentos e, assim, tornar as informações acessíveis ao público, com o intuito de que este trabalho possa subsidiar pesquisas posteriores, em diversas áreas como Linguística, História, Teologia, Antropologia., dentre outras.

4.2.1 O site: www.papeisquenarram.com.br

A proposta de edição digital desta tese foi hospedada em um servidor disponibilizado pelo site *Kinghost*. O domínio escolhido foi *papeisquenarram* para destacar as histórias lavradas nos papéis dos documentos do acervo do Mosteiro de São Bento da Bahia, o grande foco deste trabalho, uma vez que, tudo aqui construído é para ampla divulgação delas.

Para a *home* selecionou-se imagens que remetem aos aspectos selecionados como elos entre as edições: os documentos, os monges e o próprio mosteiro. No topo da imagem aparece um menu com dez opções: *Home*, *Sobre*, *Mosteiro de São Bento da Bahia*, *Livro de Crônicas*, *Coleção de Livros do Tombo*, *Diretório Monástico*, *Livro de Aforamentos*, *Carta de Profissão Monástica*, *Índice* e *Créditos*. Já na parte inferior inseriu-se o *Copyright*, uma tentativa de assegurar o respeito às leis de uso da propriedade autoral.

Fig. 55: *Home* do site papeisquenarram.com.br



Fonte: PAPÉIS..., 2018.

A página *Sobre* apresenta uma breve descrição do que é o *site*. Em o *Mosteiro de São Bento da Bahia* há dois vídeos de um documentário dirigido por Lauro Passos, em 1998, sobre a história abadia baiana. *Índice* é uma página composta por um índice para facilitar os leitores a identificarem os topônimos e antropônimos elencados para este trabalho, direcionando em

que fôlio eles estão em cada um dos documentos estudados. Na página *Créditos* existe a listagem dos responsáveis pela transcrição dos documentos, da autora e orientadora da edição. Todas essas páginas apresentam, na parte superior, o mesmo *layout* da página *Home*, diferindo apenas nas imagens selecionadas para enfeitar as páginas, uma característica que permite aos usuários perceberem que todas essas páginas pertencem ao mesmo *site*.

Fig. 56: Página *Sobre* do site *papeisquenarram.com.br*



Fonte: PAPÉIS..., 2018.

As páginas *Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia*, *Coleção de Livros do Tombo*, *o Diretório Monástico*, *o Livro de Aforamentos do Mosteiro de São Bento da Bahia* e *as Cartas de Profissão Monásticas* são as páginas introdutórias para a edição digital, posto que, optou-se pela inclusão de uma breve explicação sobre o que é o documento e de dois *links*: o primeiro direcionando para a descrição extrínseca e intrínseca do manuscrito selecionado e o outro para a edição digital.

Fig. 57: Página *Livro de Crônicas* do site papeisquenarram.com.br

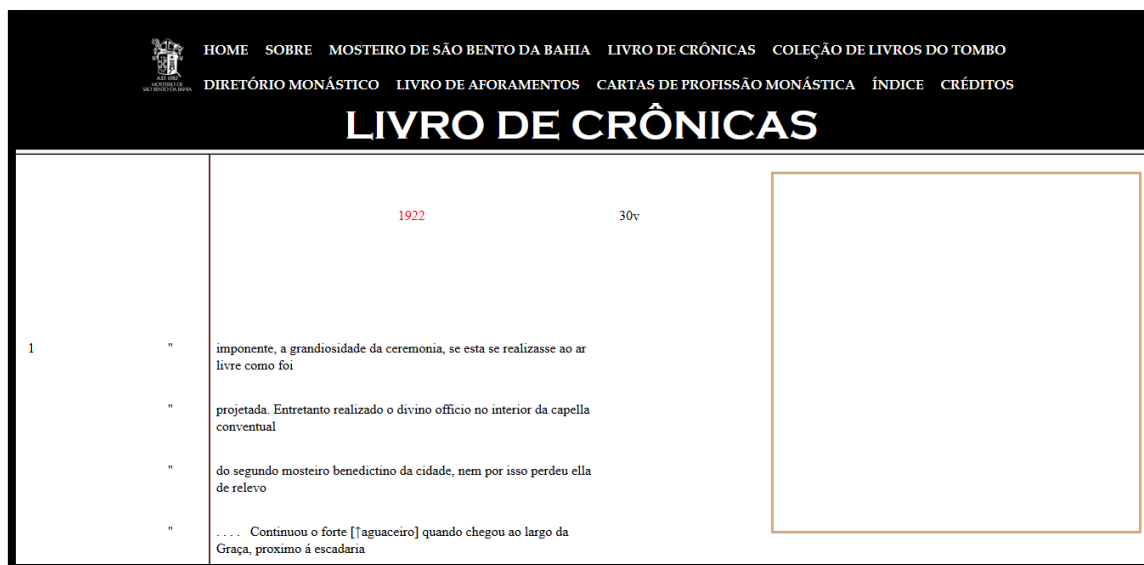


Fonte: PAPÉIS..., 2018.

Para a construção dessas páginas utilizou-se a estrutura de *frames*, conhecida por permitir que arquivos HTML distintos dividam o espaço da janela do navegador, ocupando, por consequência, a mesma página. Os *frames* podem ser em linhas ou colunas, sendo que, na edição ora apresentada, optou-se pelo uso de apenas duas linhas com o atributo *noresize*, responsável por retirar do leitor a possibilidade de alterar os tamanhos dos espaços entre as linhas, tornando fixa a divisão da tela. Essa escolha foi feita para incluir uma parte permanente de identificação dos documentos, para que o leitor fique sempre ciente de qual foi a porta usada para adentrar na edição. Em outras palavras, por exemplo, se o leitor acessar a edição pelo *Livro de Crônicas* e dali decidir navegar clicar em um *link* para a edição do *Livro de Aforamentos*, ele manterá destacado qual o primeiro documento escolhido para iniciar a navegação.

As características das páginas principais, o *menu*, o *background* preto e o brasão do mosteiro foram mantidos.

Fig. 58: Página da edição digital do *Livro de Crônicas* do site papeisquenarram.com.br



Fonte: PAPÉIS..., 2018.

Sobre os cinco documentos escolhidos para compor a edição vale informar que eles foram editados no programa Microsoft Word, pertencente ao pacote Office do Windows, em tabelas, com linhas numeradas de cinco em cinco. Salienta-se que não existe um padrão na organização das colunas da tabela, isso porque essa organização dependia das características da marginália de cada manuscrito.

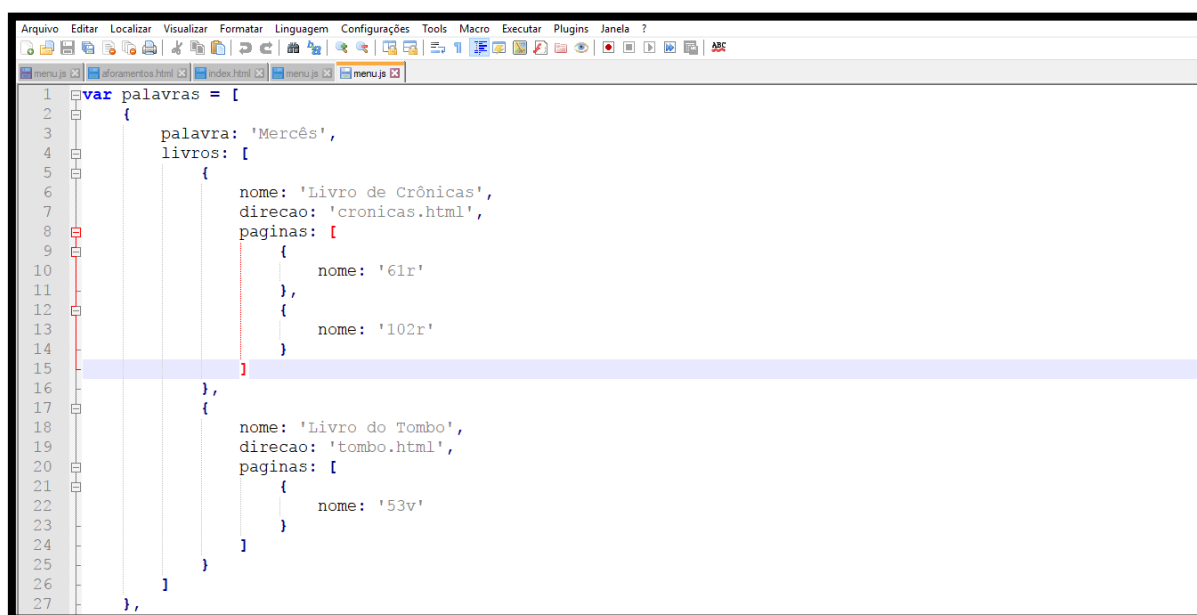
As tabelas em Word foram copiadas e coladas em um editor HTML para que fossem convertidas em tal formato. Selecionou-se, para a realização de tal atividade, o *NVU*, um *software* livre desenvolvido pela Linspire, em 2005. Tem-se plena consciência de que ele não é mais um editor recomendável para a construção de *sites* na atualidade pela falta de recursos refinados, contudo, para a necessidade do momento, que era somente a conversão, ele funcionou perfeitamente. Assim, finalizou-se essa etapa com nove arquivos HTML: *cronicas.html*, *aforamentos.html*, *diretorio.html*, *cartas.html*, *tombov.html*, *tombo1.html*, *tombo2.html*, *tombo3.html*, *tombo4.html*.

Fez-se, por meio do site <https://jquery.com/>, *dowonload* da biblioteca de *JavaScript*, denominada *jQuery*. Ela foi criada por John Resig, em 2006 e é “O *jQuery* é uma biblioteca *JavaScript* rápida, pequena e rica em recursos. Ele torna as coisas como passagem e manipulação de documentos HTML, manipulação de eventos, animação e Ajax muito mais

simples, com uma API fácil de usar que funciona em vários navegadores” (JQUERY, 2018)^j. Em outras palavras, é esse recurso que permite os movimentos presentes no *site*.

Criou-se, então, mais dois arquivos que foram linkados à tabela em HTML: o arquivo *menu* e o *css*, o primeiro apresenta uma espécie de automação para formação dos *links* do texto, pois basta a inclusão das variantes a serem localizadas, isto é, os topônimos e os antropônimos. A indicação dos documentos a serem linkados em cada variante e a sinalização do fôlio que o funcionará como hiperlink. Tal automação faz com que o HTML varra o documento com o manuscrito editado inteiro e, cada vez que encontre a variante, haja a inclusão de uma marca no texto que funciona como informativo ao leitor de que ali existe um *link*. Ao passar o cursor do *mouse* sobre tal marca, o leitor tem acesso a um menu em que ele pode constatar os fôlios dos demais documentos em que existe a mesma informação.

Fig. 59: Código HTML das variantes selecionadas para produção dos links nos documentos



Fonte: PAPÉIS..., 2018.

^j No original: “[...] a fast, small, and feature-rich JavaScript library. It makes things like HTML document traversal and manipulation, event handling, animation, and Ajax much simpler with an easy-to-use API that works across a multitude of browsers”.

Fig. 60: Exemplo do *link* construído pela automação

5	das almas foi na companhia do vigario, o P(adr)e Ramos visitar aquelle logar deste muito tempo abandonado p(ara) conhecer o logar e a gente alli domiciliada, as necessidades espirituaes a tomar as providencias exigidas afim de poder estabeler alli uma cura de almas bem organisadas e estavel. D(om) Mauricio prega no convento das <u>Mercês</u> e e o s(anto) Retiro e umas meninas de /I [comunhão] /	
10	<u>Dia 29</u> Os nossos irmãos Vicente e Celestino prestaram exame de Moral e de direito perante o Rev(erendissi)mo S(enho)r D(om) Abbade, sendo examinador delles	

Fonte: PAPÉIS..., 2018.

Fig. 61: Exemplo do *menu* construído pela automação

5	das almas foi na companhia do vigario, o P(adr)e Ramos visitar aquelle logar deste muito tempo abandonado p(ara) conhecer o logar e a gente alli domiciliada, as necessidades espirituaes a tomar as providencias exigidas afim de poder estabeler alli uma cura de almas bem organisadas e estavel. D(om) Mauricio prega no convento das <u>Mercês</u> e e o s(anto) Retiro e umas meninas de /I [comunhão] /	
10	<u>Dia 29</u> Os nossos irmãos Vicente e Celestino Moral e de direito perante o Rev(erendissi)mo S(enho)r D(om) Abbade, sendo examinador delles	Livre de Crônicas Fólios: 51r-102r Livre de Aforamentos Fólios: 7v

Fonte: PAPÉIS..., 2018.

O clique no *link* direciona o leitor exatamente para o fólho selecionado, graças ao atributo `<a = name>`, que funciona como uma âncora que puxa o *link* para um ponto específico do texto, uma espécie de marcador dentro do texto HTML.

Fig. 62: Exemplo do *menu* construído pela automação

1	Mercês   <i>Mercês</i>	7v	
	Digo eũ IgnacioGomes Martins q(ue) /arendo/ [#]		
	rendos P(adres)deS(ão) Bento osfundos daterra [#]		
	as cazas /sitas/ narua direita dao[#]		
5	[†] [†] arua dofogo adonde [#]		
	[†] /Leandro/ martins p(ar)a nelles fazer [#]		
	[†] pellos coeis paragarei derenda [#]		
	eos [†] /sento/ ecoerenta reis [#]		
	da atrazer dito moosteiro [#]		

Fonte: PAPÉIS..., 2018.

Os topônimos e antropônimos selecionados são seguidos de duas pequenas bolinhas, uma verde e uma bege (Fig. 62), a bolinha bege aciona um link oculto da mesma página, em que aparece uma imagem do convento no quadro bege localizado na margem direita da página. Já a verde apresenta um *link* direcionando o leitor para uma página externa à edição que apresenta alguma informação extra sobre o termo. O termo exemplificado, Mercês, apresenta um encaminhamento para página <http://www.igrejas-bahia.com/salvador/merces.htm>, onde o leitor poderá encontrar a história do convento das Mercês, fotos antigas do mesmo e outros *links* sobre a localidade.

Vale citar que, no caso específico da Coleção de Livros do Tombo, foi necessário inserir um critério para preservar a real proposta deste trabalho, uma vez que, em tal documento, por vezes aparece indicação palavras que poderiam ser topônimos na condição de antropônimo, como é o caso de Piedade, presente em nomes como Frey Angello da Piedade, (fólio 34v do Livro I do Tombo). Na incerteza da condição desses nomes, optou-se pela inclusão de colchetes duplos em todos os termos que deviriam ser *linkados* no texto, fazendo com que houvesse uma diferenciação para que a automação consiga identificar, com mais precisão, os elementos a serem linkados.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O começo da pesquisa foi em uma biblioteca, na qual pode-se viver o *mal d'archive*. Coletados os dados necessários, iniciou-se uma novam pesquisa em um novo modelo de biblioteca, as bibliotecas de classe, presente nas plataformas *java*. Nessa pesquisa não se procurou mais livros ou documentos, mas articulações capazes de fazer os movimentos de acesso aos dados das edições, preservando as suas características filológicas e, paralelamente, sendo de fácil acesso ao leitor, pois se tem consciência de que uma demanda do século XXI é a facilidade de acesso à informação.

Se a sociedade muda, consequentemente, as práticas sociais comuns a essa era também vivenciam as alterações, como se pode observar, por exemplo, desde os hábitos mais primitivos como alimentar-se, afinal, tornou-se comum a troca de receitas culinárias nos espaços virtuais, possibilitando mescla de culturas alimentares e diminuindo significativamente a produção de cadernos de receitas, mas não conduzindo à plena extinção de tal gênero textual. Pode-se citar, também, a cultura de valorização da imagem implementada, principalmente, pelas redes sociais: as pessoas postam e compartilham, constantemente, imagens de suas rotinas diárias, de seus hábitos alimentares, viagens, enfim... a vida **precisa** estar *on-line* e, sendo assim, neste momemto o leitor desta tese não chega ao fim do trabalho, mas sim, ao convite para entrar nesse mundo virtual por meio do site www.papeisquenarram.com.br. Lá encontra-se, de fato, a edição digital.

Boa navegação a todos!

REFERÊNCIAS GERAIS

ALMEIDA, I. S. **Três fios do bordado de Jurema Penna: leituras filológicas de uma dramaturgia baiana**. 246 f. il. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

_____. **A crítica filológica nas tessituras digitais: arquivo hipertextual e edição de textos teatrais de Jurema Penna**. 320 f. il. 2014. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. [Impresso + Recurso digital]

ANDRADE, Marla Oliveira. **Uma porta para o passado: edição de documentos dos séculos XVI e XVII do Livro I do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia** – 2009. 342 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2010.

_____. LOSE, Alícia Duhá. Pesquisas filológicas nos acervos da Biblioteca Histórica do Mosteiro de São Bento da Bahia. **Scripta Philologica**. Salvador, n. 3, 2007. CD-ROM.

BARREIROS, Patrício Nunes. **O Pasquineiro da Roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2015.

_____. **O Pasquineiro da roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta**. 2013. 386 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

BARTHES Roland. **Introduction à l'analyse structurale des récits**. Communications, Paris, v. 8, n. 2, 1966. p. 1-27.

BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Filologia e edição de texto. In: BORGES, Rosa et al. **Edição de texto e crítica filológica**. Salvador: Quarteto, 2012. p. 15-59.

CAFIERO, Delaine. **A construção da continuidade temática por crianças e adultos: compreensão de descrições definidas e de anáforas associativas**. 2002. 207 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270565/1/Cafiero_Delaine_D.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora UNESP, 2009.

_____. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

CLÉMENTF, Jean. **Hipertexto e complexidade**. Tradução de Antônio Carlos Xavier. Revista digital Hipertextus revista digital. Disponível em: <www.hipertextus.net/volume7/01-Hipertextus-Vol7-Antonio-Carlos-Xavier.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2018.

CONSELHO Nacional de Arquivos. Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos. **Perguntas frequentes**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.documentoseletronicos.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=10>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

CORÔA, Williane Silva. **Edição de texto e estudo da linguagem proibida em Malandragem Made in Bahia, de Antonio Cerqueira**. 2012. 200 f. + CD. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

COSCARELLI, Carla Viana. Os dons do hipertexto. **Littera**: revista de Linguística e Literatura, Pedro Leopoldo, Faculdades Integradas Pedro Leopoldo, v. 4, n. 4, p. 7-19, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v9n3/06.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: presente, passado e futuro. Tradução de Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001.

DICIONÁRIO brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232 p. Disponível em: <<http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

DUARTE, Luiz Fagundes. **Glossário de Crítica Textual**. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, [1997]. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/cursos/etexto/glossario/glossario_PDF/E.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2016.

FILHO SOUSA, Gilberto Farias de; ALEXANDRE, Eduardo de Santana Medeiros. **Introdução à computação**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Tradução de Luciene e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade das Letras, 2006.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTES, Jacques. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1983.

GÓES, Sirlene Ribeiro. **Legendando Raccoon & Crawfish**: proposta de estudo do processo criativo de uma legendagem fílmica e de edição genética. 128f. + 1 DVD. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

HERMANSEN, Tor Erik; ERIKSEN, Mikkel Storleer Eriksen; SMITH, Shaffer Chimere. Intérprete: Rihanna. **Hate That I Love You**. New York: Def Jam, 2007. 1 CD.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JESUS, Tamires Alice Nascimento de. **Cartas de profissão dos monges do Mosteiro de São Bento da Bahia**: “certidão de nascimento” de um ser renovado. 2014. 215f. Monografia (Bacharelado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2014.

JQUERY: write less, do more. Disponível em: <<https://jquery.com/>>. Acesso em: 01 jan. 2018.

JONASSEN, David. **Computers in the classroom**: mindtools of critical thinking. New Jersey: Prentice-Hall, 1996.

LANDOW, George. **Depois do Hiper**: entrevista (2004). Entrevistador: Cícero Inácio da Silva. Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2471,1.shl>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEÃO, Lucia. **O labirinto da hipermídia**: arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Iluminuras, 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/.../files/.../LEVY-Pierre-1998-Tecnologias-da-Inteligencia.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

_____. **Cibercultura**. Tradução: José Dias Ferreira. Lisboa: Stória Editores, 1996.

LOSE, Alícia Duhá; PAIXÃO, Dom Gregório; SANDES, Anna Paula; SANCHES, Gérsica. **Dietário (1582-1815) do Mosteiro de São Bento da Bahia**: edição diplomática e estudo filológico. Salvador: Mosteiro de São Bento; Edufba, 2009.

_____. **Arthur de Salles**: esboços e rascunhos. 2004. 265 f. il. + anexos + 1 CD-ROM (edição digital). Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras em Linguística, Universidade Federal da Bahia, 2004.

_____ et al. Edições digitais de manuscritos: do século XVI ao século XXI. In: CIRILLO, José; PASSOS, Marie- Hélène Paret (Org.). **Materialidade e virtualidade no processo criativo**. Vinhedo: Horizonte, 2011. p. 77-99.

LOURENÇO, Isabel Maria da Graça. **The William Blake Archive**: da gravura Iluminada à edição eletrônica. 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Língua e Literaturas Modernas. Coimbra. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/12069>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

LUCÍA MEGÍAS, José Manuel. **Elogio del texto digital**, claves para interpretar el nuevo paradigma. Madrid: Fórcola. 2012

MACHADO JUNIOR, Alan Nunes; SANTOS, Rosa Borges. O texto do editor crítico e as novas tecnologias: notícias da construção de um arquivo hipertextual. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS FILOLÓGICOS, 1.; SEMINÁRIO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS, 7. **Anais...** Salvador: Quarteto Editora, 2012.

MAGALHÃES, Livia Borges Souza. **Fazendo filologia entre tags e dígitos binários**: uma proposta de edição do *Livro de Crônicas* do Mosteiro de São Bento da Bahia. 2013. 406f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, 2013. DVD.

_____. **Pequenas análises do Livro de Aforamentos do Mosteiro de São Bento da Bahia**. 2010. 85f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Letras Vernáculas) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social. In: ZILBERMANN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro. (Org.). **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1988.

_____. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. **Linguagem e Ensino, Recife**, v. 4, n. 1, p. 79-111, 2001. Disponível em: <<https://goo.gl/2ogH51>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

MARTINS, Aracy Alves; MACHADO, Maria Zélia Versiani. A literatura e a versatilidade dos leitores. In: MARTINS, Aracy Alves; MACHADO, Maria Zélia Versiani; PAULINO, Graça; Belmiro, Celia Abicalil (Org.). **Livros e telas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MARTINS, Aulus Mandagará. **As margens do texto nas margens do cânone**: paratexto, texto e contexto em Luanda e Mayombe. *IPOTESI*, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 169-177, jul./dez. 2010.

MCGANN, Jerome. **Radiant textualit**: literature after the world wide web. New York: Palgrave, 2001.

MORAGA, Angel Luis Rubio. **Historia e internet**: aproximacion al futuro e la labor investigadora. Disponível em: https://www.academia.edu/5875997/Historia_e_Internet_aproximaci%C3%B3n_al_futuro_de_la_labor_investigadora. Acesso em: 10 jun .2017

MORRÁS, María. Informática y crítica textual: realidad y deseos. In: VEGA, María José (Coord.). **Literatura hipertextual y teoria literária**. La Rioja: Mare Nostrum Comunicación, 2003. p. 225-240

MOTA, Mabel Meira. **Da trama do arquivo à trama detetivesca de Irani ou As Interrogações, de Ariovaldo Matos**: leitura filológica do arquivo e edição do texto. 2012. 220 f. + DVD. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

_____. **Filologia e Arquivística em tempos digitais:** o arquivo hipertextual e as edições filológicas de *A Escolha ou o Desembestado de Ariovaldo Matos*. 2017. 220 f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

NUNES, Marília Andrade. **Do rascunho ao hipertexto:** edição de sermões de Frei Domingos da Transfiguração Machado. 2013. 229 f. + 1 DVD (edição digital). Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental.** São Paulo: Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria. Clara. **Conceito material de texto digital:** um ensaio. *Texto Digital* (UERJ), Rio de Janeiro, v. 5, n 2, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2009v5n2p159/13192>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

_____. **Texto digital:** uma perspectiva material. *Revista ANPOLL* (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), v 1, n 35, 2013. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/643/712>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

PRENSKY, M.: Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. **On the Horizon.** NCB University Press, v. 9, n. 5, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **A Lição do texto:** filologia e literatura (Idade Média). Lisboa: Edições 70, 1979.

PROCÓPIO, Ednei. **O livro na era digital:** o mercado editorial e as mídias digitais. São Paulo: Giz Editorial, 2013.

REGIMENTO que levou Tomé de Souza governador do Brasil, Almerim, 17/12/1548. Disponível em: <http://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/1.3._Regimento_que_levou_Tom_de_Souza_0.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2016.

RIBEIRO, Ana Elisa. Os hipertextos que Cristo Leu. In: ARAÚJO, Júlio Cesar; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. **Interação na Internet:** novas formas de usar a linguagem. Rio e Janeiro: Lucerna, 2005.

SAKATE, Marcelo. Brasil, cheguei. **Veja.** São Paulo, ano 50, n. 43, p. 62-64, 25 out. 20 17.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço:** o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Rosa Borges dos; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Filologia e edição de texto. In: SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). **Edição de texto e crítica filológica.** Salvador: Quarteto, 2012. p. 15-59

SÃO BENTO. **A Regra de São Bento**. Tradução e notas de Dom João Evangelista Enout (OSB). 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Lumen Christ, 1980. Edição Bilingue Latim-Português. Disponível em: <<http://www.osb.org.br/regra.html>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

SENNA, Francisco. Os beneditinos na Bahia. In: PAIXÃO, Dom Gregório (Org.). **O Mosteiro de São Bento da Bahia**. Salvador: Versal Editores, 2011.

SCHMIDT, Eric; COHEN, Jared. **A nova era digital**: como será o futuro das pessoas, das nações e dos negócios. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray; UNSWORTH, Jonh. **A companion to digital humanities**. 2004, Oxford: Blackwell. Disponível em: <<http://www.digitalhumanities.org/companion/>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

SERRA, Liliana Giusti. **Livro digital e bibliotecas**. Rio de Janeiro: FGV, 2014

SILVA, Pablo Ricardo Roxo. **BlinG**: uma plataforma de aventuras-solo para dispositivos móveis e usuários portadores de deficiência visual. (no prelo)

SOBRAL, Maria das Graças Teles. **Abreviaturas**: uso e função nos manuscritos - 2008. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SOUZA, Arivaldo Sacramento. **Nas tramas de Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá**: crítica filológica e estudo de sexualidades – 2014. 358 f. + DVD. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, 2014.

SOUZA, Débora. **Aprender a nada-r e Anatomia das feras, de Nivalda Costa**: processo de construção dos textos e edição. 2012. 251 f. + CD. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

TANENBAUM, Andrew Stuart. **Redes de Computadores**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999.

THOMPSON, John Brookshire. **Mercadores de Cultura**. São Paulo: UNESP, 2013.

URBINA, Eduardo; FURUTA, Richard; KOCHUMMAN, Rajiv; MELGADO, Eréndira. **El texto como hipertexto**: la edición variorum del Quijote. 2009. Disponível em: www.ojs.unito.it/index.php/artifara/article/viewFile/2429/2232. Acesso em: 15 ago. 2017

WOOD JR, Thomaz. Caos: A criação de uma nova ciência? As aplicações e implicações da Teoria do Caos na Administração de Empresas. **Rev. Adm. Empresas**, v. 33, n. 4, p. 94-105, 1993.

XAVIER, Antonio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). **Hipertextos e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 207-220.

REFERÊNCIA DAS IMAGENS

ART + marketing, 2016. **An honest commentary on various styles of WordArt**. Disponível em: <https://artplusmarketing.com/an-honest-commentary-on-various-styles-of-wordart-cd4323eaf750>. Acesso em: 02 fev. 2018. 1 fotografia.

BAHIA turismo. **Painel de azulejos portugueses representativo do marco de fundação da cidade de Salvador**. Disponível em: <http://www.bahia-turismo.com/salvador/barra/marco.htm>. Acesso em: 8 fev. 2016. 1 fotografia.

BINDILATTI, Almir. **Fotografias do Mosteiro de São Bento da Bahia**. 2010. 6 fotografia.

BYRD, Matthew. **Microsoft Ends Production of the Kinect**, 2017. Disponível em: <http://www.denofgeek.com/us/games/kinect/268501/microsoft-ends-production-of-the-kinect>. Acesso em: 18 fev. 2018.

GUIA geográfico cidade de Salvador. **Reconstituição de Salvador em 1600**. Disponível em: <http://www.cidade-salvador.com/seculo16/salvador-1600.htm>. Acesso em: 8 fev. 2016. 1 fotografia.

HAMEL, Christopher De. **Manuscritos notáveis**. Tradução Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

INSTITUTO pró-livro. **Retrato da Leitura no Brasil**. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf. Acesso em: 18 set. 2017. 1 fotografia.

KAYAK wallpaper, 2017. **Best of award winning photos freewareweb screenshot screen shot for multi Icq Maker**. Disponível em: <http://big5kayakchallenge.com/wp-content/uploads/2018/01/best-of-award-winning-photos-freewareweb-screenshot-screen-shot-for-multi-icq-maker-award-winning-photos.gif>. Acesso em: 02 fev. 2018. 1 fotografia.

KLEINA, Nilton. **11 comunidades clássicas do Orkut**, 2014. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/orkut/58432-11-comunidades-classicas-orkut.htm>. Acesso em: 02 fev. 2018. 1 fotografia.

LIVINGSTONE, Ian. **O calabouço da morte**, 1984. Disponível em: <https://onedrive.live.com/?cid=E0D6306CA0516ED5&id=E0D6306CA0516ED5%21783&parId=E0D6306CA0516ED5%21689&o=OneUp>. Acesso em: 15 nov. 2017.

LOPES, Graça Videira; FERREIRA, Manuel Pedro; et al. **Prints de tela do site das Cantigas Galego portuguesa**. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt>. Acesso em 10 out. 2017. 9 fotografias.

MAGALHÃES, Livia Borges Souza. **Biblioteca do Mosteiro de São Bento da Bahia**. Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia. 2016. 3 fotografias.

_____, Livia Borges Souza. **Fazendo filologia entre tags e dígitos binários: uma proposta de edição do Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia**. 2013. 406f. Dissertação

(Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, 2013. DVD.

_____. **Levantamento sobre uso material de leitura para estudo acadêmico**. Disponível em: <<https://docs.google.com/forms/d/1ZmOeUTlVOnjbnx3MjRQxlUMgUTHynCZO0-b8qQyn7Pw/edit>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

_____. **Livro de Aforamentos do Mosteiro de São Bento da Bahia**. Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia. 2009. 2 fotografia.

_____. **Livro de Crônicas do Mosteiro de São Bento da Bahia – 1920/1934**. Fotografia pertencente ao Mosteiro de São Bento da Bahia. 2012. 20 fotografia.

_____. **Papéis que narram**. Disponível em: <<http://www.papeisquenarram.com.br>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

MARTIN, Rheagan. **Decoding the Medieval Volvelle**. Disponível em: <<http://blogs.getty.edu/iris/decoding-the-medieval-volvelle/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental**. São Paulo: Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PIGNATERE, Délcio. **Coca-cola**, 1957. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/concretismo-poesia-e-arte/>. Acesso em: 15 nov. 2017.

REMMELIN, Johann. **Volvelle de anatomia**, 1658. Disponível em: <<http://www.conservators-converse.org/2013/06/41st-annual-meeting-book-paper-session-may-29-flip-flap-and-crack-the-conservation-of-400-years-of-anatomical-flap-books-by-meg-brown/>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

TEMP, 2000. **Charge sobre baixar arquivos na internet**. Disponível em: <https://carnaxehumor.files.wordpress.com/2011/01/zifio.gif?w=614>. Acesso em: 15 nov. 2017.

TENSO, 2011. Disponível em: <<http://tenso.blog.br/bons-tempos-2/>>. Acesso em: 02 fev. 2018. 1 fotografia.

VINCI, Leonardo da. **Codex Arundel**. Disponível em: <http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Arundel_MS_263>. Acesso em: 15 nov. 2017.

WATTPAD, 2018. Disponível em: <<https://www.wattpad.com/home>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

WHEN you like the band for 18 years. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/originals/76/d2/b3/76d2b366f9a14a84f7effe9645bd5bc.jpg>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

APÊNDICE

ODE À TECNOLOGIA

Certa feita, ouvi que, em uma tese, nós temos autonomia para escrever de forma mais livre, assim tomo dessa liberdade para adotar um tom mais ensaístico/cronístico para fazer uma espécie ode à tecnologia, exaltando o quanto ela tem sido positiva na sociedade do século XXI. Destaco que tenho consciência de que tecnologia não se aplica somente aos computadores, mas ficarei nesse clichê.

Não sei ao certo quando me tornei uma entusiasta da tecnologia, mas meus pais contam que, na minha primeira infância, eles não podiam me deixar sozinha vendo televisão porque eu era fascinada pelo aparelho e queria entender como ele funcionava. Na época, os televisores eram de tubo e, na minha cabeça de criança, pessoas moravam ali dentro e eu queria abrir para verificar como era a vida delas e como faziam para aparecer na tela. Perdi muitos brinquedos porque eu os abria para tentar entender a tecnologia por dentro deles e, claro, não conseguia mais fechar. Meus pais fizeram certo em me manter distante da TV, mas desmontar aparelhos era a minha forma de buscar conhecimento tecnológico, já que eu não tinha acesso à internet na época para fazer pesquisas e as informações sobre tecnologia que chegavam até mim pela televisão, maior meio de comunicação do período, não me satisfaziam. Por que ter uma empregada doméstica robô, como eu via nos *Jetsons*? Ou qual o sentido de um carro voar, como em *De volta para o futuro*, se já tínhamos o avião? Eu precisava dos meus meios para aprender, e com a chave de fenda na mão... eu fui.

Começo o meu tom elogioso agradecendo à tecnologia por pequenas mudanças ocorridas dentro de minha casa na minha infância: a primeira delas, o controle remoto. Depois que ele chegou, eu nunca mais tive que parar as minhas brincadeiras de criança para: - mudar de canal ali para a mamãe; a máquina de lavar, que fez minha mãe parar de reclamar um pouco (só um pouco) pelas roupas que eu sujava, principalmente na escola; e o micro-ondas, que passou a garantir mais rapidez no aquecimento de TUDO e na feitura de pipoca. Cheguei a ver minha casa sem esses instrumentos e asseguro que tudo mudou depois da vinda deles. *Obrigada, Tecnologia – Parte I.*

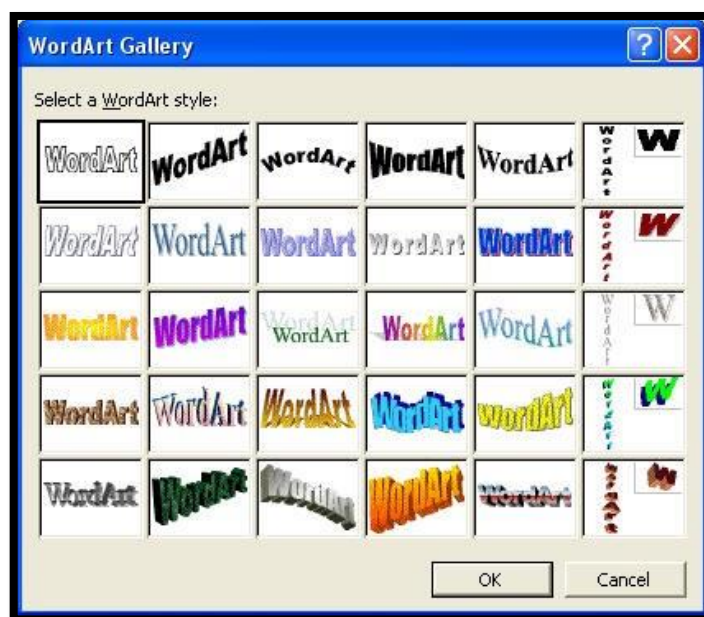
Não nasci conectada, mas era um ser humano em formação quando a novela *Explode Coração*, exibida na Rede Globo no horário das 20 horas, apresentou a internet ao Brasil, mostrando o relacionamento virtual da cigana Dara com o empresário Júlio, isso em 1995. O enredo era bem fantasioso: ela morava no Brasil e ele era brasileiro, mas estava nos Estados Unidos a trabalho. Um belo dia, Dara soube que seria obrigada a casar com alguém com quem

ela não amava e fez uma ligação usando o computador, uma ligação aleatória que caiu no computador de Júlio. Eles conversaram naquele momento e, depois disso, todas as ligações de Dara caíam no computador dele e o contato constante fez com que os dois se apaixonassem. Hoje, eu, olhando essa história, acho-a bem risível, mas foi por meio dela que nós, brasileiros, conhecemos a internet e passamos a querer um computador. O meu só chegou em 1997, quando eu tinha 11 anos e minha mãe passou em um concurso público para cargo de digitadora, uma habilidade de poucos naquela época, mas ela possuía porque havia feito curso de datilografia na adolescência.

Os meus primeiros contatos com a máquina foram, basicamente, para jogar Paciência, Freecell ou brincar no Paint, fazendo desenhos esdrúxulos. O acesso à internet era caro, pois se pagava uma ligação para cada 30 minutos de conexão, um valor consideravelmente caro, mas logo as operadoras de telefone deram opções mais baratas: conexão depois de meia-noite, durante a semana, e depois das 14 horas do sábado eram cobradas como uma única ligação, independentemente do tempo de conexão, sendo que, a cobrança voltava ao normal às 8 horas do dia seguinte ou às 8h da segunda-feira, respectivamente. A internet nem chegava às casas e já começava a acabar com a saúde do sono das pessoas, visto que era comum esperar os horários mais baratos para conexão e eu, claro, fazia isso, mas vamos esquecer esses detalhes porque o objetivo aqui é elogiar.

O barulho do discador dos provedores da época permeia a mente de todos os usuários da *web* nos anos 1990. Sobre o mundo virtual daquele momento, não tenho muito a dizer ... era lento e as telas tinham resolução ruim, mas era possível fazer coisas interessantes como pesquisas escolares em sites como o *Cadê?*. Na minha vida estudantil, era o começo da mudança: deixei de ter que me virar com a *Barsa* ou com os antigos livros da família; meus trabalhos tinham as capas mais lindas e coloridas graças à galeria de arte para letras disponível no Word, e eu me sentia o ser humano mais poderoso do mundo porque encontrava informação sobre tudo o que queria. *Obrigada, tecnologia – Parte II.*

Fig. 63: Galeria WordArt presente nos programas do pacote *Office da Microsoft*



Fonte: ART..., 2016.

No auge da adolescência, o foco do uso da tecnologia voltou-se para diversão, sendo a principal delas a possibilidade de conversar em tempo real com os amigos ou conhecer gente nova nas salas de bate-papo como a do *Uol*, uma das mais populares do Brasil. Era escolher a sala, criar o *nick*^k, enfeitar o *nick*^l (etapa crucial!) e entrar na sala escolhida lançando a clássica pergunta: *-oi, alguém quer tc^m?* Logo apareceriam diversas pessoas e os papos eram sobre os mais variados assuntos. Eu sempre fui desconfiada com o desconhecido e, por isso, nunca me expus abertamente nesses espaços virtuais, mas vi amigos se lançarem e construírem grandes amizades e, até mesmo, namoros. *Agradeço por eles, tecnologia – Parte III.*

Faço um acréscimo nesse último agradecimento para falar do ICQ, um programa que permitia criar salas específicas de bate-papo e meus amigos da escola criaram uma para nossa turma, denominada, por questões óbvias, de *O mangue*. Passei noites *no mangue* conversando e selando mais e mais a minha necessidade de comunicação. Neste momento puxo aquele terceiro agradecimento para mim também.

^k *Nick* é uma abreviatura de "*nickname*", ou seja, o apelido escolhido para ser utilizado nas salas de bate-papo.

^l Enfeitar o *nick* é colocar emotions ao redor do apelido escolhido.

^m *tc* é a forma abreviada de *teclar*.

Fig. 64: Tela inicial do ICQ



Fonte: KAYAK..., 2017.

As opções de diversão cresciam com a popularização de outros programas de conversa em tempo real como, por exemplo, o MSN, popularização essa possível por uma única razão: *design*. Ele tinha as mesmas funcionalidades do ICQ, mas era mais limpo, mais fácil de manusear e ganhou espaço na vida de todo mundo, sendo, inclusive, o real responsável pelo fim das barreiras geográficas de que tanto se fala quando há referência à internet. Antes era comum somente a troca de *e-mails* com os parentes distantes, mas, com o MSN, passou a ser realmente possível e acessível se conectar com o outro lado do mundo, ver e ouvir as pessoas amadas que moravam distante. *Obrigada, tecnologia – Parte IV.*

Nessa mesma época eu percebi, minto, não percebi, mas fiz... a mudança na forma de consumir música. Antes, eu, amante da arte, usava e abusava das *fitas k7* para conseguir a *playlist* ao meu gosto. Eram horas ouvindo rádio no *walkman*, aturando comerciais e tagarelice de radialista para conseguir gravar a música desejada (nem sempre da forma ideal... às vezes a música ficava sem as frases iniciais) para ouvi-la posteriormente, sempre que tivesse vontade ou até meu *walkman* puxar a fita magnética e amassá-la, fazendo-me perder todas as gravações. A internet apresentou a possibilidade (errada, mas muito usada, inclusive por mim!) de baixar as músicas, em formato mp3, salvá-las em CD-ROM (os primeiros computadores só tinham leitores de CD-ROM) e ouvi-las, inclusive, com uma qualidade sensivelmente melhor do que das fitas, em aparelhos como *minisystem* ou *discman*. Tenho até hoje o primeiro CD que fiz: seis músicas baixadas em dois dias de trabalho duro, todas elas *hits* adolescentes da época, coisa

que eu consumia da *Music Television* (MTV), era a Cultura de Convergência observada por Jenkins chegando em minha vida. *Obrigada, tecnologia - Parte V.*

As opções de diversão cresciam um dia após o outro, assim como a disseminação da internet banda larga, uma facilitadora do acesso à rede, visto que, o pagamento era feito por assinatura mensal, o que tornava sensivelmente mais tangível para a maioria da população brasileira. Nesse momento os convites para acessar o Orkut começaram a aparecer. Cada pessoa que entrava tinha o direito de convidar dez amigos, uma estratégia de *marketing* maravilhosa, pois todos queriam ser convidados para esse grande evento virtual. Eu recebi o meu, entrei na rede, não entendi muito, mas permaneci ali – frequentando e tentando entender – o porquê de todos entrarem. Comecei a encontrar e fazer contato pessoas com quem eu não tinha notícias há muitos anos, como os meus amigos do jardim da infância, por exemplo, e passei a entender que participar de uma comunidade era estar junto com pessoas que compartilhavam algum sentimento com você.... e lá estava eu entre os mais de 6 milhões reunidos na *Eu odeio acordar cedo*, a maior comunidade do Orkut. *Obrigada, tecnologia – Parte VI.*

Fig. 65: Página inicial da maior comunidade do Orkut



Fonte: KLEINA, 2014.

No Orkut só existia a possibilidade de colocar dez fotos no álbum, isso porque ter uma foto digital era um privilégio de poucos. Não lembro quando consegui tirar a primeira foto assim, mas lembro-me que a minha primeira câmera digital veio em 2006, um presente de aniversário que me marcou significativamente porque eu era (deixei de ser... explicarei posteriormente) um ser humano que gostava de registrar os momentos com fotografia e, para usufruir desse gosto, antes, eu precisava comprar (ou melhor... implorar aos meus pais que comprassem) o filme, tirar as fotos, rebobinar o filme, levar para uma loja de revelação de filme e esperar uma semana ou mais para receber o pacote com as fotos. Era bom quando elas vinham boas, muito ruim quando eu recebia o pacote e constatava que tudo ficou escuro ou cortado e muito pior quando filme queimava. Ah... quantas memórias ficaram só na lembrança porque o filme queimou!! A câmera digital, com seu cartão de memória de 4Gb, garantia mais de 1000 fotos, que podiam ser vistas logo depois de tiradas para assegurar a sua qualidade. *Obrigada, tecnologia – Parte VII.*

Rebobinar... esse verbo me lembrou que tenho um agradecimento a fazer pela revolução no modo de consumir filme. Como uma boa amante da sétima arte, mas não cheia de dinheiro para montar a minha filmoteca, eu alugava filmes. Esperava a manhã de sábado, sim, tinha que ser de manhã porque era quando se achavam filmes bons, para visitar a locadora do bairro e escolher o que eu queria assistir. Essa era a minha atividade... e do bairro inteiro! A nossa única locadora parecia a filial do inferno em que nós, pobres diabinhos sedentos por diversão no final de semana, permanecíamos horas entre as prateleiras. Vídeo escolhido, hora de ir para casa, diversão curtida, mas não podíamos esquecer de rebobinar a fita VHS para não pagar multa na hora da devolução. Os DVDs chegaram, trazendo vídeos de melhor qualidade, que não precisavam ser rebobinados, mas que a gente ainda alugava porque compra-los não era barato. Tudo permaneceu assim até a banda larga trazer a possibilidade de baixar o filme direto da web e gravar no DVDs para assistir no aparelho da casa... era o fim da saga locadora. *Obrigada tecnologia – Parte VIII.*

Outra diversão constante que o mundo virtual aprimorou foi jogar. Se antes o comum era ficar pedindo a segundos, terceiros e quartos que formassem uma equipe para uma boa partida, além da exigência de cuidado constante para não perder as peças dos jogos, com a tecnologia bastava ligar o computador ou o videogame para ter todo o material necessário para horas de distração. Os primeiros videogames vinham com um jogo armazenado na memória e permitiam, por meio do uso de cartuchos de armazenamento, que normalmente eram alugados tal qual os filmes, que outros jogos fossem rodados. Esses cartuchos, por vezes, ficavam sujos, obrigando os jogadores a passarem alguns minutos soprando a poeira do leitor do aparelho para

consegui-lo fazer funcionar. O meu primeiro videogame foi um *Master System* sem fio, uma revolução para época, mas que me fez gastar muito dos meus pulmões para conseguir passar algumas horas colocando o porco espinho *Sonic*, meu personagem de jogo predileto, para correr. *Obrigada tecnologia – Parte IX.*

Fig. 66: Imagem brincando com o hábito de soprar as fitas de videogame para fazê-las funcionar



Fonte: TENSO, 2011.

Como a grande característica da tecnologia computacional é continuar a caminhada em prol de mais melhorias para facilitar o uso e atrair mais usuários (não vamos ser ingênuos e esquecer de todo mercado que essas mudanças alimentam), tudo o que eu achava bom foi ficando ainda melhor. A conexão por fibra ótica assegurou mais velocidade no acesso à rede mundial; os computadores foram ficando mais modernos, diminuindo em tamanho ao mesmo tempo em que melhoravam em resolução e velocidade de processamento, fazendo com que o seu uso fosse sendo uma tarefa mais agradável e comum. Foi nesse momento que eu abandonei o uso do computador de mesa e me tornei usuária da tecnologia móvel, caracterizada pelos *smartphone* e *notebooks*. *Obrigada tecnologia – Parte X*

O cenário atual é caracterizado pelo aumento das redes sociais, pois, se outrora era apenas o Orkut, temos hoje, por exemplo o Facebook, Instagram, Snapchat, WhatsApp, Pinterest, sendo interessante observar que todas elas prezam pela divulgação de imagem, seja por foto, por vídeo, *Graphics Interchange Format* (GIF), denotando uma valorização do compartilhamento de imagem, definida por pessoas como o publicitário Dado Schneider (2017) como *A era do aparecer*, sendo esse o motivo que me faz gostar menos dos registros fotográficos, mas não por achar ruim o compartilhamento e estar aqui traindo a minha ode;

adoro consumir os frutos dessa era e observar o que meus amigos andam fazendo, o tipo de show aos quais estão indo, o que estão comendo... enfim... tudo o que é compartilhado, entretanto, não me sinto bem em gerar esse tipo de informação da mesma forma que vejo algumas pessoas fazendo. Em suma, não acho ruim, só não me adaptei por completo a esta mudança, mas ainda assim sou grata a ela. *Obrigada tecnologia – Parte XI.*

Consumir arte tornou-se mais fácil com os serviços de *streaming*, em que há a distribuição do dado desejado utilizando a *web*, sem que haja a necessidade de armazenar em espaço físico do computador. É esse o serviço prestado por programas como, por exemplo, o Spotify, para música; pelo Netflix, para filmes e séries; e pelo Wattpad para livros. É possível imaginar que eu, sofredora das fitas k7, hoje, quando quero ouvir uma música, abro o aplicativo no meu *smartphone*, escolho e escuto. A imagem a seguir é bem representativa desse consumo musical. *Obrigada tecnologia – Parte XII.*

Fig. 66: Imagem brincando com a mudança no processo de consumir música



Fonte: WHEN..., 20?0.

Faço um acréscimo a um serviço de *streaming* em especial, o Wattpad, primeiro pela possibilidade de abertura para novos escritores. Se antes havia a necessidade de escrever toda a obra, enviar para que possíveis editoras avaliassem o material e, assim, transformassem os escritos em livros, agora, com o aplicativo, qualquer um pode criar a sua obra, cuidando de todos os elementos paratextuais que acharem convenientes, do método de publicação (se a obra toda de uma vez ou por capítulos) e recebendo os comentários dos leitores, indicando um *feedback* imediato da recepção. Diversas editoras têm feito o caminho contrário do convencional e procurado obras de destaque na plataforma virtual para serem publicadas sobre o seu selo, caso, por exemplo, de Marina Coelhoⁿ, autora da série *Máfia D'Angelo*, uma enfermeira, de 23 anos, que trabalha em regime de plantão em um hospital de Praia Grande, litoral paulista, e que nunca pensou em ser escritora, mas, por estímulo de amigos, encontrou no Wattpad um espaço de diversão, entretanto, *Lúcifer – Máfia D'Angelo – Livro I*, segunda história que ela publicou no aplicativo, foi lida por 756 mil pessoas e, muito em breve, se tornará um livro físico e *on-line* publicado pela Editora Angel, que contatou a autora em função do sucesso da obra. Eu, consumidora de leitura, fico feliz ao ver o mercado, outrora tão seletivo, sendo invadido de maneira tão abrupta por pessoas que escrevem significativamente bem, mas que, talvez, nunca tivessem espaço para publicar nas editoras tradicionais. Se a publicação de *Harry Potter* foi recusada uma dúzia de vezes antes de ser aceita pela Bloomsbury, imagina a *Máfia D'Angelo*. *Obrigada tecnologia – Parte XIII*.

Ainda sobre o Wattpad, tenho outro agradecimento a fazer: ele ressignificou as minhas práticas de leitura graças à inclusão de vídeo, *player* de música, GIF e imagens. Destaca-se que ele não é um *e-pub* por não ter as características comuns a esse formato, mas o aplicativo foi desenvolvido com a inclusão desses elementos no texto escrito. Eu sempre li ouvindo música, mas nunca havia tido a experiência de ter uma trilha sonora específica para a leitura, como alguns autores do aplicativo apresentam. No meu caso, a mais significativa foi ler a reconciliação de um casal ao mesmo tempo em que ouvia *Hate that I love you*, cantada por Rihanna e Ne-yo. Foi uma sensação quase cinematográfica, a descrição do reencontro, o amor dos dois e na minha cabeça ecoando “[...] I hate how much I love you, boy (yeah)/ I can't stand how much I need you (I need you)/ And I hate how much I love you, boy (ooh, whoa)/ But I just can't let you go/ And I hate that I love you so (ooh)” (ERIKSEN; HERMANSEN; SMITH, 2007). *Obrigada tecnologia – Parte XIV*.

ⁿ Marina Coelho é um pseudônimo usado pela autora em questão para preservar a identidade, pois sofre ameaça por parte de alguns leitores das obras que ela publica.

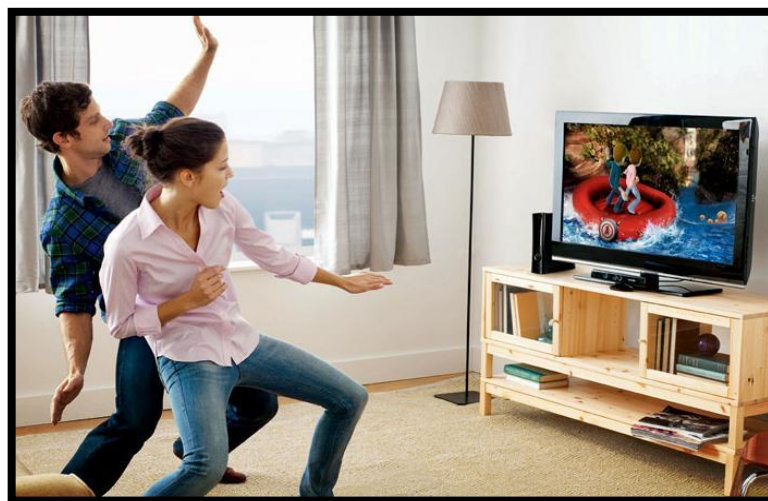
Fig. 67: Página de uma história divulgada no *Wattpad*



Fonte: WATTPAD, 2018

Sobre jogar, hoje tenho videogames bem menores, mais leves, com uma resolução gráfica absurdamente melhor do que a dos anos 1990/2000 e que apresentam verdadeiras narrativas para dar sentido ao jogo, caso, por exemplo, de *God of War*, o meu preferido, que conta toda a trajetória de Kratos, o Deus da Guerra, para conseguir resolver pelejas com os deuses do Olimpo. Além disso, preciso destacar o caso dos jogos em que o meu corpo funciona como controle graças à ação de sensores de movimento, fazendo com que o ato de jogar deixe de ser referência para sedentarismo e funcione, inclusive, como uma atividade física. *Obrigada tecnologia – Parte XV.*

Fig. 68: Pessoas jogando com o corpo



Fonte: BYRD, 2018

Por fim, chega o momento de agradecer pelos auxílios nos meus trabalhos acadêmicos. Esta tese, por exemplo, precisa ser entregue em cinco cópias, o que seria de mim se tivesse que reproduzir os textos como manuscritos ou datiloscritos? E as apresentações de trabalhos sem o *Power Point* para apresentar visualmente os exemplos do que se fala e servir de lembrete sobre os temas que precisam ser abordados no momento em que o nervosismo toma conta e *dar branco* (essa é a tal Lei de Murphy)? Ou cursar a faculdade Google para sanar dúvidas sobre a concordância de um verbo ou, até mesmo, o nome de uma pessoa citado em um manuscrito do século XX, XIX, XVIII... VI...? E, mais recentemente, a possibilidade de colocar, *on-line*, parte desse acervo belíssimo e de fundamental importância que é o acervo do Mosteiro de São Bento da Bahia. Não consigo dimensionar o futuro de pesquisas com a disponibilização desses manuscritos em um espaço cada vez mais acessível para todos. *Obrigada tecnologia – Parte XVI, XVII, XVIII, XIX ...*